

CADEIRA

PATRONO

ACADÊMICO

João Gualberto de Oliveira	1	Gasparino José Romão
Plínio Salgado	2	Lineu Roque Aceiro
José Martins Fontes	3	Antonia Conceição Vaz Duarte
João Guimarães Rosa	4	Antonio Lopes Baltazar
Antonio Frederico de Castro Alves	5	Valdir Carleto
José Bento Monteiro Lobato	6	João Bosco Maciel
Luis Nicolau Fagundes Varela	7	Carlos Ferreira da Silva
Vicente Augusto de Carvalho	8	Aristides Castelo Hanssen
Amadeu Ataliba Amaral Arruda Leite	9	Alfredo Ibrahim Khouri
Ennio Chiesa	10	Clarimundo Oliveira Aguiar
Gustavo Corção Braga	11	José Alaercio Zamuner
Otávio Rodrigo Langgaard Filho	12	Jacques Miranda de Oliveira
Guilherme de Andrade e Almeida	13	Ari Baddini Tavares
Arlindo José da Veiga Cabral dos Santos	14	Eugenio Shinji Asano
Mario Raul de Moraes Andrade	15	Oscar Gonçalves
Olavo Braz Martin dos Guimarães Bilac	16	Mara Sueli de Lara Martins Carletti Lauri
Cassiano Ricardo Leite	17	Wenceslau Nasari Campos
Cecília Meirelles	18	Antonio Darci Pannocchia
Paulo de Oliveira Leite Setubal	19	Bismael Batista de Moraes
Menotti Del Picchia	20	Cesar Magalhães Borges
Marcus Vinicius Cruz de Moraes	21	José Augusto Rodrigues Pinheiro
Pedro da Silva Nava	22	Armando Atilio Colacioppo Sobrinho
Cornélio Pires	23	Espedito Pinheiro de Souza
Ibraim de Almeida Nobre	24	José Luiz Negreiros
João da Cruz e Souza	25	Isabel Borazanian Macedo de Oliveira
Hildebrando de Arruda Cotrim	26	Clovis Domingues
Pedro Dias Gonçalves	27	Silvio Ribeiro
Onofre Leite	28	Estanislau Henrique da Cunha
Silvio Ourique Fragoso	29	Ângela Maria Andreolli Gonçalves
Jonny Herminio de Melo Doin	30	Plínio Tomaz
José Edinaldo Freitas Couto	31	Newton de Carvalho Braga
Adolfo Vasconcelos Noronha	32	José Roberto Machado
Laerte Romualdo de Souza	33	Mário Yoshinaga
Geraldo Penteado de Queiroz	34	Aldo Novak
Néfi Tales	35	José João de Macedo
Antonio Filardi Luiz	36	Maria Aurora José Romão
Norlândio Meirelles de Almeida	37	Aura Gold
Milton Luiz Ziller	38	Gil Campos de Farias
Flávio Cleto Giovanni Trombetti	39	Sebastião Dácio de Moura Montans
João Ranali	40	André Figueiredo Rodrigues

Acadêmica Correspondente: Vanda Fagundes Queiroz

Acadêmicos Honorários: Eloi Pietá, Rafael Rodrigues Filho, Teresinha Silva Maltez de Souza, Gasparino José Romão Filho, Edmilson Souza Santos, Maria Alice Pereira Ramos, Mauro dos Santos Oliveira, Wilma de Melo Colacioppo e Edinha Silva.



NAVEGAR EDITORA

www.navegareditora.com.br



AGL  
ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS  
REVISTA 13 ANO XIII 2011



2011

REVISTA 13 ANO XIII 2011

AGL

ACADEMIA GUARULHENSE  
DE LETRAS

## UM 'PAÍS BRASIL' OU UM 'BRASIL NAÇÃO'

"Quando cada um se mostra como um pedaço de história, o todo se traduz em reserva de imensa sabedoria". Esta é uma afirmativa que trago comigo, que não se desfaz com o tempo. E quando as pessoas compõem um destes grupos, se preocupam com o 'conhecimento' e com o 'saber', esta afirmativa se torna ainda mais clara e viva. Quero falar dos membros da AGL – Academia Guarulhense de Letras. Este é um grupo de pessoas que engradece nossa cidade de Guarulhos. A própria população manifesta este reconhecimento, quando, por exemplo, um cidadão descobre que está diante de um Acadêmico, seus olhos brilham em sinal de respeito, dadas a 'honradez' e a 'seriedade' que a Instituição reflete. Mas também traz dentro de si a consciência de que cada Acadêmico e Acadêmica tem imensa responsabilidade diante da construção de um Novo Brasil. Sim, porque as molas que impulsionarão esta transformação são a 'Educação' e a 'cultura', ambas com o mesmo grau de importância. A 'revolução industrial' e o 'sistema capitalista' impuseram às nossas Instituições de ensino, um tipo de formação em que a preocupação maior consiste em se oferecer conhecimento para formar 'bons técnicos' e 'exímios profissionais', deixando de lado os 'valores' que formam um cidadão, quando, para criarmos um Brasil novo, dever-se-ia oferecer também 'cultura', principalmente 'cultura popular'. É ela que gera a 'identidade cultural' de cada indivíduo. Claro

**AGL**  
*Revista 13 Ano 2011*

*Vários Autores*

**AGL**  
*Academia Guarulhense de Letras*  
*Revista Nº 13 - Ano 2011*



NAVEGAR EDITORA

13ª REVISTA da AGL - Ano 2011

Copyright © by Academia Guarulhense de Letras, 2011



Editor: *Rubenal Hermano Santos*

Todos direitos desta edição, reservados para AGL  
Edição a Cargo da: COMERCIAL EDITORA  
HERMANO & BUGELLI LTDA - MF: *Navegar Editora*  
Endereço: *Rua Coronel Emidio Piedade, 659*  
Bairro: *Pari - São Paulo - SP*  
CEP: *3057-010*  
Fone: *11 3482-5055*  
Site: *www.navegareditora.com.br*  
E-mail: *navegar@navegareditora.com.br*

#### FICHA TÉCNICA

Projeto Gráfico: *Rubenal Hermano Santos*  
Preparação de originais: *Equipe navegar*  
Composição e diagramação: *Editores VBS S/C*  
Capa: *Rubenal Hermano*  
Leitura Crítica: *Autores*  
Revisão: *José Tarcísio Barbosa*

ISSN: 2237-4892

13ª Revista Guarulhense de Letras. --- AGL  
Guarulhos, SP: A Academia. 2011  
Vários autores

1. *Contos brasileiros - Coletâneas 2. Coletâneas  
brasileiras 3. Poesias brasileiras - Coletâneas*  
CDD - 869.9308  
- 869.9108

#### Índice para catálogo sistemático

1. *Contos: Coletânea: Século XXI: Literatura brasileira - 869.9308*
2. *Crônicas: Coletânea: Século XXI: Literatura brasileira - 69.9308*
3. *Poesias: Coletânea: Século XXI: Literatura brasileira - 69.9308*

Impresso no Brasil - 2011 - Printed in Brazil



## APRESENTAÇÃO

### PALAVRAS DE ETERNA GRATIDÃO

Muito obrigado! Estas são palavras mágicas, que abrem incontáveis portas e mantêm acesas as esperanças de uma sociedade mais justa e fraterna. Isto se justifica com o argumento singelo de que a gratidão é a maior de todas as virtudes. Além disso, como não existe o acaso, esta revista chega a suas mãos por motivos que a própria razão desconhece. É melhor que assim seja, pois o fato de você estar lendo esta apresentação dá força e vitalidade para a Academia Guarulhense de Letras que, neste 08 de dezembro, completa 33 anos de relevantes serviços prestados à cultura de nossa amada cidade.

Se este é o momento de nós fazermos agradecimentos, devemos iniciar com o justo reconhecimento à Inteligência Suprema que criou tudo o que conhecemos e o que ainda está por ser desvendado por nós. Ao Pai Celestial, que nos ensina que somente o amor – não o sentimento, mas a atitude – pode ensinar a verdadeira evolução. O amor é a base de nossa existência. Compartilhar desse amor, tão bem ensinado pelo mestre Jesus em sua jornada terrestre há pouco mais de 2.000 anos, é paradoxalmente a nossa melhor missão e o nosso maior desafio. Nós desfrutamos até hoje das lições ensinadas por Ele durante seus 33 anos de experiência entre nós outros. Graças a Deus!

Também é tempo de gratidão àqueles que sonharam este sodalício. Seres humanos de expressiva grandeza - professores de milhares de estudantes guarulhenses - que enxergaram no horizonte distante um grupo de homens e mulheres, de boa índole e de bom coração, que estivessem sempre alerta, a serviço do desenvolvimento

da cultura local. Dentre esses verdadeiros baluartes da sabedoria, é mister destacar a figura de Gasparino José Romão. Não é por acaso que ele ocupa a cadeira número 1 da Academia Guarulhense de Letras, cujo patrono é João Gualberto de Oliveira. Dr. Gasparino, como carinhosamente tratamos o fundador da AGL, é o nosso paradigma quando o assunto é sonhar um sonho ‘aparentemente’ impossível. Ele prova que isso não existe.

Vale ainda lembrar, nesta breve apresentação da edição de 2011 da Revista da AGL, que muitos contribuíram e tantos outros contribuem para que tornar verossímil esta nossa comemoração. Grandes vultos da história de nossa literatura nos deixaram expressivo e incontestável legado que nos convida a uma importante reflexão: se foi possível a construção de tão significativa história de mais de três décadas, quais são os pilares que sustentam esta obra? Ler é ver com atenção”, já nos ensinava na década de 1980 o professor Adolfo de Vasconcelos Noronha. E ao deleitar-se com os textos que estão por vir, os leitores poderão extrair suas próprias conclusões. É isso que nós almejamos, absolutamente despojados de ego. E com profundo sentimento de alegria e de gratidão.

Muito obrigado!

*José Augusto Rodrigues Pinheiro*

*Ocupante da cadeira número 21, desde 9 de dezembro de 2003.*

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	05
<b>ACADÊMICOS</b>	
<i>Alfredo Ibrahim Khouri</i> .....	09
<i>André Figueiredo Rodrigues</i> .....	39
<i>Antonia Conceição Vaz Duarte</i> .....	55
<i>Aristides Castelo Hanssen</i> .....	79
<i>Ary Baddini Tavares</i> .....	99
<i>Aura Gold</i> .....	105
<i>Bismael Batista de Moraes</i> .....	115
<i>Clovis Domingues</i> .....	125
<i>Estanislau Henrique da Cunha</i> .....	139
<i>Gasparino José Romão</i> .....	149
<i>Gil Campos de Farias</i> .....	155
<i>Isabel Borazanian Macedo de Oliveira</i> .....	171
<i>Jacques Miranda de Oliveira</i> .....	177
<i>João Bosco Maciel</i> .....	185
<i>José Augusto Rodrigues Pinheiro</i> .....	197
<i>José João de Macedo</i> .....	205
<i>Lineu Roque Aceiro</i> .....	213
<i>Mara Sueli de Lara Martins Carletti Lauri</i> .....	225
<i>Maria Aurora José Romão</i> .....	235
<i>Silvio Ribeiro</i> .....	245



# AGL

*Academia Guarulhense de Letras*

**Presidente:** *Isabel Borazanian Macedo de Oliveira*

**Vice-Presidente:** *José Augusto Rodrigues Pinheiro*

**Secretário Geral:** *Silvio Ribeiro*

**1º Secretário:** *Bismael Batista de Moraes*

**2º Secretário:** *Maria Aurora José Romão*

**Tesoureiro Geral:** *Clóvis Domingues*

**1º Tesoureiro:** *Armando Attilio Colacioppo Sobrinho*

**2º Tesoureiro:** *Antônia Conceição Vaz Duarte*

**Conselho Fiscal:** *Lineu Roque Aceiro, Ary Baddini Tavares  
e Aristides Castelo Hanssen.*

**Conselho Editorial:** *André Figueiredo Rodrigues, Gil Campos,  
Jacques Miranda, José Augusto Rodrigues Pinheiro,  
Lineu Roque Aceiro, Teresinha Silva Maltez de Souza  
e Mauro dos Santos Oliveira.*



**ALFREDO IBRAHIM KHOURI**

**SOB O VASO – CAPÍTULO V**

Esse fascínio constante que sobreviveu a uma existência passada e mantém viva a luz que se acendeu no primeiro olhar, tocando-os tão profundamente, trazendo consigo as lembranças da outra vida, faz acordar fatos cuja única fonte é o amor entre dois seres. Naquela primeira visão, num toque mágico, os olhos iam trocando mensagens, com suas pegadas intangíveis, iam se acariciando frente aos outros, dizendo coisas que ninguém ouvia, faziam sinais, marcavam encontros e, num latejar de ondas represadas, os tesouros da jovem, entre as sedas dos véus, se enrijecem e se evidenciam pra eles, querendo provar os pecados do céu. E a cada instante, entre os conflitos do presente com os do passado, foram, pouco a pouco, percebendo a razão, a essência, as riquezas dos momentos que se esconderam em forma de energia e ressurgem, levando-os, um ao encontro do outro, de forma indescritível, com a força incontrolável do destino. Agora, sob uma aparente paz, a transmutação. Os olhos estão sedentos, sabem que viveram algo forte, semelhante, já sentido em uma outra vida, cujo acesso parecia perdido. Como puderam os dois se reconhecer no meio daquele espaço tumultuado? Ficaram, após se descobrirem, mais perdidos. Como decifrar todo este encantamento e escondê-lo sob o fraco véu da aparência? E como levar à luz o fascínio escondido? Ora cauteloso, ora a qualquer custo, querendo descobrir a origem daquele fogo, daquela chama, este desejo que persiste até hoje, ele de ver além do véu, ela, além do seu semblante, e ambos, de uma forma ou de outra, querem desvendar o fascinante mistério.

A inquietante sensação de que faltava algo para completar a vida, aquela ansiedade, a busca constante de um fato que desse razão à existência, que a justificasse. Ali, naqueles olhos, estava o marco de tudo. Via-a, às vezes, na ampla sala, ela, mergulhada em si mesma, tinha uma beleza sem artifícios, surpreendia-se pensando: “Este ser era o mesmo que, da amplidão do céu, em forma de uma estrela, submergia para me visitar junto à memória. No momento em que nos vimos, reproduziu-se o mesmo cenário com as dunas do deserto, onde o vento fazia esvoaçantes os meus véus, e os últimos raios de luz punham à mostra os frutos sazonados do meu corpo. Era quase impossível desviar o olhar, os lábios nada pronunciaram, somente os olhares diziam tudo que aquelas bocas mudas, contidas, precisavam dizer. Eram suplicantes, ansiosos, sedentos, famintos, foram instantes de uma profunda troca de ternura. Ali, seus olhos, num cenário diferente, encarregaram-se de ver que estavam ligados por um vínculo permanente. Após aquele brilho, não havia mais o que buscar. O mais encantador era perceber que estava aquém do que se via, pois, muito mais forte era o que se escondia e o que ambos sentiam. Havia no olhar, na face, nos gestos, toda uma sedução iluminada por uma energia dos deuses naquele lugar encantado.

A travessia é a própria vida, sempre revestida de surpresas. Vamos descobrindo passagem a cada passo, o dia e a noite nos oferecem e nos tiram aquilo que vamos deixando passar. Nesta trajetória, acendemo-nos em belos romances e deles, aos poucos, nos afastamos. São momentos alegres e tristes que se sucedem de forma inesperada, pois criamos, inconscientemente, as condições para que tudo aconteça. A travessia é uma história indeterminada, um labirinto onde temos que encontrar a saída. Nenhum traçado é definitivo, não estou caminhando preso a um princípio definido. No trajeto, que tem a duração de toda a existência, o instinto e a razão nos conduzem. O primeiro fala da emoção, com sua força, e com o seu ímpeto nos leva à embriaguez, é a comunhão com a

dança indiscutível da primavera e do verão tomando conta de todo o nosso corpo. É a comunhão do ser com a dor e com o prazer produzidos pela libertação da teia de valores para a satisfação dos desejos, numa luta constante de transpor a finitude, na esperança de alcançar o impossível. O segundo zela pelo equilíbrio, pela clareza, sempre em oposição à emoção, tolerando o razoável, as atitudes comedidas, como se fosse uma razão possível. Podemos reagir, mudar, avançar, recuar, parar. Só não podemos perder o controle, pois isso definiria o fim de uma jornada. É como uma fraca luz definindo na tarde, uma fina claridade que não arde, dando um aceno ao céu, para o dia que ia partindo, mas na escuridão o poente ou o nascente ficam ora um, ora outro, iluminados com vários tons, dando-nos a compreensão de que a vida continua, pois, se for madrugada, é só esperar um pouco que o deus Osíris, este ser brilhante, virá com sua eterna chama e nos encherá de esperanças. E se tarde for, basta olhar para a amplidão, tão vasta, que Ísis, a deusa formosa, não tardará e, junto às estrelas, banhará com suas luzes a noite, tão cheia de sombras. Procuro, agora, em cada canto um vestígio dela e de mim. Nestes segredos existem rastros mergulhados na penumbra da mente, vou ao encontro daquela realidade visual, da arquitetura, da decoração cênica da vida, procurando a mim mesmo. E neste vaivém que me consome, feliz de mim, neste trajeto já enorme, entre a claridade e a sombra, descubro-me pequeno diante de tudo, sou apenas algumas poucas gotas de um veio, cujas gotas provei de um belo seio, cuja espera me presenteou um dia. Já estava prestes a seguir, e, no seu silêncio, pensou nas coisas e nas pessoas que ficaram longe e fez do amor uma poesia.

*Mas como esconder, pensar em nada?*

*Como afastar as nossas cenas?*

*Se elas brotam mais e mais nos meus poemas,*

*fazendo valer o estar só na caminhada?*

A maior ambição de uma pessoa é chegar a se conhecer. Aprendi a cultivar este desejo como o barulho da água que sai da fonte e passa, cristalina, conversando com as pedras. Esta busca tem que ser espontânea e prazerosa, sem pressa, sem se preocupar quando e aonde chegar, sem pensar ou se impressionar com o fim. Só parar para refletir – é um entrar e sair de si mesmo – comparar e não se sentir em desacordo com a natureza. É um olhar, um tocar, um ouvir, um saborear constante. É ser, um pouco, aquele ser que se vê como o dia, que morre nas trevas e logo a seguir se depara com o brilho do alvorecer devorando a sua própria escuridão. E neste transpor de si mesmo, sofre ao ver morrer as folhas dos sonhos e se encantar com o abrir vivo das flores, suas cores, ser sensível ao seu perfume. Este é o cenário do apetite carnal, esta fome de você, Subastis, esta satisfação como o bem maior que os seres que amam, compartilham entre si. É um prazer demorado, um dar e receber que não terminam, um despertar que vai além dos sentidos. Nosso amor é como um doce que levo ao corpo através da boca não para matar a fome, mas para alimentar o espírito. Algo que a natureza humana explica sem usar as palavras, a saudade é uma essência aromática, suave, que exala da nossa lembrança. Nós passamos pelo tempo e pelo espaço e, juntos, semeamos paz, amor e alegria, é um óvulo fecundado que brota e enfeita as noites vazias, são vestígios luminosos. O amor é a única semente da vida, pois, mesmo nos momentos solitários, sentimos o seu calor. É como um dia nublado, com nuvens escuras, acima delas está o sol, é o nosso deus, brilhando, cheio de esplendor. É isso que nos enche de confiança e, aos poucos, os acontecimentos vão explicando as nossas dúvidas, nos fazendo crer, mais e mais, nas nossas buscas. Não há como ficar indiferente àquele primeiro encontro, e dele, surgiram outros, que vieram, depois as cartas, as lágrimas colhidas que você levou à boca, as palavras, as carícias, essa doce sucessão de acontecimentos que continuou e se perpetua. É uma impressão física recebida pelos sentidos, sem interrupção, substituindo uma à outra, ora provocando

prazer, ora provocando angústia e dor, não há parada, não existe intervalo, você entrou, desde o início, na posse que pertencia a outro, parecia que sabia, até o que vinha depois e, assim, aos poucos, herdou o meu corpo, como quem herda, com amor, a natureza, o meu coração e o meu mais nobre sentimento. Foi como um fato único que ainda continua produzindo os seus efeitos. Trouxe um misto de pavor e fascinação, encanto, atração beleza, causou algo dentro de mim, algo que eu não consegui explicar, foi uma inesperada aparição da qual me tornei cativa, uma atração que me seduziu. Rendi-me a esta sensação desconhecida que me causou medo, não conhecia dentro de mim aquele sentimento, mas desde o primeiro instante me entreguei a aquele olhar com suas juras silenciosas. E no meio destas impressões, tão conflitantes, prevalecia a minha admiração. Produziu uma necessidade de revê-lo e quando, novamente, nos encontramos, o resultado foi assombroso, no meu interior o mesmo fenômeno se reproduziu, dando origem a este romance que brota sob o vaso, numa entrega incontrolável e total. Era uma corrente de acontecimentos, unidos uns aos outros, que nos deram a certeza de que jamais se romperia este elo, cujo início vinha de uma outra existência. Percebo agora que aquele momento foi a sequência de algo que estava adormecido e que nos manteve presos, pois estamos ligados a algo belo que vai além da compreensão humana. Sentimos as infinitas maneiras com que a natureza nos aproxima, basta tocar uma fonte.

Porém, pouco falta para que as circunstâncias, novamente, com violência, nos afastem. Sei que não retornará desta viagem que fez em busca de si, sei que, quando eu for entregue a outro, por um acordo que terá que acontecer, eu seguirei sem amor, sem alma, porque estas preciosidades vão novamente em busca de você. Meu pretendente receberá este corpo vazio, desguarnecido de qualquer puro sentimento. Morrerão, na minha cabeça, todas as ideias e no coração nenhuma sensação terá mais importância.

- Na realidade, esta longa trajetória em busca de respostas foi mais do que sair em busca de mim mesmo, de um sentido que justificasse todas as mudanças. Fez-me ver, a cada etapa, mais e mais, o pouco que eu me conhecia. Hoje, sinto que estou me apropriando de mim mesmo - corpo e alma. Há agora, após vencer tudo o que tornou difícil esta travessia, enfrentando as adversidades climáticas e geográficas e as que enfrento dentro de mim, e a cada barreira vencida, mais profundamente eu me deparo com a essência do ser. Não há como explicar as experiências provadas pelas mãos, pelos pés, pelos olhos, pelos sentidos e pela emoção nesta difícil travessia. A emoção, os pensamentos e as lembranças, junto com os pássaros e a natureza, são os meus fortes aliados. As mensagens preparam-me para as novas descobertas, e tudo visto de onde estou é belo e místico, agora, já não me entristeço, nem temo o inóspito cenário do caminho percorrido: O cuidado com os alimentos, as peles, as fogueiras, tudo devidamente controlado para manter o corpo e o espírito entre o começo e o fim de toda a jornada. Agora, sei que estou, através de vários aspectos, diante da imortalidade. Vejo a Sâmia de outrora, de agora e de outras vidas que virão. Vejo-me diante deste encontro, em várias partes e épocas tão diferentes, momentos inesperados, reveladores, poéticos e em todos, lá está ela, com sua entrega afetiva, selvagem, ligando-se inteira a mim, deixando a vida miserável e doentia e, com a energia dos astros, atira-se nos meus braços em busca do seu eu perdido. Na face, há um ar de plenitude penetrando por todo o seu corpo, num mergulho que dá em busca do amor. Vejo renascer nesta jornada, entre sonhos, tristezas e mágoas, em meio ao canto da passarada, num barulho de fonte, cheia, como eu de sede, escutando o barulho da água.

Vamos ter cinco encontros, a quinta-essência, o número de letras que terá o seu nome em cada um deles. Embora tantas descobertas criem dúvidas que nos fazem sair em busca de respostas, são novas as incertezas que ora vivo. Aí eu creio na existência daquilo que satisfaz a minha momentânea necessidade. Dói-me a ausência da

mulher amada, não sei que outro terreno irei tocar. Mas algo belo e sobrenatural alimenta a emoção e o espírito; é a alma, a parte imortal, é a luz que me ilumina nesta escuridão que está à frente e que me faz refletir sobre os textos que escrevo, trazendo à tona, as minhas sensações e os meus pensamentos, às vezes tão cheios de conflitos. Eles têm que ser protegidos, já têm vida na mente e no coração e se desenvolvem como o embrião. Já foram gerados, se resumem num puro desejo que só precisa virar realidade, só precisa nascer, já possui sua forma corpórea definida na imaginação, e esta imagem que me habita me mostra que já tem uma existência independente. O pensamento é o começo, o princípio, a origem de tudo. No começo, havia um gosto de caos, porém, a cada passo, a cada barreira vencida, a cada movimento que eu fazia, sentia-me aproximar, cuidadosamente, de uma resposta. Lembro-me sempre do sábio Nahim Ibrahim Ahmad: “deixe germinar os sonhos porque eles têm raízes, segure-se nelas nos momentos difíceis”. E foi assim que, pouco a pouco, eu vislumbrei, de cima, o grande cenário. Estava entre as nuvens suportando as dolorosas adversidades do destino, as mudanças climáticas, que mais contribuía para o meu abatimento, e o movimento que me levava para o desconhecido era a separação dolorosa de todas as coisas que tinham significado. À medida que me afastava, mais me perdia de outrora. Hoje distingo dois seres. Como a frente e o verso do pergaminho, um lado espelhando o que imaginava ser, o outro, que aparentemente nada tem escrito, é o mais significativo, é o que eu identifico como realmente sou, esta dualidade, alma e matéria, uma eterna, a outra perecível, que vai se apossando de uma sabedoria divina, ligada aos astros, ao fogo, ao ar, à água, a terra, provocando uma inspiração elevada.

Após este momento de reflexão, Subastis volta para a casa das pedras, e lá está a figura de Mehem olhando-o, observando atentamente sua aproximação. Subastis fita-o com uma fisionomia tranquila e risonha, olhando-o de forma serena e, cheia de admiração, diz-lhe:

- Este amor é muito significativo, acrescentou a você traços marcantes, há tanto em você como nela um poder misterioso que permite dominar o tempo e o espaço, tanto que hoje ambos estão preparados para iniciar um novo destino, ainda neste plano de vida. Vocês estão ligados por um elo indestrutível – faz uma pausa e conclui - nós recebemos os mesmos conhecimentos. Vejo por volta do seu corpo toda uma energia em busca de ação. Evitou, com este recolhimento, que esta força, por impulso, fosse usada de forma destrutiva, como fazem aqueles que cultivam o sentimento de forma exagerada, roubando a identidade de quem dizem amar.

Subastis ouvia-o atentamente, e cada palavra ia ao encontro da sensação que estava experimentando. Ficou devorando palavra por palavra. Mehem, após dizê-las, percebe que seu interlocutor não se assombrou com nada que havia dito e era essa a expressão que queria ter, dando a entender que era tudo que ele agora sentia. Coloca, então, o braço sobre o ombro de Subastis, e ambos vão juntos para dentro, é hora da refeição, ambos se sentam sobre as almofadas, separa-os uma baixa mesa, que uma jovem enche de alimento, e tanto um como o outro comem muitos legumes e verduras com trigo. Há uma maestria em pegar estes alimentos com as mãos e levá-los à boca. Por fim, Subastis interrompe a longa meditação durante a ceia:

- Nobre Mehem, olhei os astros, depois retirei nos meus guardados um pergaminho cujos estudos fiz tão logo conheci Sâmia e sua deusa. Ambas têm em seus nomes cinco letras, número este que as estimula a encontrar suas verdades. A primeira tem como resultado de valor o número sete, o que a faz senhora de uma força interior capaz de alimentar uma esperança e ter satisfeitas todas as necessidades para alcançá-la. É tão forte e espiritual, por isso, ela encarnou-se na matéria para continuar sua história. Quanto à deusa da música, tem como valor numérico o número dois, o que a faz, com seu corpo e espírito, sair em busca do amor, um número que

ilumina o seu olhar de forma mais profunda, sai em busca de carinho e de afeto. E quando não os encontra, mostra nos seus atos o desencanto e a rebeldia. Está intimamente ligada à água por duas vezes, também se liga ao sol, ao fogo e ao ar. O fogo, no primeiro instante, é destrutivo, e a chama do ódio, da separação, do egocentrismo, na segunda chama está ligada ao amor, à natureza, à paz ardente própria do ser que ama e é correspondido, é o lume que arde e a leva ao desafio de se conhecer e se entregar sem medo. A deusa da música desperta, do inconsciente, os traços da mulher que sempre idealizei. Na presença do amor, ela evoluiu, modificou-se a partir da terceira letra N (caracterizando o primeiro ciclo de sua evolução, ligando-se ao sol e ao fogo), intermediando as duas primeiras e as duas últimas, o que indica uma mudança em sua vida quando do nosso primeiro olhar. Observa-se que o N é um ponto estratégico, aí se dá o primeiro ciclo de sua evolução, cujo valor é cinco, é ligado ao sol e ao fogo, onde se dá o recomeço. O querer mais, através do amor, é princípio originador de tudo. Quando nos vimos, surgiu outro ponto, justamente da letra A do meu nome, Subastis, que equivale a um ponto somando-se ao valor do seu nome o número seis, número do desejo, do poder e da audácia. Estou ligado ao ar e ao fogo. Significa que não sou dominado, não me prendo a terra. Estamos, portanto, ligados, pois o valor numérico de meu nome é três, o número do equilíbrio, a medida certa, abertura ampla ao espiritual. É o número da força, da adaptação às mudanças mais drásticas, está ligado ao ar, ao fogo por duas vezes, o que mostra coragem, desejo de enfrentar novos desafios e indica a passagem de um estado para o outro. A soma do número da deusa e do meu nome é igual a cinco, portanto, a quinta-essência, a energia sobrenatural dos astros em plena sintonia com a matéria, anulando todas as forças negativas. O número dois é o número que afasta a cisão, o número três é a figura última a desaparecer da terra. Portanto, o equilíbrio e a consciência são os elos que nos prendem. Este estar no mesmo lugar não foi uma escolha, era um encontro

marcado em meio à paz, em busca de uma vida renovada. Estávamos nos reencontrando, nos redescobrimos naquele olhar. Tudo o que ocorreu fazia parte da misteriosa busca. A força do elo provocado pelo olhar daquela mulher neutralizava a força desumana das barreiras. Havia, neles, o brilho de uma estrela que gravita em torno de si e do sol, onde os dias, os meses e os anos são mais curtos. Só assim foi possível nos reencontrarmos. De onde ela veio, o movimento de translação tem a duração de 225 dias. Deixei minhas terras em companhia de meu amigo Harpagão em razão dos meus pensamentos e dos meus sonhos que tentavam me anunciar o futuro e foram estes avisos antecipados que me levaram ao encontro de Sâmia. Sentia-me preparado para enfrentar o desconhecido, e o dia da minha saída tinha que coincidir com o deus sol, inteiro, se espelhando nas águas de um poço. E só saímos quando esse fenômeno ocorreu, este era o sinal. Por isso, em outras vindas de meu amigo, não pude deixar os meus domínios, era necessário que o sol a pino entrasse todo no poço e dele eu me servisse da água para depois partir. Tudo isso, inegavelmente, era um sinal dado pelo destino. Esta mistura da água com os raios de Osíris, disseram-me: É chegada a hora da ar-al-Kemyá. Ao tomá-la, segui em busca dos meus sonhos. A mistura deste fogo sobre a água criou um remédio universal capaz de curar as enfermidades do mundo. Tomei o líquido mais valioso que o ouro, era o amor. Esta é uma conquista silenciosa que ocorre através do olhar, lá está um broto verde de esperança, frágil, sujeito às grandes mudanças, aos movimentos bruscos, às intempéries da natureza humana, o que, muitas vezes, nos sujeita, para nossa proteção, a fazermos um movimento de regressão. Porém, a intensidade do toque constante das ondas dos olhares quebrando-se em todo nosso corpo provoca tanto em mim como nela uma profunda transformação. A partir daquele olhar e dos outros, que de forma intensa nos prendiam, vimos a vida sob outro aspecto, aquela cena fascinante que não desapareceu nos trouxe o ânimo para olhar para outra direção. Aquele instante foi

apenas um porto seguro para que, juntos, num período efêmero que é a vida, nós pudéssemos nos prender ao presente, nos transportar para o passado, para depois seguir em busca do amanhã. Passamos do estado sólido para o gasoso e do gasoso para o sólido, tudo isto para compreendermos os nossos sentimentos e atitudes. Isto se justifica em razão do número dois, em que o espírito domina a matéria, e Sâmia, frágil, sensível e sábia, era a pessoa com quem comecei a repartir minhas convicções amorosas, filosóficas, esotéricas, conhecimento reservado a poucas pessoas, apenas às escolhidas. É alguém muito especial que conseguiu entrar em meu meio, iniciamos o processo da nossa divisão e da multiplicação. E quanto mais nos dividíamos, mais e mais nos multiplicávamos. A emoção, como uma alegria intensa, espalha-se por todo o corpo. E a vontade, o desejo benfazejo de ter encontrado uma razão, o encanto, aquele feitiço, aquele prazer de seduzir e de ser seduzido.

Ao terminar de jantar, Mehem, com olhar radiante, convida seu hóspede para irem juntos à casa de um pensador, um criador de grandes obras.

- Com que prazer!, responde o ilustre convidado e pergunta , de onde veio e qual o seu nome?

- Veio do Delta do Nilo, seu nome é Mennah.

E sem esperar por nova indagação, deixaram a casa de pedras. Mehem pergunta-lhe:

- Sabe que dia é este?

Surpreso, Subastis responde:

- Não.

- Pois hoje é um dia significativo.

Ambos seguiram pensativos, continuaram andando, o interlocutor estava à espera da palavra que viesse diferenciar este

dia dos demais, mas Mehem continuou caminhando e, por fim, para num poço e tira a tampa, pede a Subastis que olhe para seu interior.

- Nossa!, exclama maravilhado, parecendo hipnotizado.

- Este dia todo, até o desaparecimento deste cenário, que se reflete no espelho d' água, está ligado à travessia.

Subastis vê, encantado, Ísis a pino dentro daquele poço. Instintivamente, pegou um pouco da água e tomou.

- Este líquido, tomado por você não é só a água, é uma mistura produzida pelos astros. Não deixei que ninguém se aproximasse deste poço, eu o abri agora para você, pois somente no dia de hoje os astros estão alinhados com esta estratégica abertura que todos pensam ser um simples poço

Subastis sente um calor percorrer todo o seu corpo. Há uma aura azulada em torno de si. A noite é clara. Ísis e as estrelas iluminavam todo o caminho. Nas plantações, por onde havia água, viam-se as estrelas a brilhar. Subastis fecha o poço e, sem perceber, levado por uma força estranha, começa a guiar Mehem. Finalmente, para e se posta frente às palmeiras de tamareiras, entre elas, uma construção bastante rara, sua arquitetura era um símbolo secreto, geometricamente perfeita. Subastis olha para Mehem e diz:

- É aqui que você queria me trazer?

Mehem fez um gesto afirmativo. Após um momento de vacilação, o próprio Subastis bate à porta de maneira especial. Ela é aberta e, a passos lentos e firmes, eles entram, após cumprimentar o morador.

- Sejam bem-vindos à minha casa, mestres, diz o morador.

Subastis deteve-se no centro da sala. De fora, trazida pelo vento, ouve-se uma música melodiosa que, suavemente, toma conta de toda a casa. Mehem pergunta sobre a jovem filha do casal. O homem,

aflito e desolado, abaixa a cabeça, mexendo-a de forma negativa, por fim, levanta-a e, olhando para os dois ilustres visitantes, responde:

- Está imóvel há dias, faz uma pausa e, emocionado, continua, sequer abre os olhos. Está sendo alimentada com líquidos como o mestre mandou que fizessemos. Tinha certeza que viriam, concluiu Mennah, tendo o semblante e o olhar mergulhados em profunda tristeza.

Olhando fixamente para o pai da jovem, Mehem explica:

- Trouxe o meu visitante. É nosso irmão dos templos secretos, trata-se de um ser que agora será mais útil que eu.

Novamente surpreso e assustado, encontram os olhos de Mehem tão cheios de certeza e ouvem de sua boca:

- Não posso lhe explicar, ambos ficam se olhando, faz-se uma longa pausa. O pai da jovem assiste preocupado àquela cena, permanecendo em silêncio, por fim, de forma serena, Mehem conclui: - isto tem a ver com a sua travessia.

Subastis medita, seu corpo se enche de uma misteriosa energia. De repente, olha para o pai da jovem e pergunta:

- Qual é o nome de sua filha?

- Najat, responde o homem, já com os olhos cheios de lágrimas.

Subastis senta-se numa almofada, solicita que o pai coloque brasas na outra extremidade do aposento, e, em seguida, pede para apagar todas as lamparinas da sala. É atendido de imediato. E, diante daquela única fonte de luz, a sala, pouco a pouco, foi ficando mais e mais iluminada.

- Quantas brasas há nesta bandeja?, pergunta Subastis com os olhos fechados.

- Seis, responde o pai aflito.

- Pois deixe cinco e traga-me uma nesta bandeja. Não toque em nenhuma das outras.

Atendendo as ordens dadas, somente uma brasa foi retida, sendo levada para Subastis. Mal fora colocada na bandeja, apagou-se. Ele a pegou como se há pouco tempo não estivesse acesa. Escreveu, com o carvão, o nome da jovem. Analisou-o em relação aos elementos e logo após numericamente.

sol?	N	A	J	A	T ?	mudanças
	?	?	?			evolução
	Fogo	Água	fogo			
		das				
		chuvas				

$$5 + 1 + 1 + 1 + 2 = 10 \quad (1 + 0 = 1)$$

Ao terminar, Subastis estremece, os seus olhos se enchem de lágrimas, pergunta quantas brasas continuam acesas. Mehem e o pai olham e respondem:

- Todas as cinco estão acesas.

- Pois leve-as ao braseiro de onde foram tiradas, junte às outras, não deixe que elas caiam pelo caminho. Mehem acompanha o pai da jovem na tarefa e, por fim, voltam para a sala.

Apontando para as anotações abaixo do nome da filha, Subastis explica:

- Mennah, meu bom senhor, sua filha está, embora desacordada, sob a proteção da luz, tanto na primeira como na segunda letra. Ela nasceu na época das chuvas, que, coincidentemente, é o período do

calor, confirma o pai com um gesto. – A água é fonte da existência, esse espetacular espaço que há entre o começo e o fim, onde se dá a união do corpo e da alma, graças à energia que vem dos astros. A terceira letra, estratégica, entre as duas primeiras e as duas últimas, significa RENASCER, brotar novamente. A quarta letra está ligada à energia, ao fogo, e a quinta letra é o ar, a vida.

Por fim, olhando Mehem e depois o pai, pede para o último:

- Quero vê-la.

Os três vão para o aposento da jovem que está aos cuidados da mãe e da irmã. Subastis se aproxima da jovem adormecida. Coloca sua mão sobre a mão dela, ela estremece, um halo luminoso rodeou o corpo da jovem, como a claridade que precede ao nascer do dia. Há lágrimas e um brilho nos olhos dele, dizendo em seguida:

- Não queiram compreender o que vai ocorrer, diz olhando o pai, a mãe e a irmã, ela voltará. Não se assustem se por ventura ela, inevitavelmente, não os reconhecer, tudo, aos poucos, voltará a ser como antes.

Após dizer estas palavras, Subastis deixa o quarto acompanhado de todos. A mãe, aflita, pergunta:

- Quando Saib?

- Amanhã vocês verão que ela vai começar a ganhar cor.

Aflito, Subastis dirige-se para a porta de saída, reverencia as pessoas e deixa a casa, seguido por Mehem que segue seus passos. Chegam ao poço, Subastis vê Ísis toda se espelhando na flor da água, pega um pouco mais daquele precioso líquido e bebe, põe as mãos sobre os olhos por um instante e quando tira, Mehem lhe pergunta:

- O que aconteceu à Najat?

Olhando-o fixamente, Subastis responde:

- Algo que só o destino explica. Fugiu-lhe a alma. Sobre aquela cama está apenas a sua matéria. Não estamos sozinhos aqui, sua alma, como a de muitas outras pessoas, foi levada para o espaço para a formação de uma nova civilização. Nós estamos sobre uma terra que está flutuando no universo. Portanto, Mehem, esta terra é apenas um pequeno ponto flutuando num mar gasoso, não visto através do olhar porque é transparente, idêntico ao ar que respiramos, e este alimento, indispensável à vida, possui, como os nossos mares, ondas. A Terra vaga entre matérias interestelares esbranquiçadas e azuladas. Olhe Ísis! Traz perto de si uma jovem e brilhante estrela. Lá está a alma de Najat. Agora, nobre Mehem, ajude-me a chegar à sua acolhedora casa, estou enfraquecido.

Mehem apoia Subastis com uma das mãos, prende-o ao seu corpo, com a outra mão fecha o poço e segue amparando Subastis. Após chegarem, deita-o sobre as almofadas e logo coloca sobre o fogo que aquece a sala uma mistura de plantas secas aromáticas, cujo odor balsâmico envolveu todo o ambiente com sua fragrância suave, provocando um estado de tranquilidade e paz. Em seguida, prepara um chá colocando-o em dois recipientes feitos em cedro, senta-se perto de Subastis e pede que ele também se sente, ambos tomam o líquido precioso que aquece o corpo, enquanto o espírito se embala com o cheiro aromático; é o interlocutor das deusas, com suas silhuetas efêmeras e perfumadas, é o cheiro da natureza.

- Que aroma bom!, diz Subastis concluindo, é assim que entramos no caminho do coração, que os fenícios dizem, chega-se à pureza (Safu).

Mehem viu que havia uma tranquila paz no semblante do amigo que antes de novamente se deitar, sorriu para ele.

No outro extremo, alguém bate à porta do quarto de Sâmia. Uma luz quase morta ilumina o ambiente. Ao abrir a porta, vê uma jovem mulher, ambas se abraçam, mas, logo em seguida, preocupada, pergunta:

- O que houve querida Dafca?, diz Sâmia, por que esta hora? Onde está meu tio Harpagão?

- Ele vai chegar daqui a quatro dias junto com o seu pretendente para casá-la. Quem me trouxe foi Assur, viemos eu e meu filho. Foi seu tio quem me pediu para vir antes. Há algo estranho e misterioso acontecendo. Seu tio tirou a espada de Subastis que estava encravada na areia da praia e pediu que eu a trouxesse e entregasse a você. Não sei o porquê, mas disse-me ele que você vai muito precisar dela. - Para quê?, aflita, pergunta-lhe. - Não me pergunte por quê, respondeu-me ele, e apenas determinou, peço que vá junto com meu filho Assur, e, após uma pausa olhou-me e concluiu:- uma força estranha faz-me agir assim, sinto a presença de Subastis.

Aquelas palavras fizeram crescer os temores de Sâmia. Grossas lágrimas começaram a passear pelo seu rosto e, com uma voz suplicante, ao abraçar a amiga, pergunta:

- O que aconteceu com Subastis? Diga-me, pelo amor aos deuses!

- Desde a sua partida nada ficamos sabendo de Saib.

Ambas abraçadas choravam. Por fim, Dafca volta até o chão de fora da porta, pega algo envolvido em véus de seda e dá à amiga.

- Eis a espada de seu amado.

Sâmia segura-a com as duas mãos. É pesada. Leva-a junto ao peito quase nu. Sentiu um estremecimento e um calor intenso tomar conta de todo o seu corpo. Suas belas pernas e seus pés tremeram, foi até sua cama, colocou a espada sobre ela, tirou os véus que a envolviam. Dafca deixou-a só. Sâmia fechou a porta, acendeu no canto outra lamparina, queimou ervas aromática e deitou-se colada à espada. Sentiu um fogo de vida percorrer-lhe a pele, provocando arrepios como se fossem as mãos do amado. Em seus ouvidos o som da deusa da música e o barulho das pulsações do seu coração. Pensou:

- Sinto que o contato com esta espada, misteriosamente, tem ligação com o curso da minha vida. Não sei explicar, mas não estou mais aflita.

Beijou aquele enorme objeto de paz e de guerra, levou os lábios sobre a forte lâmina e, por fim, apertando-a fortemente contra o corpo diz, olhando para o nada:

- Sei que você a forjou. Não existe outra igual na terra. Meu corpo e meu espírito têm a marca da sua mão. Sou, portanto, como sua espada, sua obra. Sempre acreditei que, cedo ou tarde, receberia notícias suas, não sei qual será a próxima tormenta. Sinto fraco o meu corpo e forte demais a minha essência, sinto nos meus olhos um véu transparente que enxerga Ísis e milhares de estrelas, vejo minha alma separar-se do meu corpo, creio que vou acabar escalando a montanha, logo haverá um abismo entre mim e a matéria. Sinto mais forte esta sensação. É agora, junto a esta espada, um acontecimento contínuo. Somente os fatos levam-me para a vida.

De repente, senti um abalo, tudo por um instante some, quando volta a si não sabe onde está. O que aquela espada está fazendo em sua cama? Aos poucos, identifica seu quarto, mas ainda confusa se pergunta:

- Quem queimou as folhas aromáticas? E esta espada que me atrai, o que faz aqui?

Sua cabeça dói, seu corpo está extremamente cansado e dolorido, sua língua está ferida, sua boca sangra. Só o sono interrompeu o curso do seu pensamento. Acorda após algum tempo e, de súbito, levanta-se e se dirige à grande sala. Olhou demoradamente para o vaso, foi, em silêncio, chamar uma das pessoas que cuidavam da grande morada e ordenou que levasse o vaso para os seus aposentos. Sem dizer uma só palavra, o homem a atendeu e, tão logo realizou o desejo de Sâmia, retirou-se. Ato contínuo. Ela encheu o vaso com os pergaminhos escritos tanto por

ela como por Subastis, e após colocá-los dentro do vaso, foi ao quarto onde Dafca estava. O filho dormia, porém, a mulher de Harpagão não havia conseguido conciliar o sono e logo atendeu aos apelos da amiga.

- O que houve Sâmia?, pergunta preocupada.

Sem responder, Sâmia pega-a pelo braço, ganham o corredor até o seu quarto, aponta para o vaso cheio de pergaminhos e antes de lhe fazer um pedido, novamente perde a noção de tudo. Dafca assusta-se, segura Sâmia, que está em pé, porém ausente, afastada de onde sua alma deveria se achar, como se a vida, naquele corpo, fosse inexistente. Logo volta a si, não tem noção de nada. O corpo, novamente bastante enfraquecido, somente aos poucos reconhece Dafca. O quarto, o vaso, o cheiro suave das plantas aromáticas, o cenário demoram a fazer sentido e tão logo tem consciência de tudo, ela lhe pede:

- Querida Dafca, aqui está a história minha e de Subastis, nasceu há anos. Estes pergaminhos beberam o amor que, a cada dia, nos surpreendia com a sua enorme proporção. Quero que você me ajude a levá-lo para o seu quarto.

Na outra mão, Sâmia trazia duas peles. Pediu que Dafca a esperasse, foi para a parte subterrânea do palácio, levantou uma tampa de madeira que protegia uma massa usada para unir pedras feitas de argila, palha seca e óleo de baleia, estava semi-endurecida, e levou uma boa porção com a qual tampa a boca do vaso, ato contínuo, olhando-a, diz-lhe:

- Leve-o para a sua ilha e, juntamente com o meu tio, coloque-o numa pequena gruta e feche-a. Quero preveni-la, não abra nem deixe que meu tio ou qualquer pessoa o faça! Há, aqui dentro, forças misteriosas capazes de matar quem profanar estes segredos, eles, um dia, após muitos séculos, virão espontaneamente à tona. Sinto que amanhã a parte eterna de mim não mais estará aqui, e, olhando

dócil, mas fixamente para a mulher do tio, indagou: – Posso contar com você?

Em lágrimas, Dafca fez um gesto afirmativo com a cabeça. Ambas se abraçaram e se beijaram, Sâmia ganhou os corredores onde sua delicada imagem se perdeu até chegar aos seus aposentos, onde as fracas luzes quase tudo ocultavam. Naquele recanto de amor, existia há muito tempo paz, tolerância, harmonia. Lá embaixo, o mar tem suas águas com suas tumultuosas e fortes ondas, que ora batem nos rochedos, ora menos violentas morrem na praia. Ísis desapareceu, ninguém podia navegar nas águas do mar bravio. Sâmia ouviu a música da deusa e, como numa despedida, pôs-se a dançar na penumbra do quarto, sorrindo e nem percebe quando seu frágil corpo cai, já sem sentidos.

Pela manhã, Dafca, vendo que Sâmia não a atende, abre a porta e encontra a frágil jovem esticada. Chama por ajuda e logo as outras mulheres da casa ajudam-na a colocar o corpo imóvel da jovem sobre a cama. Ei-la sobre o leito, adormecida, num completo abandono de si, quem a olha de pronto a vê morta. A respiração fraca é que denuncia que naquele corpo há, como uma tênue luz, um pouco de vida. Todos estão preocupados, e após muita angústia, vêem Sâmia se mexer, abrir os olhos. Dafca ajoelha-se junto à cama, segura a mão de Sâmia e, chorando, pergunta:

- O que houve?

- Não sei, responde Sâmia, estou fraca, dói-me a cabeça, tenho sono, um profundo sono.

Mal diz as últimas palavras, novamente adormece. Assim, neste despertar e adormecer, passam-se vários dias. Quando acorda não se lembra mais quem é e quem são as pessoas à sua volta. O tio, que já havia chegado aflito, pergunta:

- O que sente, Sâmia?

Ela olha-o demoradamente, fecha os olhos, abre-os novamente e, após muito esforço, reconhece aquele semblante que, angustiado, não sabe como ajudá-la.

- Tio querido! Não sei para onde, mas sei que estou me despedindo de tudo, pouco a pouco, tudo me será estranho e nem os meus amigos ou parentes vão me reconhecer. Sei por que o senhor está aqui e agradeço ter-me mandado a arma de Subastis, quero que ela fique na grande sala, não deixe cair em outras mãos, ela trará proteção e sorte.

Com esforço, ela passou para o tio aquele instrumento que mais serviu para a paz do que para a guerra.

- Seu pretendente está aqui e diz que só sairá daqui com você.

- Pois diga-lhe que assim será, logo que eu fique boa, irei satisfazer o seu desejo. Puxando o tio e Dafca para perto diz, concluindo apenas para eles: – O que o acompanhará será apenas um resto de pessoa. Agora, mais lúcida, pede que todos saiam do seu quarto e agradece a atenção, apenas retém o tio e Dafca.

- Tio, dou conta que estou sem as minhas joias, tanto as dos dedos quanto as dos braços, dos pés e do pescoço, você as guardou?, diz olhando para Dafca.

- Não!, responde incontinente, e só agora estou reparando que você está sem elas e bem me lembro que as trazia, havia uma pedra preciosa na testa presa por uma linda corrente que desaparecia por entre os cabelos.

- Tio Harpagão, alguém dentro desta casa que esteve junto com os que me socorreram, por maldade, aproveitou do meu sofrimento para roubar-me.

Harpagão, de forma colérica, diz à sobrinha:

- Quem fez isto pagará com a vida. Será abandonado no deserto para que morra aos poucos. Eu irei recuperar tudo e agora, pois sei

quem esteve nesse quarto. Olhando Dafca pergunta: - Você deixou Sâmia aos cuidados de alguém?

- Sim, responde Dafca, fui dar alimento para nosso filho e logo em seguida vim acompanhada por ele de volta ao quarto. Quando aqui cheguei, as mulheres do palácio estavam à sua volta, foi quando ela voltou a si e o reconheceu e, novamente, adormeceu.

Harpagão chama seus homens de confiança e manda revistar os quartos e as pessoas que estavam supostamente auxiliando Dafca. Não foi difícil recuperar todas as joias em poder de duas delas. A pena foi imediata e dada na frente de todos para que servisse de exemplo. Harpagão, com a espada na mão, diz a todos:

- Seria branda a pena se as matasse com o golpe de minha espada. Somente os valentes devem morrer assim, portanto, vocês duas serão levadas para o deserto com pouca água e comida para morrerem lentamente. E em seguida, ordena: - Levem-nas agora.

Ambas suplicam por misericórdia, porém Harpagão faz um sinal e elas são levadas para cumprir a pena.

- Lembrem-se, em cada instante de vida que lhes resta, a forma vil pela qual se apossaram destas joias.

Elas assim foram, entre soluços, levadas. De posse dos pertences de Sâmia, Harpagão leva-as à sobrinha, esta se enche de felicidade, porém as dá, na frente do tio, todas para Dafca. Não as quero. Meu corpo só se enfeitou para um homem. Nada levarei do que o necessário para me vestir, minha história, temporariamente, para aqui. Não sei como, mas tenho certeza que vou reencontrar novamente com Subastis. A que seguirá com aquele homem não serei mais eu, outra pessoa tomará o meu corpo, uma alma tão má e falsa quanto ele. Após abraçar e beijar carinhosamente o tio e Dafca, dá um último sorriso, vê aquelas lindas figuras desaparecerem e cai, sem que alguém pudesse perceber que este fato ia acontecer. Horas depois, desperta confusa, ouve muitas vozes, mas tudo é

estranho, tem a cabeça e o corpo doloridos e uma sonolência incontrolável e, no meio de toda a confusão, adormece.

Distante, Subastis está no quarto de Najat. Seu rosto tem cor.

- Fale-nos alguma coisa, Saib!, clama, em lágrimas, a mãe, acompanhada do marido e de Latifa, sua outra filha, estamos aflitos!

Subastis olha-os carinhosamente e responde:

- Vou repetir a vocês o que lhes disse quando vim aqui pela primeira vez. Ela está voltando, não irá reconhecê-los. Somente eu serei reconhecido.

Foi até a janela, abriu-a, era noite, ele chama todos e diz:

- Olhem Ísis!

Todos olharam. Ele continuou:

- Prestem atenção àquela estrela próxima à deusa, quando este astro luminoso escapar de lá, o que não vai demorar, e riscar o céu com o seu brilho, Najat vai despertar e eu preciso estar ao seu lado segurando sua mão. Neste momento, o corpo da jovem enche-se de cor.

Em seguida, foi para perto da jovem adormecida, mal colocou sua mão sobre a dela, sob os olhares atentos do pai, Latifa, que tinha os olhos presos ao céu, grita:

- A estrela correu no universo e riscou toda a escuridão com o seu brilho.

O corpo da jovem, que há muito estava inerte, estremeceu todo, sua mão apertou fortemente a mão que a segurava, os dois olhos belos, brilhantes abrem-se vagorosamente e, numa paz de quem ainda está com sono, com aquela necessidade de se refazer da fadiga, ela olha para Subastis, respira como se viesse de um longo sono, sorri e pronuncia seu nome com certa sonolência, mas com tranquilidade.

- Subastis, vim de longe pra encontrar você.

E novamente seus olhos se fecham e ela adormece. Todos a viram se mexer, ouviram sua voz e percebem que voltou a respirar normalmente:

-Ela voltou, diz Subastis, agora ela dorme, só irá despertar mesmo amanhã e vai reclamar minha presença. Mande-me chamar. Havia paz no seu olhar e verdade nos seus lábios. Ele continuou: - Com o tempo, ela irá reconhecer todos vocês e irá viver os sonhos que em outra existência não lhe foram permitidos. Olhou tanto para o pai como para a mãe dizendo: - As tamareiras estão carregadas. Ninguém compreendeu o significado destas palavras, mas havia, pelos recentes acontecimentos, um brilho de alegria nos olhos de todos.

Mannah, mesmo feliz com os sinais de vida de sua pequena Najat, em silêncio, se pergunta:

- Como este ser, que chegou não sei de onde, surge neste cenário angustiante de nossas vidas e enche os nossos corações de temores e alegrias?

Subastis, como se ouvisse os seus pensamentos, olha-o e comenta:

- As coisas vão acontecendo à nossa volta, frente aos nossos olhos. Faz uma pausa e após conclui: - Não percebe aquele que apenas olha, e sim, aquele que sente e vê. Estamos contidos no universo, ligados tanto a Terra como aos astros, há forças que atuam misteriosamente fazendo-nos ter os olhos voltados para a luz e não para as trevas. A sabedoria ligada junto à humildade mostra-nos um só caminho: a felicidade. Fazemos, durante a nossa trajetória, uma viagem sem conhecer o destino certo, e neste percurso é que aprendemos a enfrentar a insegurança e o medo. Os temores e a tristeza vão se diluindo quando os sentimos junto à luz do amor. Por fim, olhou-o com um sorriso e perguntou: - Você está, agora, menos triste?

O pai, emocionado, com um gesto, responde que sim.

- Pois agora nós vamos para a sala, disse Subastis apagando as lamparinas, colocando somente uma próximo deles.

A jovem ficou aos cuidados da mãe. Mannah o segue e ambos se sentam em almofadas, um frente ao outro.

- Você acredita agora que sua filha vá voltar?

- Sim!, responde Mannah.

- Pois então, diante desta certeza, peço-lhe para não forçar este despertar, ele tem que ocorrer naturalmente, Najat não sabe o que aconteceu e não vai entender as preocupações de vocês, mesmo porque sua alma veio de longe. Controle as surpresas e tudo voltará a ser como era antes, e agora, quero que não se preocupe e feche os olhos. Após vê-lo fechar, continuou: - Respire profundamente assim como eu vou fazer e ao soltar o ar, faça-o como se tivesse soltando a tristeza e a angústia. Vamos fazer isso três vezes, abandonando todo e qualquer pensamento, e livre-se deste seu sofrimento. Eu vou fazer uma vez. Relaxe bem o corpo e preste atenção como eu vou executar, na segunda vez você, por três vezes vai me acompanhar, mantenha os olhos fechados e o corpo leve, pense em algo bom, que o faz feliz, quero ver esta paz no seu semblante, quando terminar, não abra os olhos, nós dois vamos conversar com os olhos fechados.

Após o rosto de Mannah perder toda a severidade, Subastis respirou profundamente e soltou o ar vagarosamente, emitindo um som como se tirasse de dentro de si o lamento. Em seguida, ambos, juntos, fizeram o ritual, ao terminar, Subastis diz a Mannah:

- Bom homem, pense agora num momento bem alegre, num acontecimento que o fez rir muito.

Após uma pausa, o semblante se enche de alegria, o rosto fica iluminado e, em seguida, como começasse a rir sem parar, tentou

conter o riso, mas logo em seguida começou a sorrir novamente. Parou, mas o olhar alegre continuou em seu rosto. Subastis pediu que abrisse os olhos, e ambos começaram a sorrir novamente. Olharam-se como dois bons amigos. Por fim, Subastis, com um olhar sereno lhe diz:

- É assim que se espanta a tristeza, conclui, daqui a pouco eu me vou, quando eu sair, você fará isso com sua mulher e com sua outra filha. Como você se sente agora?

- Esperançoso e feliz nobre amigo! e, abrindo os braços pede:- Permita-me abraçá-lo.

Subastis o abraça e em seguida vai ao quarto, segura a mão da jovem, seu corpo adormecido estremece e suas mãos seguram forte as mãos do estranho ser que, de forma nobre, despede-se. Ao sair, Subastis pegou uma tâmara e levou-a à boca, saboreou a doce fruta e se despede. Pelo trajeto diz a si mesmo:

- Quanto mistério, uma é o complemento da outra!

Seguia tão compenetrado que não percebeu a chuva fina que caía. Entrou na casa de pedra. Mehem estava entregue à meditação. No ambiente, um cheiro suave de folhas aromáticas queimadas nas brasas do fogo que alimentavam de calor toda a ampla sala com suas fortes paredes. Após sua saída Najat começou a ouvir vozes, parecia que estava acordando de um longo e tranquilo sono, mexeu os braços, espreguiçando-se, esticou todo o corpo. Após um pequeno esforço, virou-se na cama e continuou, agora, a dormir e respirar normalmente. O pai seguiu as orientações do hóspede de Mehem, não deixou que ninguém a interrompesse, fez sinal de silêncio e os três ficaram detidos nos movimentos da filha. Mennah aproveitou o sono da jovem para levar a mulher e a outra filha para a sala e fez, com certa dificuldade, o que lhe havia ensinado Subastis, porém, o resultado foi inesperado, pois os três se abraçaram, riram e choraram ao mesmo tempo, para, em seguida, descansar, seguindo as

orientações do misterioso homem: “- Não deixe que ela perceba que estão velando seu sono.”

Num outro extremo, Sâmia desperta e não consegue, inicialmente, identificar as pessoas à sua volta. O tio, o primo e as outras esposas estão aflitos. Aos poucos, ela reconhece o filho de Dafca e em seu rosto surge um suave sorriso, mas está fraca e sem forças sequer para esticar a mão e lhe fazer um carinho, o sono, a dor no corpo, na cabeça são intensos e, novamente, prostrada num abatimento extremo, estado que a pegou de surpresa, sente-se cansada física e emocionalmente. Novamente esforça-se para adormecer diante dos olhares surpresos de quem a cerca. Na aparência não parece se tratar daquela adorável jovem, parece que habita aquele corpo uma outra pessoa. Aos poucos, reúne todas as forças, olha fixamente para o tio e lhe diz:

- Meu pretendente ainda me espera?

O tio assentiu com a cabeça e, de forma determinada, ela concluiu.

- Quero que me ajudem a me arrumar, pois, definitivamente, vou partir. E assim, naquele mesmo dia, Sâmia segue para os domínios do seu senhor. Com tristeza, logo chegou a notícia de que veio a perder os sentidos e nunca mais acordou.

Logo cedo, Subastis bate à porta, Mennah o atende e ambos vão ao quarto da jovem.

- Abra as janelas! Imediatamente a claridade da manhã invade o aposento.

A jovem se espreguiça, se vira na cama. Subastis, então, de onde estava disse:

- Kifac Aiune?! (Como vão meus olhos?!)

Najat faz um sinal com o polegar e, em seguida, tranquilamente, abre os olhos, belos e límpidos. Tinha os cabelos espalhados pelo

rosto dando-lhe um ar mais cheio de encanto, por fim, o sorriso iluminou-lhe a face e, cheia de surpresa, num salto, como uma fera, prende-se ao corpo daquele ser à sua frente e num soluço cheio de alegria, lhe diz:

- Você voltou para tirar-me daquele louco pesadelo! Ah Subastis! Meu amor! Não fique mais longe de mim.

Os pais, atônitos, imaginaram que a filha havia perdido toda a lucidez. Subastis mantinha-a em seus braços, tinha os olhos úmidos e os lábios, que estavam cerrados, começaram a falar:

- Ah! Como é engenhoso o destino, esperou o momento propício para transformar a nossa vida. E aquilo que parecia inesperado já estava escrito. Só com o passar do tempo, ao alcançar o topo da montanha, é que temos uma visão fantástica do longo caminho na incansável procura de nós mesmos. Só de cima é que podemos avaliar que os obstáculos, agora, são pequenos. E, como é bom, pouco a pouco, ter o controle das nossas emoções. O destino é um artífice habilidoso nos moldando para o amanhã. Nenhum acontecimento pode ser avaliado isoladamente, porque, salvo o inesperado, tudo faz parte de um conjunto de fatos, relacionados uns com os outros. É uma cadeia de montanhas ligadas como corrente, são elos que, ao pôr da tarde, à luz da paz, podem ser vistos com mais clareza. Os vestígios na mente foram se avolumando, uma memória que veio com o nosso sangue, que parecia não ser nossa, e quanto pensei nestas lembranças que me amedrontavam, causando impacto, eram tão belas e encantadoras, um oásis no deserto, a bela vegetação no meio do nada, tamareiras, as dunas, o vento soprando as vestes e os cabelos e você vindo ao meu encontro. Que cenário fascinante, onde só existíamos nós e a força da natureza. Agora, estamos aqui, não sei por quanto tempo vamos estar juntos neste recuo, nesta volta, na parte bela da nossa antiga civilização. E o mais surpreendente e intrigante são as lembranças vivas que permanecem conosco.

- Ah! querido Subastis, diz Najat presa ao corpo do amado, Sara, minha querida amiga sempre me falou “nada como ter um sonho e só reparti-lo com quem nos ama”. Não sei por quanto tempo adormeci, parece que surgi de longe, vim de um lugar tão lindo, mas não sei dizer de onde, mas lá, só me via surpreendida ao perceber que, inevitavelmente a você eu estávamos unidos, o que fez da solidão apenas um instante. Agora, percebo o que eu sentia e via o calor e a força de suas mãos macias segurando o meu corpo fraco. Vejo, agora, neste momento inesperado, ao lado de você, meu doce amado, isenta de terror e medo, viver o sonho que persiste, revelando pro mundo o meu segredo, sem precisar ser um engano, revelando este sentimento que existe e não mais esconder no peito o desejo de falar: Subastis, eu o amo.



**ANDRÉ FIGUEIREDO RODRIGUES**

**PABLO NERUDA: LEITOR DE CASTRO ALVES**

**PABLO NERUDA: RÁPIDAS NOTAS POÉTICO-BIOGRÁFICAS**

Pablo Neruda, pseudônimo de Ricardo Eliécer Neftali Reyes Basoalto, nasceu em 12 de julho de 1904, no pequeno lugarejo de Parral, a 340 quilômetros ao sul de Santiago, capital do Chile. Seus pais foram: José del Carmen Reyes Morales, maquinista de trem, e Rosa Neftali Basoalto Opazo, professora, morta pela tuberculose um mês depois do nascimento de Pablo. Foi criado por Trinidad Candia Marverde, a segunda esposa de seu pai, a quem ele acha incrível ter de chamar de madrastra, já que ela é o “anjo tutelar” de sua infância, “diligente e doce”, com senso de humor e uma “bondade ativa e infatigável” (NERUDA, 1983, p. 10-12).

Nos seus primeiros cinco anos, Pablo Neruda diverte-se com a chuva, o vento e o frio que assolava a região de Parral. Poucos são os relatos dos primeiros anos de sua infância, registrados na obra memorialista *Confesso que vivi*. Em 1906, sua família se muda para a cidade de Temuco. De lá, se lembra das lojas de ferragens que ostentavam nas suas paredes desenhos dos produtos à venda, como “um imenso serrote, uma panela gigantesca, um cadeado ciclópico, uma colher antártica”, porque muitos compradores são índios e não sabem ler (NERUDA, 1983, p. 9).

Naquela localidade, em 1910, é matriculado no Liceu de Homens, um vasto casarão com salas desarrumadas e subterrâneos,

sombrios. Do alto do liceu, na primavera, se divisava o ondulante e delicioso rio Cautín, com suas margens cheias de maçãs silvestres. Fugíamos das aulas para mergulhar os pés na água fria que corria sobre as pedras brancas.

Mas o liceu era um território de perspectivas imensas para meus seis anos de idade. Tudo tinha possibilidade de mistério: o laboratório de Física (onde não me deixavam entrar), cheio de instrumentos deslumbrantes, de retortas e pequenas cubas; a biblioteca, eternamente fechada. (...) No entanto, o lugar de maior fascínio era o subterrâneo. Havia ali um silêncio e uma escuridão muito grandes. À luz das velas, brincávamos de guerra. Os vencedores amarravam os prisioneiros nas velhas colunas. E conservo na memória o cheiro de umidade, de lugar escondido, de túmulo (NERUDA, 1983, p. 12-13).

Desde cedo, os livros o fascinam. Frequentava a biblioteca municipal e lá pegava livros que contavam as façanhas de Buffalo Bill. Apesar de não gostar dele como pessoa, por matar índios, o admirava por ele ser um “bom cavaleiro” e ao seu autor por narrar as “belas pradarias” ou as “tendas cônicas dos peles vermelhas”. Também, se interessava por livros com relatos de viagem (NERUDA, 1983, p. 20).

Os “primeiros amores” se desenvolveram em cartas enviadas a Blanca Wilson.

Esta menina era filha do ferreiro e um dos rapazes, perdido de amor por ela, pediu-me que escrevesse por ele suas cartas amorosas. Não me lembro como seriam estas cartas que foram talvez meus primeiros trabalhos literários, pois, certa vez, ao encontrar-me com a estudante, ela me perguntou se era eu o autor das cartas que seu namorado lhe levava. Não me atrevi a renegar minhas obras e muito perturbado respondi que sim. Então ela me deu um doce de marmelo que, é claro, não quis comer e guardei como um tesouro. Afastado assim meu companheiro do coração da menina, continuei

escrevendo intermináveis cartas de amor e recebendo doces de marmelo (NERUDA, 1983, p. 13).

De acordo com Neruda, os meninos do liceu não respeitavam sua condição de poeta (NERUDA, 1983, p. 13). Mesmo assim, recebia incentivos da diretora Lucila de Maria del Perpetuo Socorro Godoy Alcayaga (1889-1957), mais tarde conhecida por Gabriela Mistral, Prêmio Nobel de Literatura em 1945.

Poucas vezes a vi – mas o bastante para cada vez sair com alguns livros que me presenteava. Eram sempre novelas russas, que ela considerava o máximo da literatura mundial. Posso dizer que Gabriela me iniciou nessa séria e terrível visão dos romancistas russos e que Tolstói, Dostoiévski e Tchecov entraram na minha predileção mais profunda. Continuam me acompanhando (NERUDA, 1983, p. 21).

Gabriela Mistral e seu tio Orlando Masson, poeta e fundador do Diário de Temuco, estimulam suas incursões poéticas. O pai, no entanto, opõe-se à vocação literária do filho, desejando vê-lo formado com vistas a um futuro promissor. Para evitar mal-estar com seu pai, que não aceitava ter um filho poeta, a partir de outubro de 1919, Ricardo Reyes adota o pseudônimo de Pablo Neruda, inspirado no nome do escritor checo Jan Neruda (1834-1891).

Com o final do ciclo escolar básico, Pablo Neruda ingressa no curso de Pedagogia na Universidade do Chile, em Santiago. Levou, ao lado do “traje negro” que seu pai lhe dera, a cabeça “cheia de livros, de sonhos e de poemas que zumbiam (...) como abelhas” (NERUDA, 1983, p. 29).

A pensão da Rua Maruri, nº 513, é seu primeiro endereço em Santiago do Chile. Lá, em meio à “agonia de cada tarde, o céu embandeirado de verde e carmim” e a fome que passava, “por causa da dieta rigorosa da pobreza”, Pablo Neruda escrevia “de dois a cinco poemas por dia”. Em 1923, termina a escrita de seu primeiro livro *Crepusculario*, cujo capítulo central se chama “Os crepúsculos

de Maruri”. Sem condições financeiras para arcar com a edição da obra, consegue auxílio econômico de amigos, que ajudam a bancar a impressão (NERUDA, 1983, p. 29, 43-44). O momento da edição de um livro é, segundo ele, inesquecível:

Meu primeiro livro! Sempre sustentei que a tarefa do escritor não é misteriosa nem mágica, mas que, pelo menos a do poeta, é uma tarefa pessoal, de benefício público. O que mais se parece com a poesia é um pão ou um prato de cerâmica ou uma madeira delicadamente lavrada, ainda que por mãos rudes. No entanto, creio que nenhum artesão pode ter, como o poeta tem, por uma única vez durante a vida, esta sensação embriagadora do primeiro objeto criado por suas mãos, com a desorientação ainda palpitante de seus sonhos. É um momento que não voltará nunca mais. Virão muitas edições mais cuidadas e belas. Chegarão suas palavras vertidas na taça de outros idiomas como um vinho que cante e perfume em outros lugares da terra. Mas esse minuto em que o primeiro livro sai, com tinta fresca e papel novo, esse minuto de arrebatamento e embriaguez, com som de asas que revolteiam e de primeira flor que se abre na altura conquistada, esse minuto é único na vida do poeta (NERUDA, 1983, p. 45).

O sucesso da obra lhe permite entrar em contato com poetas, boêmios, estudantes e loucos. Entre eles, Alberto Rojas Gimenez, diretor da revista *Claridad*, que o convida para escrever críticas literárias. O passar dos anos o faz produzir cada vez mais. Ao longo do tempo vão nascendo novos livros: *Vinte poemas de amor e Uma canção desesperada* (1924). Por tanto falar em amor, o cupido o atacou. Neruda apaixonou-se por Albertina Azócar, musa de seus livros inaugurais, que não aceita os galanteios e as investidas do poeta. Depois dela, vieram outras mulheres: Maria Antonieta Haagenar Vogelzanz, com quem se casou em dezembro de 1930 e se separou em 1936. Com ela tem uma filha, Malva Marina Trinidad, morta aos oito anos vítima de hidrocefalia. No final da década de

1930, inicia um relacionamento com a pintora argentina Delia del Carril, com quem vive até 1955, e a quem evita magoar quando publica, anonimamente, em 1952, em Nápoles, na Itália, *Os versos do capitão*, dedicados a Matilde Urrutia, sua paixão clandestina. Por volta de 1946, Neruda é apresentado à cantora Matilde. De um encontro fortuito ao casamento em 1966, a relação amorosa de ambos é regada de muita paixão (SILVA, 2004).

Por influência de um amigo muito bem relacionado na alta cúpula política do Chile, Pablo Neruda é nomeado cônsul na Birmânia (hoje Myanmar), na Indonésia, em Cingapura, no Ceilão (atual Sri Lanka), na Argentina, na Espanha, na França e no México. Em todos estes lugares registra, em seus versos, a região, os homens, a história.

Na Espanha, entre 1934 e 1936, na escuridão do governo fascista de Francisco Franco, Pablo Neruda opõe-se ao governo, principalmente após a execução do amigo e poeta Federico Garcia Lorca (1898-1936), por ser considerado “mais perigoso com a caneta do que outros com o revólver”. Pressionado pelo ditador espanhol, o governo chileno destitui Neruda do cargo diplomático, mandando-o para Paris. Na “cidade luz”, sua voz e escrita não se calam: recruta escritores e intelectuais para, com palavras, lutar contra o fascismo. Edita a revista *Os poetas do mundo defendem o povo espanhol* (SILVA, 2004).

No México, Pablo Neruda encerra sua carreira diplomática. Retorna ao Chile e lá constata que a realidade de seu país, em muitos aspectos, assemelha-se à da Espanha. Não é a guerra que une a Espanha ao Chile, mas a pobreza, a ignorância e o subdesenvolvimento trazidos – também para toda a América Latina – com a colonização ibérica em terras americanas.

Neruda descobre suas raízes após suas andanças por diversas partes do mundo. Inquieta-se ao observar a massa de desabrigados

que vivem sob o signo da desesperança, da miséria. Pablo volta-se para seu povo e assume a militância de defendê-los em seus versos. Sob o ideal de defesa dos necessitados, em março de 1945, é eleito senador. Em junho daquele ano, filia-se ao Partido Comunista. Como político, viajou pelo interior chileno, inteirando-se da realidade do país.

Acreditando nas ideias socialistas de Gabriel González Videla (1898-1980), ajuda-o a se eleger presidente do Chile em 1946. No poder, aos poucos, o véu socialista cai e Videla, o Judas chileno, começa a perseguir todos aqueles que o ajudaram e que divergiram de suas ideias, ao gosto dos norte-americanos.

Com discursos inflamados no púlpito do Senado e publicando artigos contra o governo no exterior, o senador Pablo Neruda passa a ser mal visto pelo governo. A perseguição se inicia com a publicação do artigo “A crise democrática do Chile é uma advertência dramática para nosso continente”, mais conhecido como “Carta íntima para milhões de homens”, no jornal *El Nacional* de Caracas, na Venezuela. O texto foi entendido pelo governo como um desaforo de Neruda, por denegrir o Chile no exterior e por calúnias e injúrias contra Videla. A reação governamental foi imediata: o senador Pablo Neruda foi cassado e passou a viver, primeiro, em clandestinidade em seu país, e, depois, no exílio (SCHIDLOWSKY, 2008, v. 1, p. 712-717).

Durante o período em que viveu na clandestinidade, Pablo Neruda termina a escrita de *Canto Geral*: “grito de denúncia contra as injustiças históricas da América Latina, revisão dos séculos de dominação estrangeira e de resistência nativa” (SILVA, 2004).

### CANTO GERAL: ENCICLOPÉDIA HISPANOAMERICANA

A obra *Canto Geral* foi publicada em 1950, no México. É o décimo livro de Pablo Neruda. Começou a escrevê-lo em 1938 e traz em suas páginas quinze seções, 231 poemas e mais de quinze mil versos.

É o livro mais político e ambicioso de Neruda. Pretende, nas suas palavras, ser uma crônica ou enciclopédia de toda a América hispânica. Muitos críticos têm qualificado *Canto Geral* como um texto épico, já que os poemas se dirigem do elogio à natureza (árvores, animais e o mar) à apologia dos heróis revolucionários libertadores da América de colonização ibérica. Em seus cantos, o poeta escreve sobre a terra, os homens e a história da América Latina, traçando paralelos com lutas emancipacionistas universais, reafirmando, explicitamente, sua opção pela arte engajada na luta social.

Em “Os libertadores”, quarto canto do livro, Neruda faz apologia aos defensores do continente americano, como Cuauhtémoc (1502-1525), também conhecido por Guatimozin, o último imperador asteca, que lutou contra as forças de invasão espanholas no México; frei Bartolomé de las Casas (1474-1566), considerado o primeiro sacerdote ordenado na América e defensor dos índios; Caupolicán, chefe militar dos mapuches, que lutou contra os conquistadores espanhóis pela liberdade de seu território no sul do Chile; passando pelos próceres independentistas José Francisco de San Martí (1778-1850), general argentino e o primeiro líder na América do Sul que obteve sucesso no seu esforço para a independência da Argentina, do Chile e do Peru; Bernardo O’Higgins Riquelme (1778-1842), considerado o “pai da pátria chilena”, por sua ativa participação no processo emancipacionista e por ser o primeiro chefe de estado do Chile independente da Espanha; o venezuelano Francisco de Miranda (1750-1816),

considerado o precursor da independência da América espanhola, cujos ideais foram seguidos por Bernardo O'Higgins e Simon Bolívar; o haitiano Toussaint L'Ouverture (1743-1803), reconhecido por ter sido o primeiro líder negro a vencer as forças de um império colonial europeu em seu próprio país. Nascido escravo, tendo sua formação em armas e conseguido levar uma luta vitoriosa para a libertação dos escravos haitianos, Toussaint passou a ser uma figura histórica de importância no movimento de emancipação dos negros na América, entre outros personagens.

**CASTRO ALVES: "O POETA DA NOSSA AMÉRICA"**

Entre os libertadores da América, narrados em *Canto Geral*, Pablo Neruda cita Castro Alves, do Brasil, e a ele dedica o vigésimo nono poema do quarto canto:

**CASTRO ALVES DO BRASIL**

Castro Alves do Brasil, para quem cantaste?  
Para a flor cantaste? Para a água  
cuja formosura diz palavras às pedras?  
Cantaste para os olhos, para o perfil recortado  
da que então amaste? Para a primavera?

Sim, mas aquelas pétalas não tinham orvalho,  
aquelas águas negras não tinham palavras,  
aqueles olhos eram os que viram a morte,  
ardiam ainda os martírios por detrás do amor,  
a primavera estava salpicada de sangue.

- Cantei para os escravos, eles sobre os navios,  
como um cacho escuro da árvore da ira  
viajaram, e no porto se dessangrou o navio  
deixando-nos o peso de um sangue roubado.

- Cantei naqueles dias contra o inferno,  
contra as afiadas línguas da cobiça,  
contra o ouro empapado de tormento,  
contra a mão que empunhava o chicote,  
contra os dirigentes de trevas.

- Cada rosa tinha um morto nas raízes.  
A luz a noite, o céu, cobriam-se de pranto,  
os olhos apartavam-se das mãos feridas  
e era a minha voz a única que enchia o silêncio.

- Eu quis que do homem nos salvássemos,  
eu cria que a rota passasse pelo homem,  
e que daí tinha de sair o destino.  
Cantei para aqueles que não tinham voz.  
Minha voz bateu em portas até então fechadas  
para que, combatendo, a liberdade entrasse.

Castro Alves do Brasil, hoje que o teu livro puro  
torna a nascer para a terra livre,  
deixa-me a mim, poeta da nossa América,  
coroar a tua cabeça com os louros do povo.  
Tua voz uniu-se à eterna e alta voz dos homens.  
Cantaste bem. Cantaste como se deve cantar.  
(NERUDA, 1984, p. 136-137)

No poema, Castro Alves é lembrado por Pablo Neruda como aquele que, ao mesmo tempo em que cantou às flores, às águas, à formosura da mulher amada, fez com que "em portas até então fechadas (...) a liberdade entrasse." Neruda reverencia Castro Alves como o "poeta da nossa América", por ter cantado àqueles que não tinham voz: os escravos.

Castro Alves é considerado um dos mais brilhantes poetas românticos brasileiros. Seu nome de batismo é Antônio Frederico de Castro Alves, nascido em 14 de março de 1847, na fazenda Cabeceiras, próxima à vila de Curralinho, hoje cidade de Castro Alves, no Estado da Bahia. Era filho do médico Antônio José Alves e de Clélia Brasília da Silva Castro, falecida quando ele tinha 12 anos (COSTA E SILVA, 2006, p. 9).

Castro Alves tinha onze anos quando entrou para o Ginásio Baiano, do educador Abílio César Borges, futuro barão de Macaúbas e futura personagem de Raul Pompeia, o doutor Aristarco Argolo de Ramos, impiedosamente dissecado em *O ateneu* (COSTA E SILVA, 2006, p. 16).

No colégio, o professor Abílio incentivava a realização de saraus literários, com a participação de pais, alunos e professores. Dava tamanha importância para essas tertúlias que construiu um palanque especialmente para elas, o Outeiro. Nesse palanque, Castro Alves recitou seus primeiros poemas (COSTA E SILVA, 2006, p. 18).

Desde jovem, mostrou-se um entusiasta apaixonado pelas causas da liberdade e da justiça. Seus versos motivam a conquista da liberdade para os escravos, levando-o à tarefa de desvendar quem era o brasileiro e em que país se vivia em meados do oitocentos. Sua poesia-discurso compreende o drama da exploração dos escravos e motiva a luta contra a escravidão. Por dar voz às angústias e aos sonhos dos cativos, Castro Alves ficou conhecido como “Poeta dos Escravos”.

Escravos que estavam em todas as partes do Brasil: nas lavouras, nas cidades, dentro de casa, nas senzalas, fugidos nos matos e nos centros urbanos; enfim, onde havia serviços: capinando matos, limpando casas, construindo ruas e edifícios públicos ou particulares, como amas de leite, exercendo ofícios especializados como barbeiros, cirurgiões, carpinteiros e carregadores, vendendo

comida, água e badulaques etc. O que podiam, eles faziam... O Brasil foi um país de escravos. Talvez, o maior país de escravos da era moderna, ou pelo menos, o país moderno mais dependente de cativos. Ou, ainda, pelo menos, o maior país e mais dependente de escravos do continente americano. Havia diversos tipos de escravos: de propriedade do senhor ou alugados. E havia os mancípios de “ganho”, aqueles que o senhor punha a realizar determinado serviço para fazer algum dinheiro. Os que trabalhavam nas cidades, exercendo ofícios diversos, podiam ser libertos ou ser, também, “negros de ganho”. Ou escravas que podiam, nas ruas, vender quitutes ou se prostituir para ganhar alguns trocados (TOLEDO, 1996, p. 52).

A escravidão é um tema indissociável da condição humana. A palavra “trabalhar”, em português, deriva de *tripaliare*, que, em latim vulgar, significava martirizar com o *tripaliu* — um instrumento de tortura. Em inglês, *slave*, escravo, vem de *slav*, eslavo. Os eslavos foram os escravos dos impérios europeus antigos, principalmente, do Império Romano. Os impérios chinês e otomano floresceram graças ao braço escravo. O sul dos Estados Unidos, com a sua vocação agrícola, manteve a escravização do negro africano em regime mais duro que o nosso. A palavra *rabota*, em russo, quer dizer trabalho, e tem como raiz *rab*, que significa escravo (PÓLVORA, s./d.).

Em mais de três séculos e meio, no Brasil desembarcaram nos portos mais de quatro milhões de negros escravos africanos, 40% das importações totais das Américas, em uma das mais volumosas operações de transferência forçada de pessoas havidas na História. O Brasil é um país formado na concepção de que o trabalho é algo que se obriga outro a fazer e pessoas humanas são mercadorias. Um escravo podia ser objeto de compra, venda, empréstimo, doação, penhor, sequestro, transmissão por herança, embargo, depósito, arremate e adjudicação, como qualquer mercadoria (TOLEDO,

1996, p. 52-53). Mas era uma mercadoria especial: tinha alma e sentimentos, como qualquer outra pessoa. Porém, sua alma e sentimentos não eram conhecidos, ou se fazia o possível para não conhecer. Castro Alves rompeu com isto.

De acordo com Pablo Neruda, Castro Alves cantou “para os escravos”, contra “o inferno” do cativo, contra a “cobiça” desmedida de exploração do homem por dinheiro e pelo uso da força, “contra a mão que empunhava o chicote”.

Para dar voz àqueles “que não tinham voz”, o poeta baiano escreveu *Navio Negreiro*. Como *Canto Geral*, de Neruda, *Navio Negreiro* é considerado pela crítica um poema épico. Foi escrito em 18 de abril de 1868, mas, foi tornado público no dia 7 de setembro daquele ano, quando foi declamado durante sessão comemorativa pela Independência do Brasil.

O poema se divide em seis partes. Na primeira, Castro Alves exalta o cenário natural em que a ação se passa: o mar. A seguir, elogia os marinheiros. Na terceira parte, apresenta o navio negreiro, com um quadro de tristeza e horror:

... que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras!  
É canto funeral!... Que tétricas figuras!...  
Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror!  
(ALVES, 1921, p. 95)

Na quarta parte, Castro Alves apresenta descrição detalhada do navio, informando o sofrimento dos escravos:

Era um sonho dantesco... o tombadilho  
Que das luzernas avermelha o brilho.  
Em sangue a se banhar.  
Tinir de ferros... estalar de açoites,  
Horrendos a dançar...  
(...)

Ouvem-se os gritos... o chicote estala.

(...)

Presas nos elos de uma só cadeia,  
A multidão faminta cambaleia,  
E chora e dança ali!  
Um de raiva delira, outro enlouquece,  
Outro, que martírios embrutece,  
Cantando, geme e ri!  
(ALVES, 1921, p. 95-96)

Na quinta parte, remete o leitor para a África, a terra natal dos cativos que são trasladados forçosamente pelo mar:

Ontem simples, fortes, bravos.  
Hoje míseros escravos,  
Sem ar, sem luz, sem razão...

(...)

Ontem plena liberdade,  
A vontade por poder...  
Hoje... cúmulo de maldade,  
Nem são livres p'ra morrer...  
Prende-os a mesma corrente  
– Férrea, lúgubre serpente –  
Nas roscas da escravidão.  
(ALVES, 1921, p. 98-99)

Na sexta e última parte, Castro Alves apresenta-nos a antítese entre a África livre e a África que se beneficia com a escravidão. Mas, em todos os versos da poesia abolicionista, ele denuncia a injustiça e clama por liberdade. Liberdade semelhantemente pregada por Pablo Neruda para romper os grilhões que nos prendem ao poderio europeu e norte-americano.

Ao cantar Castro Alves em *Canto Geral* e ao se ler o poema *Navio Negreiro*, fica-se com a sensação de que, em ambos, o leitor é cobrado a se posicionar criticamente perante as injustiças. Cita o poeta baiano:

Quem são estes desgraçados,  
Que não encontram em vós  
Mais que o rir calmo da turba,  
Que excita a fúria do algoz?  
(ALVES, 1921, p. 97)

Na poesia brasileira, estão emparelhados dois sofrimentos, o dos escravos e o do poeta. Castro Alves conseguiu, em uma época em que o escravo era visto com coisa, ressemantizar a figura do negro, reconhecendo-lhe humanidade, destacando-o do cotidiano brutal a que estava submetido, para descrevê-lo na moldura da natureza. Neruda escreveu: “Castro Alves do Brasil, para quem cantaste?” (NERUDA, 1984, p. 136). A capacidade poética de Alves, tão bem lembrada por Neruda, e a própria capacidade poética de Pablo Neruda estão na comunhão que estabelecem com a sua gente, na forma como participaram das lutas de seus povos. Os lados artístico e político-ideológico de Alves e Neruda, tão distantes no tempo e no espaço, nos fazem ficar indignados. Ainda hoje lutamos por liberdade... A famosa écloga de Virgílio nunca esteve tão em alta: “Liberdade ainda que tardia!”

## BIBLIOGRAFIA

ALVES, Castro. *Obras completas*. Edição crítica de Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro: F. Alves, 1921. v. 2.

BERTUSI, Lisandra Teresinha. A poesia de Pablo Neruda: vanguarda, modernismo e regionalidade. *Antares: Letras e Humanidades*, n. 3, p. 113-128, jan./jun. 2010.

COSTA E SILVA, Alberto da Costa. *Castro Alves: um poeta sempre jovem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NERUDA, Pablo. *Canto geral*. Trad. Paulo Mendes Campos. 6. ed. São Paulo: Difel, 1984.

\_\_\_\_\_. *Confesso que vivi*. Trad. Olga Savary. 16. ed. São Paulo: Difel, 1983.

PÓLVORA, Hélio. Navio negreiro. s./d. *Jornal de Poesia*. Disponível em: <<http://www.revista.agulha.nom.br/polvra01.html>>. Acesso em: 11 mar. 2011.

SCHIDLOWSKY, David. *Neruda y su tempo*. Santiago de Chile: RIL, 2008. v. 1.

SILVA, Maria Cecília Barbosa Reis da. O Canto Geral de Pablo Neruda, o poeta do mundo. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 42, nov. 2004. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/042/42csilva.htm>>. Acesso em: 13 mar. 2011.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. A sombra da escravidão. *Veja*, São Paulo, ano 19, ed. 1444, p. 52-65, 15 maio 1996. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital>>. Acesso em: 14 mar. 2011.

*André Figueiredo Rodrigues* é Doutor em História pela Universidade de São Paulo. Acadêmico Efetivo da Academia Guarulhense de Letras (AGL) e Membro Titular da Comissão de História do Instituto Panamericano de Geografia e História (IPGH). Professor das Faculdades Guarulhos e do Centro Universitário Anhanguera de São Paulo. Website: [www.histoecultura.com.br](http://www.histoecultura.com.br)



## ANTÔNIA CONCEIÇÃO VAZ DUARTE

### O JURA

Ah! Essas máquinas maravilhosas! É feira do automóvel em São Paulo e os meninos grandes lotam o Anhembi.

Os olhinhos e o coração brilham como um guri na primeira infância, percorrendo um parque de diversões. Alguns já a deixaram para trás há um bom tempo.

Crianças grandes lambem as novidades sobre quatro rodas com o olhar mágico da infância.

Modelos esguias adornam as poderosas máquinas, ambas talhadas para seduzir.

Numa dessas montadoras, trabalhava o Jurandir, mais precisamente na Mercedes Benz, na linha de montagem de caminhões, na próspera região do ABC paulista.

Jura estava na empresa desde que veio, ainda bem jovem, de Paraguaçu Paulista, cidade com cerca de quarenta e cinco mil habitantes, da Alta Sorocabana, no interior de São Paulo.

Cheio de medo e muita esperança, havia migrado com toda a família rumo à cidade dos sonhos dos interioranos. Buscavam uma vida econômica melhor e conseguiram.

A maioria desses paraguaçuenses aproveitou bem as oportunidades que a vida de São Paulo ofereceu: trabalho, amigos, amores, formação de nova família e muita história para contar.

Caso similar ao do nosso presidente, agora no final do seu segundo mandato. Lula aproveitou as experiências infantis da dureza

de Garanhuns em Pernambuco, as dificuldades e alegrias de Brasília e as frequentes e inúmeras viagens como presidente, representando a maior economia da América Latina.

Dilma certamente poderá nos surpreender em seu futuro governo, aproveitando suas vivências em Belo Horizonte, Porto Alegre e Brasília.

Assim salvam-se pessoas e nações, tirando vantagens das dificuldades da vida.

Ninguém começa do zero quando tem um percurso.

Toninha certamente capitalizou aprendizagens afetivas de seus dois longos relacionamentos conjugais com Jurandir e Dito: amor, companheirismo, filhos, amizades e, claro, muitos enfrentamentos.

A sexualidade é uma boa linha condutora de uma história, tanto individual quanto coletiva, tal sua importância. É capaz de tirar jovens do conforto de seus lares para arriscar vida nova ao lado de alguém que nunca conheceu.

Jurandir era o quinto filho de oito irmãos, todos de olhos claros, de origem italiana e portuguesa. Não era sábio nem santo, não saía do cotidiano. Porém, esse Jura era especialmente afetivo; quando abraçava, tinha-se a sensação de que o mundo inteiro nos abraçava junto.

Como dizia Madre Tereza: “a falta de amor é a maior de todas as pobreza”. Em matéria de amor, esse rapaz era realmente rico.

Sua voz era melodiosa, sabia como e o que a mulher gosta de ouvir. Aprendeu na prática da sedução a transformar uma simples mulher numa mulher amada, cheia de sentido.

Seu abraço era terno e quente, de uma amorosidade intensa, nos envolvia por segundos e durava muito todo seu calor. Toninha e todas as outras mulheres devem ter sido seduzidas por ele e demais atributos do galante de Paraguaçu.

Jura gostava de bebidas, amigos e mulheres, muitas mulheres...

Casou-se ainda bem jovem com Toninha, morena de singela beleza e tiveram três garotos. Trabalhava no comércio para ajudar nas despesas e pagar as contas não quitadas do boêmio consorte.

A união de duas pessoas em nome do amor, de valores culturais diferentes, com hábitos próprios, mesmo dentro da mesma cultura é um milagre, embora impermanente como tudo.

Fácil casar, difícil é ficar casado!

Óbvio que o amor não aguentou tanta transgressão e depois de vinte e cinco anos veio a separação do casal Jura x Toninha.

Três meses depois do acontecimento, o novo solteirão, deveras entusiasmado, apresentou-me sua nova namorada: uma enfermeira toda animada, que havia deixado seu casal de filhos menores de oito anos com seu ex-marido. Esse fato e sua presença fizeram-me muito mal, rejeição à primeira vista.

O que deve mesmo ter-me indignado foi ver a efusiva aprovação da matriarca da família, mãe de Jurandir, durante a apresentação social da candidata a nora.

A velha senhora sorria de contentamento, tentando agradar a lambisgoia. Fala estridente e comportamento histérico, no mínimo seu comportamento era inadequado e inoportuno. A mulher em ação era uma cena para lá de irritante.

Considerarei a atitude um desrespeito às outras noras e aos seus três netos, que corriam pela casa brincando com os primos. Situação difícil de engolir, pobre Toninha!

Relacionamento conturbado, que durou pouco. Mais tarde soube que a tal enfermeira já havia sido presa alguns meses, por envolvimento com drogas.

Fiquei aliviada, pois minha resistência a essa mulher tinha fundamento, não era ciúmes nem oposição gratuita.

Anos depois...

Toninha casou-se novamente, filhos criados, foi viver em Santo Anastácio, interior de São Paulo, onde estavam suas origens.

O ex-marido ficou no ABC, próximo da mãe, do trabalho, dos amigos de noitada e das mulheres.

Jurandir, homem maduro, tendo vivido mais de cinquenta anos nada monótonos, começou a apresentar sérios problemas de saúde, tendo que se haver com os graves sintomas decorrentes do diabetes.

Os médicos recomendaram disciplina alimentar e vida regrada. Orientação nada fácil de seguir para o contumaz paciente.

As desobediências médicas seguiram-se sucessivamente: comida, bebida e muito estresse, deu no que deu.

Anos mais tarde, devido a uma gangrena, precisou amputar uma perna. Episódio muito triste, ninguém merece ser enterrado depois da perna!

Quem tinha extrema compaixão do pobre Jura era Dona Ester, uma imigrante portuguesa, sogra de seu irmão mais velho.

A tímida e gentil senhora, ainda jovem veio para o Brasil com a filha e o marido, logo depois da segunda guerra mundial. Deixou para trás sua vida e uma Europa de ânimo rebaixado pelo conflito, por muitos desafios, sacrifícios, fome e saudades.

Ninguém sai da sua terra porque quer. É expulso por catástrofes naturais, problemas políticos, sociais e econômicos e principalmente movido por sonhos de uma vida melhor.

A imigração altera o psiquismo daquele que ousou não aceitar as condições em que se encontrava. Doravante, se ficasse em sua terra, também haveria de pagar algum preço. Se não migrasse, certamente pagaria o preço de ter ficado.

A recatada e triste senhora viu um negro pela primeira vez em Lisboa quando vinha para o Brasil. Viu também o mar e encantou-se

com ele, por sua imensidão, bem ali na sua foz, onde o Tejo encontra o mar.

Na década de cinquenta, ao chegar no Porto de Santos, espantou-se ao ver a sua nova Terra Brasil. Numa carta-desabafo à sua mãe disse:

- Precisava ter visto, minha mãe, lá há muita gente pretinha que fala, come espigas de milho pelas ruas e ri e ri muito! Parece que há sempre um contentamento, sem que eu perceba a razão.

Várias vezes ouvi Dona Ester suspirar com seu sotaque lusitano:

- Ai meu Jesus! Pobre Jurandir, aconteceu-lhe como ao meu pobre marido: ficou sem uma perna, que destino!

Depois da amputação, cabe à família a triste cerimônia do enterro da perna.

Jura agora literalmente estava com um pé na cova!

Depois de muito tratamento, fisioterapias seguidas e um entusiasmo que ninguém sabe de onde vinha, lá estava ele dando seus pulinhos atrás da mulherada.

Faltava perna, sobrava mulher!

O perneto era mesmo um conquistador de dar inveja a qualquer bípede!

Afinal, era preciso adaptar-se à nova condição. Agora o Jura era portador de necessidades especiais. A cidade não facilita a vida dessas pessoas. Ainda há muito a ser feito para que a circulação e acesso para elas melhorem.

Às vezes ele reclamava de dor nos dedos da perna amputada, muito comum nessa situação; às vezes, ria da própria desgraça.

Ganhou uma perna mecânica importada, a melhor, doada pelo irmão primogênito, porém não se adaptou. Experimentou muletas algum tempo, mas a sua perna lhe parecia insubstituível. Veio a melancolia, a depressão, os dias eram longos.

Consolar-se era preciso, não nasceria outra perna no cotoco, não somos lagartixas, ou salamandras que se regeneram.

Jurandir movimentou-se por longo tempo numa cadeira de rodas, que lhe deu mais autonomia. Por sorte, era uma pessoa de bom humor e a superação seguia a passos largos.

O homem perdeu a perna, mas não perdeu a esperança! Corria atrás do que podia.

Tratou logo de usar o que sobrou e aos poucos foi percebendo que sobrou muita coisa. A vida é mais importante do que uma perna, pensou, tentando achar um novo rumo, novas formas de andar na vida.

Embora aposentado, comprou um carrinho de lanches para se sentir útil, ganhar um pouco mais de dinheiro e passar melhor o tempo.

“O Homem trabalha para esquecer da morte”, escreveu a grande escritora francesa Nathalie Sarraute.

O trabalho tem a função de facilitar a vida dos outros e a nossa. A tarefa precisa estar cheia de significado para que seu produto final cumpra seu propósito.

Os dias, em Santo Anastácio, bem longe da frenética São Paulo, têm ritmo diferente, passam mais devagar, sobra uma folga para dar um dedinho de prosa com os amigos, dizia o Jura acostumado à cidade grande.

Vender lanches, conversar com os fregueses, vê-los comer contentes, fazer compras e pagamentos preenchiam e suavizavam a rotina, vez por outra cheia de enfrentamentos.

Os dias de verão eram escaldantes, porém o frio das relações sociais arrefecia o entusiasmo, o humor já não era mais o mesmo. A direção da vida cada vez menos controlada, sem rumo, perdia-se no vazio das expectativas.

Enfatizavam-se os sintomas da moléstia, a fragilidade do ser agora era visível. A costumeira alegria desapareceu da face. Jurandir se deprimia.

A saúde debilitava-se cada vez mais, agravavam-se os problemas circulatórios e a ponta do outro pé foi amputada.

A vida lhe deu muito, mas também tinha muito que lhe tirar. Ficou alguns meses na cama e saiu da vida. O homem que tanto amou permanecerá na lembrança dos amigos e no coração de muitas mulheres.

Ele era rico da maior riqueza que se pode ter: o amor. Certamente sua existência valeu a pena!

### *NENÊ, A DAMA DA NOITE*

Nenê desfilava sua negritude franzina sem nenhum atributo, físico notável, bar adentro esguiava-se, noite após noite.

Era alegre, pelo menos parecia alegre. Nenhum motivo palpável justificava tal sentimento aos olhos do senso comum.

Às vezes roçava a beira do balcão, à margem do atendimento, como aquele que tanto faz ser atendido agora ou logo mais.

Fitava-a curiosamente, como se fosse objeto estranho, que segundo as normas pudicas precisava ser desolhada. Ainda assim, ela me provocava da base até o alto dos meus doze anos.

Vi a Copa do Mundo de 1958 na Suécia e a primeira conquista do Brasil na T.V. Philco do bar, uma das únicas do bairro. Era o meu cinema Paradiso!

O bairro de Santana estava em festa e eu também.

A T.V giratória transmitia imagens em preto e branco, mas a imaginação era de um colorido belíssimo! Era uma máquina de fazer sonhos, trazida para o Brasil em 1950 pelo audacioso jornalista Assis Chateaubriand.

As garotas-propaganda faziam os reclames ao vivo e era ao vivo que os amigos, vizinhos e fregueses do bar assistiam fascinados à novíssima tecnologia.

Era a primeira vez que um time sul-americano era campeão e levantava a taça do mundo em solo europeu. Era a estreia, na seleção do Brasil, do jovem atleta Pelé. Era a primeira vez que eu via uma nação em delírio. Era a primeira vez que via o bebê prematuro de Nenê em seus braços, sem nunca ter visto Nenê grávida.

Uma mulher grávida não se mostrava. Até as putas tinham o seu pudor. A gravidez é a expressão máxima da sexualidade. Numa época de repressão, ser fêmea reservada era obrigatório.

Assistir com a multidão à sensacional vitória brasileira na finalíssima de cinco a dois sobre a Suécia foi um espetáculo demasiadamente fantástico para ser absorvido na minha pré-adolescência.

A festa rolou horas regadas a gritaria e a cerveja. O piso do bar ficou forrado de cacos de garrafa e muito líquido, cheirando a mijo.

Observava atônita, atrás de uma pilha de conservas, os torcedores bêbados, sem censura, que passavam da euforia à violência descontrolada.

Um amálgama confuso de sentimentos de alegria e medo me paralisava, querendo que tudo acabasse, para dar um fim ao torturante caos.

Ouvi aliviada o barulho estridente da porta do bar fechar-se à minha frente, deixando os torcedores enlouquecidos e a Nenê com seu filho raquítico, do lado de fora, alheia a muita coisa. Restava à família fazer a dura faxina do bar para que no dia seguinte a vida retomasse o seu curso.

Nunca mais assistiria a uma Copa do Mundo igual a essa, paradigma inquebrável!

Percebi uma conversa semissecrta entre as meninas da Lola, de Nenê com Bel:

- Hoje a Liz não vai trabalhar, está encrocada. Dona Lola vai ficar danada, ai... ai... ai...

Liz escuta e não gosta nada da falação, olha para Nenê e adverte:

- E esse seu menino, já registrou o nome e batizou?

- Carece não, vamos ver se vinga, desvia o pequerrucho do olhar atrevido de Liz e chispa.

As meninas da casa da Lola falavam pouco, comiam pouco, fumavam e bebiam muito.

Eram raras as oportunidades de conversar, mas a curiosidade era muita. Respeitosas comigo, zelavam pelo ambiente reconhecidamente familiar. Temiam a repressão policial e a censura da sociedade hipócrita e violenta da época.

Os jovens iniciavam a vida sexual com as prostitutas; as “moças de família”, só depois do casamento. Era o que os bons costumes recomendavam, com penosas consequências para quem transgredisse a norma. A castidade era importante para garantir um bom casamento. Ainda presume ser em algumas sociedades e religiões tradicionais.

As meretrizes desempenhavam um papel importante na época; com a sua função, ajudavam as meninas bem nascidas a preservar a virgindade, moeda de dote importante para arranjar um bom marido. A virgindade sexual assegurava que a propriedade fosse transmitida ao natural herdeiro, daí sua importância. Não havia teste de D.N.A na ocasião, todo filho de mulher casada, segundo a lei, pertencia ao marido.

Não cheguei a construir nenhum tipo de amizade com as meninas da noite, mas sentia muita pena delas, pela forma como eram tratadas, usadas e desrespeitadas por quase todos. Coisificadas tinham preço, frequentemente, muito baixo.

Fazem parte das minhas mais remotas lembranças da infância a Nenê e suas colegas de comércio do sexo, que atuavam no bairro em que eu morava. Elas eram meu paradigma comparativo para as outras prostitutas da vida real ou da ficção, que vieram depois.

O mulhério despertava comiseração de fazer dó em mim. O fato de ser mulher justificava a piedade; era muita identificação projetiva.

A diferença do tratamento entre homens e mulheres era muito desfavorável ao sexo feminino e só iria se modificar com a revolução sexual do final dos anos 60 e seus desdobramentos, cujos resquícios ainda se percebem nos tempos de hoje.

Sinto que a mulher feminista começou a germinar com essas observações de fora e com os outros fatos ocorridos no lar. Era um choque, um contraponto de valores que exigiram sábios critérios de escolha pessoal. O lar e a rua, um tempo e lugar onde só o sentimento pode apalpar.

No Instituto Madre Mazzarello, em Santa Terezinha, participávamos da catequese, íamos à bênção do Santíssimo e lanchávamos. Assistíamos a palestras e mais palestras filosóficas e teológicas e sobre biografias de santos, cujos conteúdos reverberam em mim até hoje.

No domingo, nesse espaço sagrado, vivia um dia simples, contemplativo, alegre, morno e tranquilo, em que a felicidade parecia estar ao alcance das mãos. Será?

Pensamentos sagrados e profanos alternavam-se, ora amalgamavam-se num embaraço de causar vergonha em mim.

Pensava muito nessa mulher Nenê e em seu entorno relacional. Pensar é uma transgressão!

*Virtude é poder, deve ser vivida em ato. É melhor ensinar as virtudes, dizia Espinosa, do que condenar o vício.* Porém fui atravessada por essa mulher, que me tocava no ser diferente.

É preciso acreditar que a vida é bela como uma flor, senão eu murcho.

Nem a morte pode tirar de mim o que vivi, porque é uma experiência minha.

A bola iria rolar muitas vezes na telinha, muitos gritos ensurdecedores de alegria em vários tempos do futuro ainda ecoariam no bar, para regozijo do povo sem T.V.

Nenê e suas colegas de novo divertiriam muitos fregueses, aplacando solidões, aliviando instintos e várias vezes criando confusões e tragédias.

Certa vez, voltando da escola, esbarrei num carro da polícia. Assustei-me ao ver uma mulher de bruços, no chão do veículo, na parte traseira.

Não consegui identificar quem era. Na hora veio-me à cabeça que poderia ser a Nenê ou uma companheira sua, pois atritos com os meganhas eram constantes.

Gritos de horror saíam falhados de dentro do carro da polícia, como se alguém pisasse a garganta ou os pulmões da vítima. Paralisou-me a cena, não conseguia compreender tanto horror! Para minha tristeza, posso lembrar sempre que quiser, ao menor esforço de memória.

Uma frágil mulher, dominada por um homem fardado, que deveria dar proteção às pessoas, agia como um carrasco. Tive medo, muito medo...

Apressei o passo, a casa se fazia longe, as pernas eram curtas para a urgência. O caminho, que era tão familiar, parecia longo e estranho, a casa não chegava. O coração parecia não dar conta de bombear oxigênio suficiente para as pernas acelerarem a marcha. Finalmente, mortificada, cheguei!

Minha mãe, ansiosa, já estava à minha espera minutos a fio, fitou-me e disse:

- Oh, filha, graças a Deus que chegaste!

### **QUERO DÓLARES!**

- Eu vim salvar vocês!, gritou Marcelo, aliviado, com voz de super-herói, depois de ouvir o carro saindo da garagem de casa, no fim daquela fatídica manhã de terror.

O adolescente de catorze anos saiu veloz de seu quarto, adentrando a sala íntima da casa e nos encontrou no chão, com pernas e pés atados e bocas amordaçadas; começou, então, a nos soltar.

Nenhum dos meninos foram amarrados. Os assaltantes pensavam que Alexandre e Marcelo estivessem dormindo. Não há crime perfeito, certo?

Era o primeiro dia de férias escolares de inverno. O sábado estava frio, como fria permaneceu toda aquela gélida manhã até o meio-dia. O meio-dia mais longo da vida da minha vida...

Às duas horas da madrugada, jogaram um sapato na piscina, que ficava num belo platô, nos fundos da casa. E que casa! Projeto de arquiteto baiano, um verdadeiro artista, e muitos palpites meus.

Certamente, o sapato foi jogado para testar se havia cachorro, alarme ou qualquer coisa que servisse de empecilho ao objetivo dos intrusos.

Não havendo reação alguma, os três malfeitores pularam, às duas horas da manhã, o muro vizinho da casa em construção e se instalaram no salão de festas, em frente à piscina.

Lá permaneceram até às 8 horas da manhã quando chegou Dona Helena, empregada assídua há quase cinco anos. Metódica, fazia sempre tudo igual: desligou o alarme, entrou pela lavanderia e os assaltantes mascarados e fortemente armados entraram junto, para desespero da pobre mulher.

Na copa, fechada para a sala e demais compartimentos da casa, a senhora serviu café fresco e bolinhos de chuva do dia anterior. A noite para os gatunos havia sido de expectativa, insônia e muito cigarro. Precisavam se aquecer e se alimentar. Afinal, a tarefa exigia muita energia e sangue frio!

O filho caçula, Alexandre, tinha apenas dez meses quando nos mudamos para a casa da vinte metros. Naquela nefasta manhã, dormia tranquilo dentro dos seis anos que lhe cabiam, alheio a tudo. O que fora uma sorte!

Amante de água que era, eu entrava sempre que podia com ele na piscina, para que a intimidade, desenvoltura e confiança do pimpolho aumentassem com as brincadeiras.

Segundo informações torturantes de vizinhos, o filho da cantora Vanderleia, a Ternurinha, morreu afogado na piscina de sua casa. Alexandre tinha a idade próxima à dele quando nos mudamos para o sobrado, fato que viria me deixar mais preocupada e cautelosa.

Antes de andar com onze meses, o pequeno já sabia nadar, para espanto de todos e para sua própria segurança. Era uma bênção! De certa forma, a integridade física do pequeno estava mais protegida.

A cerimônia de formatura da 8ª série de Cristina foi nessa casa: a missa, rezada pelo saudoso padre Ismael, a colação de grau e a festa! A inesquecível festa da EEPG José Alves de Cerqueira César ficará indelével na memória dos alunos e de todos que dela participaram.

As festas de aniversário das crianças, o chá beneficente da APM para as obras da escola "Rosa Brota", o casamento do meu irmão David, o feliz dia da mudança.

Parece que tudo de bom se derretia naquele instante de pavor indescritível.

Mudamo-nos devagar para a nova casa. A alegria foi de uma vez! No primeiro dia, poucas coisas levamos, dormimos no chão! Carpete novo, novas esperanças e muitos sonhos. Tinta fresca, tudo cheirava bem; a alegria das crianças era a recompensa pelo esforço de três anos de construção.

Um dia simplesmente maravilhoso em que a felicidade parecia estar ao alcance das mãos.

Dava a impressão de se ouvir a música “era uma casa muito engraçada, não tinha teto, não tinha nada, ninguém podia entrar nela não, porque na casa não tinha chão”...

Não era uma casa qualquer, era a residência construída para a família criar confortavelmente os três filhos, e criamos. Moramos dezoito anos na casa da Rua Francisco Condé, na Vila Rosália, em Guarulhos. Tudo está bem, quando termina bem.

Os amigos e vizinhos gostavam de nos visitar; não havia os impedimentos de hoje no condomínio vertical, onde o visitante precisa passar por tantas formalidades de identificação que às vezes a visita acaba deixando o que veio trazer de material ou de afeto na portaria mesmo. Esse procedimento barra pedintes, ex-alunos, ex-pacientes, amigos e por sorte, até inimigos.

Neste último sábado, a nova moradora, mais de vinte anos depois do incidente, desabafou contente, na festa do baile dos namorados do Lions Norte:

- Dona Antônia, a sala da casa é tão linda e imponente que ela suga as visitas com sua beleza, logo que abro a porta. Gosto de ver o olhar de espanto delas.

Tragédia e beleza pareciam caminhar juntas naquela manhã fria de julho; isso se fazia evidente.

Era o primeiro dia de férias de inverno daquele ano. Quatro anos depois de estar morando nesse confortável lar, agora a insegurança parecia se infiltrar em todos e em tudo. Acabara a graça!

Ainda bem que na triste manhã, eu vestia um comportado pijama de flanela, agasalhando o corpo ainda gracioso e encobrindo a sensualidade própria da juventude. Nunca mais tive coragem de dormir com pouca roupa. Assim composta, fui brutalmente tirada da cama.

O Alexandre, durante anos, solicitou companhia para ir do quarto dele até a cozinha, beber água. Que trauma!

No exterior, muito longe de casa, a Cristina tentava abrandar a saudade, lembrando-se desse dia, que nunca ficou no passado, estava presente em cada insegurança do cotidiano.

Ah, as mães! Quantos medos adquiridos depois da maternagem! Fragmentos de pesadelos e devaneios passaram pela minha cabeça, como flashes de filmes de terror. A diferença é que agora era a vida real em ação. A Cristina iria incólume para a França? O Alexandre nadaria de novo comigo, dando continuidade àqueles momentos nossos de mãe e filho? Ouviria novamente o Marcelo feliz com sua mobilete dizer “tchau, mãe!” O Marcelo e o Alexandre acordariam para participar da impiedosa situação? Sairíamos vivos desse tenebroso momento de mil horas? O que fazer para acabar com esse pesadelo? Não tinha dólares, o que colocar no lugar? Como livrar minha família da possível aniquilação? O Antônio, humilhado como chefe da família, teria controle para não reagir novamente?

A vida por um fio pedia clemência...

Vivenciávamos uma situação limite, o risco do aniquilamento, diante do infortúnio.

Quanto pavor um ser humano pode causar ao outro! Como a vida é frágil!

- Ah!

O grito ainda reverbera nas minhas lembranças e no meu presente.

Como esquecer o som de uma filha pedindo socorro e a sensação de dor e espanto que a cena conseguiu provocar?

Nunca imaginei que algum dia fosse impotente para defender minha cria.

O grito de horror da minha filha rasgou a manhã, batendo em mim, e ainda sonolenta, falei alto:

- Bem! Acho que é um incêndio!

- Não, deve ser um assalto!

- Graças a Deus, tenho horror de fogo!

Vi dezenas de palheiros de minha aldeia incendiarem quando tinha três anos e colaborei, dentro da minha possibilidade, carregando meus baldinhos com água, junto com toda a população da aldeia. O fogo, para mim, é encanto e destruição.

O palheiro, na Europa, é o lugar onde se guardam os cereais para os animais se alimentarem nos meses frios e pobres, sem colheita.

Cristina abriu a porta da sala íntima e foi barrada de fechá-la, devido ao cano do revólver que a impediu. Sem alternativa, abriu passagem para os três assaltantes mascarados, que foram imediatamente ao quarto do casal.

Meu marido reagiu, agarrando o pescoço do primeiro agressor, que mirou sua cabeça com um revólver. Tinha um silenciador na ponta. O outro derrubou o indefeso de braços na cama. Um terceiro ameaçava a todos. Foi a hora mais dramática da invasão. Era muita gente estranha no meu quarto. Que invasão!

Entre a vigília e o sono, tentávamos entender o que estava acontecendo.

A pulsão de vida falou mais alto que o medo, segurei suplicante o braço daquele que parecia o líder do grupo e roguei:

- Não mate meu marido; nós não merecemos o que estão fazendo conosco; trabalho há mais de vinte anos com crianças carentes lá do Jardim Moreira e tenho feito tudo o que posso para ajudá-las.

- Você conhece o Cascão, o Zózimo, o Carlinhos?

- Conhecemos sim, eles falaram que vocês são gente boa.

- É assim que vão nos tratar?

Nesse momento, ele foi baixando a arma, baixando a energia e ordenou que todos saíssem do quarto e o momento de tensão diminuiu. Amenizava-se o perigo, por ora. A respiração podia continuar, era a vida pedindo passagem.

Reunidos na sala íntima, estava uma amostragem da população brasileira: brancos, pardos e negros; pobres e nem tão pobres; mistura de culturas e afetos.

- Nada de tocar no alarme! Se ele disparar, eu mato todo mundo, disse o chefe do bando, olhando para mim.

- O senhor não toque nos meus filhos, eles estão dormindo. Se acontecer alguma coisa com a minha menina ou com os meninos, vai sair sangue para todo lado, falei firme, como uma leoa, defendendo os filhotes. - Eu não toco no alarme e vocês não tocam nas crianças.

Novo momento de tensão profunda.

No seu quarto, o Marcelo ouviu os diálogos de forma confusa, pensou e falou consigo mesmo:

- Visita logo cedo?

Já havia se vestido, quando percebeu que não era uma visita amiga e assim voltou para cama de sapato e tudo. Cobriu-se e tratou de controlar as batidas do coração que disparavam, balançando as cobertas.

Dona Helena, coitada, sofreu conosco, não sei como continuaria a trabalhar na nossa casa depois desse episódio. Recebeu as indesejadas visitas logo cedo e agora ajudava-me a fazer sala. Ela não parava de tremer e sua dentadura não parava na boca. Muda e imóvel quase o tempo todo, a certa altura desabafou:

- Pare de falar com eles, D. Antônia, senão eles não vão embora.

Mesmo com medo, esforcei-me para acalmar D. Helena.

- Não adianta, Dona Helena, sem pressa, paciência, enquanto eles não se convencerem de que não temos dólares, vão dar trabalho.

“O homem é o lobo do homem”, lembrei-me como nunca de Thomas Hobbes. Aqui eram logo três! Todos querem as mesmas coisas, não têm tanta coisa preciosa para todo mundo, daí a guerra.

Um deles entrou no quarto, ainda escuro, do Marcelo e, pelo barulho, ele percebia os objetos que saíam:

- Lá se vai meu violão.

- Lá se vai minha jaqueta.

- Lá se vão meus tênis.

Assim feito, o jovem ficou quase sem o que vestir e nada que calçar.

Pedi ao baixinho que ele deixasse pelo menos um tênis para Marcelo ir à escola, mas nada, aconselhou-me a comprar outro. Essa criatura é que tinha a arma com o silenciador na ponta; era o que faria o serviço sujo, se fosse necessário. Não duvidei e tive muito medo dele.

Esse mesmo elemento esparramou as joias e as bijuterias no chão da sala, e percebi que não sabia ao certo diferenciar uma da outra. Pedi que deixasse nossas alianças de casamento e ele estava quase cedendo, quando exclamou:

- Dona, isto aqui é um assalto!

- Ah! É verdade, tudo bem.

Procurei sensibilizar os homens por meio dos filhos; olhei para o mais alto e disse:

- Você tem filhos?

- Sim, tenho uma menininha de três anos.

- Cristina, vá buscar sua maquininha de costura e dê de presente para ela.

A jovem não sabia como dissimular a insatisfação, que era tácita. Entregou o estimado brinquedo ao seu algóz.

Até hoje peço desculpas a Cristina pelo ocorrido, sem sucesso.

Naquele momento, percebi que tinha tocado o coração do cara.

Fiz o mesmo gesto com o rapaz de altura mediana.

- E você, também tem filhos?

- Tenho sim, um bebê de meses.

- Filha, traga o enxovalzinho que comprei para a nossa vizinha, depois compro outro. Olha, moço, é um presente!

- Ele segurou vagarosamente a caixa e precisou esforçar-se para não manifestar nenhum contentamento.

- Não fiz o mesmo com o baixinho, aquele do silenciador na ponta do revólver. A confiança e a intimidade eram poucas, o medo dele era muito. Pareceu-me burro demais para qualquer troca.

Enquanto isso, os outros intrusos reviravam tudo atrás de dinheiro, mais joias, dólares e o que lhes agradasse.

Gavetas no chão, livros abaixo, tudo revirado e nada de dólares!

Não entendia por que essa ideia fixa em dólares.

- Meu filho, disse ao mais alto e talvez o líder do grupo, se tivesse dólares já os havia entregado para livrar minha família dessa agonia. Foi a Maria que informou vocês?

- Nós vamos mandar ela pro saco; essa porcaria de casa só tem livros!

Cada elemento de um grupo social desempenha um papel de acordo com seu status; os bandidos também.

Percebi, durante o assalto, a função que cada homem ocupava no grupo: o mais alto era o líder, o mais articulado, altivo, quiçá o policial; o baixinho era o matador, o que tinha o silenciador na ponta, o mais estúpido; e o de estatura mediana era o que metia mais medo, um tapa-buraco ou faz-tudo. Era um psicopata amoral, aquele que não tem compaixão da vítima.

Andando pela casa, depois de algumas horas, em busca dos dólares, enlacei o meu braço direito ao braço esquerdo do assaltante mais alto. Mascarado, fitei bem os seus olhos castanhos, descobertos. Afastei a arma, colocando o dedo indicador na ponta do cano do revólver e, jocosamente, falei:

- Deixe isso bem longe de mim, é muito perigoso.

Pacientemente pedi para que ele escolhesse alguma coisa que substituísse os dólares.

Com um sorriso matreiro, o atrevido olhou para o indefeso marido e desafiou:

- Não está com ciúmes, não?

O pai de família, acuado pela arma de fogo, para o bem de todos, engoliu mais essa.

Mal querendo substituir as notas verdes, mostrei uma pilha de quatro jogos de toalhas de banho, que havia comprado na rua Oriente, dias antes, e arrisquei falar, mesmo com a voz trêmula:

- Olha, moço, não tenho dólares, mas veja estas toalhas novinhas, ainda estão empacotadas.

- Não quero essa porcaria, tá me tirando, dona?

- Já sei, não gostou da estampa.

Aproveitei esse momento de alguma descontração e tentei negociar o som.

O aparelho era caro na época. Argumentei que só havia pago duas prestações, o que era verdade. Faltavam muitas para quitar o objeto, não era justo ficar pagando algo que já havia sido roubado.

- Vou falar novamente, a senhora se esqueceu de que isto aqui é um assalto?

- Perdoe-me! Mas é com o dinheiro de professora que estou pagando o som. Nada fácil, não é?

Olhei para baixo e vi toda a fiação arrancada, o som já fazia parte das cinco malas cheias que levariam.

Pensei na Maria que, uns quinze dias atrás, passara na copa com um balde e um rodo, perto do meu pai, que conversava conosco sobre sua viagem a Portugal:

- Antônio, precisamos trocar os dólares; logo chegará o dia da viagem, não quero atrapalhadas, devemos fazer tudo com vagar.

Não sei o que a Maria entendeu, todavia apenas dois dias que trabalhou em casa, para ajudar dona Helena adoentada, causou-me esse mal todo.

Eu bem que desconfiei daquela criatura. Enquanto Maria foi comprar café, subi ao quarto que usou para se trocar e ela já havia se instalado.

Estremeci ao ver calcinhas de vários modelos, uma mais bonita que a outra, relógios de várias marcas, tudo sem coerência.

A intenção da informante era dormir uma noite ali. Facilitar a entrada da turma, quem sabe.

Como estranhei a situação, não permiti que dormisse em casa.

Ela ficou muito brava com a minha atitude, saiu apressada com a maleta na mão e ameaçou-me, gritando:

- A senhora vai se arrepender!

Saiu chispando, seu ódio era tanto que atingiu até as plantas do jardim. Eu o sentiria mais tarde.

Penso que ninguém fica em pé quando derruba o outro, no mínimo é balançado.

Por algum tempo, a situação ficou tensa, de enrijecer as mandíbulas.

Um dos assaltantes colocou um revólver na cabeça do Antônio e o levou para a cozinha. O outro levou Cristina para o mezanino do piano. O líder ficou comigo e a dona Helena na sala íntima; tentei a todo instante negociar a situação, apesar do temor.

Não era possível saber o que estava acontecendo nos diferentes cômodos da casa. A angústia tomou conta de todos nós durante toda a trágica conjuntura.

Não era claro o tempo que fazia lá fora; parecia haver uma nuvem cinzenta antes das cortinas, impedindo outra visão que não fosse o interior da casa, o da cena do sequestro familiar.

Hoje, recordando a realidade fantástica, ela me parece uma ficção. Difícil separar uma da outra. É tudo muito amalgamado.

A beleza da vida é para quem tem olhos para ver. Naquele momento, ela se fazia feia, sombria. Parece que eu havia caído num abismo, sem espaço nem tempo, e o tempo havia parado.

O trauma ficou congelado, diluiu-se aos poucos: nas repetidas conversas com a família e amigos, na fala analítica, na escrita.

Nenhuma pressa! Chegaram às duas da madrugada, entraram às oito horas, já era quase meio dia e ainda organizavam em cinco malas os objetos do roubo; as minhas coisinhas, que para mim tinham preço inestimável.

Em meio ao reboiço, o homem mais alto, aquele que pensei logo de início ser o chefe do bando, olhou com certa suavidade na minha direção e disse:

- Dona, vamos deixar o som!

- Obrigada!

Fato inesperado, até bandido tem sua ética, é capaz de surpreender, ter sensibilidade e gratidão.

O ser humano é formidável! Mais tarde estudaria psicanálise na tentativa de entender essa complexa criatura.

Os indivíduos não pareciam drogados nem alcoolizados, apresentando razoável racionalidade. Sorte nossa, dava para acordar alguma coisa. Eu só tinha a fala como arma de defesa, foi o que usei.

Perguntei, procurando mostrar alguma naturalidade:

- Meia hora depois, está bom para chamar a polícia?

- O mais alto, o provável líder do grupo, fez uma expressão facial de surpresa e constrangimento, denunciando a possibilidade de ser um elemento da polícia, e replicou:

- Tudo bem, não queremos o carro, vamos levar somente pra escoar a mercadoria.

- O senhor pode deixá-lo na Vila Galvão e as chaves sobre o banco?

- Tudo bem!

Apenas uma hora depois do sucedido, o carro e as chaves foram encontrados no local exato, pré-combinado.

Fizeram o chefe da família, que ainda continuava de pijama, carregar as cinco malas cheias de objetos do delito e colocá-las no carro. Para nós, foi deveras vexatório acompanhar a cena. Para ele foi humilhante, um dos fatos mais desumanos que já vira.

A vizinha, em frente, acompanhou esse trabalho da janela do sobrado, achou estranho e só.

Atos finais: os bandidos rasgaram tiras de lençóis novos e amarraram a nossa boca, braços e corpos sem grandes violências físicas.

Depois de horas de convivência, já podia falar sem tantos tremores e embargos, embora o medo ainda tomasse conta de todo o meu ser e suspirei:

- Olha o que vocês fizeram com os meus jogos de lençóis coordenados! Bem que poderiam ter usado um jogo inteiro, vejam que beleza vai ficar lençol de cima sem lençol de baixo, lençol de baixo sem lençol de cima, uma bagunça!

- A senhora compra outros lençóis, já perdemos muito tempo aqui, estamos com pressa.

Disse que minha atadura estava frouxa e daria para gritar. O sujeito que fazia o serviço fez um movimento suave e deu uma apertadinha. Estávamos emocional e moralmente arrasados, assim mesmo o diálogo mais uma vez era possível.

Os bandidos saíram com pressa, esqueceram-se de amarrar os meninos. Assim que o ronco do carro sinalizava o sumiço dos ladrões, o Marcelo adentrou triunfante a sala como super-homem:

- Eu vim salvar vocês!



## ARISTIDES CASTELO HANSEN

### DO APRENDIZ DE POETA

Estimado poeta Antônio Frederico de Castro Alves,

Espero que estas mal traçadas linhas o encontrem gozando de saúde, paz e tranquilidade - eu ia escrevendo prosperidade, que besteira - no aprazível lugar onde você está morando, ao lado de Gonçalves Dias, Olavo Bilac, dos maninhos mais novos, Vinícius de Moraes, Drumond e uma plêiade de inspirados gênios. As notícias que envio não são as melhores, mas tudo se abranda com a poesia que está renascendo no País, talvez através de sua inspiração. Não temos sua eloquência, mas fazemos o melhor possível. A mídia e a indústria cultural nos ignoram, mas fazemos nossos saraus em botecos, associações e espaços públicos, e sempre nos lembramos de vocês.

Como você sabe, os escravos foram libertados logo após a sua partida, por um decreto imperial da princesa dona Isabel, mas foram relegados à própria sorte. Logo depois, foi proclamada a República, que certamente não foi a dos seus sonhos, e os novos pais da Pátria mandaram importar mão de obra para embranquecer a raça. Os tolinhos se envergonhavam da negritude e da caboclice, a maior riqueza do Brasil. É claro que os imigrantes não têm culpa, e muito contribuíram com o País.

Além disso, se misturaram com a gente da terra, aumentando ainda mais a beleza da nossa mestiçagem. Mas o apoio que foi dado a eles podia ser dado aos negros recém-libertos.

Ainda há resquícios de ira racial de ambos os lados, mas o tempo curará com certeza essa bobagem, porque somos todos irmãos, na

alegria e na dor. Negros, brancos, mulatos, cafusos e todos os representantes do amálgama de raças que forma a raça brasileira sofremos os mesmos problemas. Não somos escravos, mas somos vítimas dos mesmos políticos que, com raras exceções, se julgam acima do bem e do mal, e nem disfarçam mais sua malandragem.

Fala-se em reforma política. Mas quem vir as figurinhas carimbadas que estão elaborando o projeto não tem como nutrir grandes esperanças no futuro do País. É triste, mas pode ser tema para mais um dos teus candentes e apostróficos poemas condoreiros. Sugiro que você arrume um bom médiun e mande brasa.

Sem mais, aceite um abraço deste aprendiz de poeta.

PS - Parabéns pelo seu aniversário. Que esta data jamais seja esquecida.

(Folha Metropolitana, 18 de março de 2011)

### **GEREMIAS GEMEBUNDO**

Narrador - Geremias Gemebundo  
veio peladinho ao mundo,  
como todo mundo vem,  
passageiro da barriga  
da pobre mãe que se obriga  
a transportar seu neném. .

Nasceu fazendo um berreiro  
que acordava o mundo inteiro  
chorava de fazer eco,  
mas isso só aconteceu  
depois que ele recebeu  
alguns tapas no podeco.

Geremias - Ai, ai, ai, minha bundinha,  
como é triste a vida minha,  
quanta implicância comigo!  
Eu ainda sou inocente,  
sou um projeto de gente,  
não mereço esse castigo.

Narrador - Como se isso não bastasse,  
por mais que o pobre chorasse,  
sem pena do coitadinho,  
como quem não quer mais nada  
lhe deram uma picada  
bem na planta do pezinho.

Geremias - Sou azarado de fato.  
meu pezinho paga o pato  
por causa de eu ter nascido.  
Eu estava bem quietinho  
naquele lugar quentinho,  
não devia ter saído.

Pai - É machinho esse danado,  
vai ser um cabra sarado,  
moleque vivo e traquinas.  
Vai ser muito macho, vai,  
vai ser igualzinho ao pai,  
vai dar trabalho às meninas.

Geremias - Quanta papapicação,  
o velho ficou bobão  
Ai, como é besta essa cena,  
Ainda não estou sabendo  
o que ele está dizendo,  
ai, ai, ai, não paga a pena.

Mãe - Como esse menino estrila,  
 isso me deixa tranquila,  
 demonstra boa vontade.  
 Parece dar o recado  
 que vai ser muito esforçado,  
 vai ser homem de verdade.

Geremias - Nem pense no meu futuro,  
 ainda vejo tudo escuro,  
 Sossega, minha mãezinha,  
 O meu almoço já tarda,  
 eu ainda não comi nada,  
 tá na hora da maminha.

Coro - - Eta moleque chorão,  
 não tem outra ocupação?

Pai - Vai mamando, seu moleque,  
 vai tomando esse pileque  
 enquanto o leite é de graça.  
 Nós dois vamos ser amigos,  
 você vai sair comigo  
 pra tomar muita cachaça.

Mãe - Cala a boca, seu palhaço,  
 já não sei mais o que faço  
 com tamanho destempero.  
 Esse menino eu preciso  
 que tenha muito juízo  
 pra ganhar muito dinheiro.

Geremias - Vê se param de brigar,  
 eu não posso nem mamar,  
 eu não posso nem dormir.  
 Eu estava acostumado  
 com o canto sossegado  
 de onde acabo de sair.

Narrador- Lá vão os três para a igreja  
 pois todo cristão deseja  
 ver o filho batizado.  
 A mãe com muita esperança  
 no futuro da criança,  
 o pai já meio mamado.

Padre - Te batizo, Geremias,  
 e a partir deste dia  
 serás um cristão honrado.  
 Pela bondade de Deus,  
 juntamente com os teus  
 te afastarás do pecado.

Geremias - Essa é a tal água benta?  
 Esse frio ninguém aguenta,  
 eta chuvinha danada.  
 Não me fale de pecado,  
 eu sou um pobre coitado,  
 que ainda não sabe nada.

Narrador - Após o ato religioso  
 num salão muito espaçoso  
 houve uma grande festança.  
 Muita gente reunida,  
 música, dança, bebida,  
 também muita comilança.

Geremias - Eu sou o dono da festa,  
e para mim o que resta,  
porque dela eu nem me orgulho?  
Todos a se divertir,  
mas eu preciso dormir,  
parem com esse barulho.

Narrador - Antes que fuja a memória  
vou encurtar esta história  
para não cansar ninguém.  
Puxando pela cachola  
ele agora está na escola  
onde não vai muito bem.

Professora - Meus parabéns, Benedito,  
seu trabalho está bonito,  
o seu também, Zé Raimundo.  
Cadê sua redação,  
você não fez a lição,  
Geremias Gemebundo?

Geremias - Um domingo ensolarado,  
esse foi o tema dado  
para a gente descrever.  
Acho que não paga a pena,  
estou até vendo a cena:  
se no domingo chover?

Professora - E o trabalho que eu passei?  
Era bem fácil, eu sei,  
você sabe calcular.  
Era divisão por três,  
por que que você não fez,  
faça o favor de explicar.

Geremias - Naria e duas irmãs  
tinham dezoito maçãs,  
quantas pode ela comer?  
Eu não entro nessa briga,  
não quero ter inimiga,  
não preciso me meter.

Professora - Você que é brasileiro  
deste chão hospitaleiro,  
terra de belezas mil.  
deste país tão querido,  
responda então, seu sabido,  
quem descobriu o Brasil?

Geremias - Nasci levando palmada  
mesmo sem saber de nada,  
eu não nasci porque quis.  
Não quero saber de enguiço,  
não tenho nada com isso,  
é problema do país.

Professora - Você não tem mesmo jeito,  
não é um burro perfeito  
porque não há perfeição.  
Mas o que mais o incrimina  
é que você raciocina  
para fugir da lição.

Coro - Passa um dia, outro dia,  
você não faz a lição,  
mostre o-cu-pa-ção Geremias,  
mostre ocupação.

Narrador - Quando tinha quinze anos  
 teve grande desengano  
 com alguns dos coleguinhas  
 ao topar a brincadeira  
 de assaltar a goiabeira  
 do quintal de uma vizinha.

Geremias - Depois de tanto trabalho  
 arreventou o meu galho,  
 quase que eu quebrei a bunda.  
 A minha calça rasgou,  
 cachorrada me pegou,  
 inda levei uma tunda.

Os meus colegas correram,  
 todas as goiabas comeram,  
 e encheram a barriga,  
 e eu, depois desse troço,  
 não vi sequer o caroço,  
 fiquei até com lombriga.

Narrador - Ficou moço de repente,  
 era bonito, atraente,  
 não tinha vício nem nada,  
 mas por temer a paixão,  
 talvez por indecisão  
 não arrumou namorada.

Geremias - A Luíza me dá bola,  
 ela me seca na escola,  
 mas é saída demais.  
 Com todo mundo ela fala,  
 e se acaso eu namorá-la  
 serei passado pra trás.

Gosto mesmo é da Ritinha,  
 ela é tão calma e quietinha,  
 seria meu grande bem.  
 Mas como falar com ela  
 se ela não me dá trela,  
 não conversa com ninguém?

O amor é grande bobagem,  
 nã traz nenhuma vantagem,  
 é risco de traição.  
 Para nunca ser traído,  
 para não ser esquecido,  
 uso a minha própria mão.

Narrador - Geremias, vou dizer,  
 nem trabalho nem prazer  
 desperta a tua vontade!  
 Porém com tal decisão  
 pelo menos suas mãos  
 têm alguma utilidade.

Coro - O amor traz alegria  
 para o coração,  
 dê o-cu-pa-ção, Geremias,  
 para a sua mão.

Narrador - Mas um dia aconteceu,  
 e eis que lhe apareceu  
 em sua vida pacata  
 uma loira exuberante  
 com seu corpo rebolante,  
 ai que escândalo de gata!

Além disso ela lhe fez  
vencer sua timidez,  
lhe dando muita atenção.  
Só na hora do "vamos ver"  
ele pôde perceber  
que Maria era João.

Geremias - Eta, que enguiço danado,  
eu sou mesmo azarado,  
haja santa paciência!  
Que grande decepção  
ao botar a minha mão  
e achar a diferença.

Narrador - Você ainda é criança,  
e deve encher de esperança  
sua vida tão pequena,  
Geremias - Esperar às vezes cansa,  
e quando a mão não alcança  
esperar não paga a pena!

Narrador - A roda do tempo corre,  
ano nasce, ano morre  
com acertos e enganos,  
e na sucessão dos dias  
nosso amigo Geremias  
completou dezoito anos.

Geremias - Agora está como quero,  
não quero mais lero-lero,  
a ninguém mais obedeço.  
Eu já sou maior de idade,  
dono da minha vontade,  
agora cresço e apareço.

Se a professora me amola  
já posso sair da escola,  
já posso fazer bobagem.  
Eu já posso, sem problema  
entrar em qualquer cinema  
ver filme de sacanagem.

Trabalhar eu não trabalho,  
não vou ficar dando malho  
para o patrão me explorar.  
Essa é a minha atitude,  
na força da juventude  
eu quero voar, voar...

Depois dos dezoito anos,  
cada um faz os seus planos,  
cada um faz o que pode.  
Ninguém mais me incomoda,  
vou comprar roupa da moda,  
vou deixar crescer bigode.

Mas nem tudo é brincadeira,  
vou ter que jurar bandeira,  
vou ter que virar recruta,  
tirar título, votar,  
quando a eleição chegar,  
em qualquer filho da justa.

Vou esquentar a cabeça  
embora ninguém mereça  
a minha aprovação plena.  
Que responsabilidade,  
eu tenho tão pouca idade,  
ser maior não paga a pena.

Já estou sentindo saudade  
de ser um menor de idade,  
queria nascer de novo.  
Queria ser um pintinho  
para ficar bem quietinho  
dentro da casca do ovo.

Narrador - Chega de tanto lamento,  
cara, chegou o momento  
de você ficar ativo.  
Procure seu eu profundo,  
procure seu novo mundo,  
não seja tão negativo.

Jeremias - Me desculpa, amigo velho,  
agradeço o teu conselho,  
mas ele não traz vitória.  
Eu nasci para sofrer,  
minha sina é só perder,  
escute só minha história.

Nasci numa sexta-feira,  
caí de uma goiabeira,  
namorei um lobisomem.  
Não quero ter namorada,  
não como mais goiabada,  
prefiro morrer de fome.

Narrador - Mas o mundo vai girando  
e não fica escutando  
toda essa lamentação.  
O tempo ninguém segura,  
chegou a idade madura,  
a idade da razão.

Jeremias - Ah, juventude perdida,  
qual é a razão desta vida,  
ah, como sou infeliz!  
Tanta coisa quis fazer,  
eu quis lutar e vencer,  
mas o destino não quis.

Narrador - Você quis mas não tentou,  
a preguiça não deixou,  
o destino paga o pato?  
Você não é deficiente,  
não foi garoto carente,  
você não passa de um chato.

Jeremias - Não é como você pensa,  
e se tiver paciência,  
vou explicar o meu mal.  
Eu penso desde menino,  
pois afinal meu destino  
é de animal racional.

Eu penso, logo existo,  
e isso gera conflito  
e me deixa inconformado.  
Sou um animal pensante,  
será que este viajante  
desceu num planeta errado?

Narrador - Ah, entendi seu negócio,  
só não entendo seu ócio,  
porque pensar não é tudo.  
Vamos, amigo, escreva,  
pegue um papel e se atreva  
a mostrar seu conteúdo.

Quem tem o dom de pensar  
tem o dever de mostrar  
ao mundo seu pensamento.  
Jeremias Gemebundo,  
seja um grande vagabundo  
e pare com seus lamentos.

Jeremias - Olha, cara, me cansei  
de tanto que eu expliquei  
e você não me entende.  
Pensamento não se escreve,  
no mundo do "haver e deve"  
filosofia não vende.

Narrador - Vende sim, meu camarada,  
você não entende nada,  
nem mesmo o que você diz.  
Mostrando seus pensamentos,  
você troca seus lamentos  
pelo dom de ser feliz.

Jeremias - Não paga a pena escrever  
pois sei que ninguém vai ler  
os meus pensamentos tortos.  
Eu só posso acreditar  
que alguém por mim vai rezar  
depois que eu estiver morto.

Narrador - Jeremias Gemebundo  
deixou o seu pobre mundo  
como todo mundo deixa.  
Só não estava pelado,  
levou seu terno surrado,  
tristeza, lamento e queixa.

Partiu, se mandou, morreu,  
e nada deixou de seu  
nessa existência tão breve.  
Como última homenagem,  
eu só deixo esta mensagem:  
Que a terra te seja leve.

### A MORAL, A ÉTICA E O DIA DO JUÍZO FINAL

Arrependei-vos dos vossos pecados. Dia 21 de outubro, segundo um pastor, será o dia do Juízo Final. Faltam menos de cinco meses, as orações e boas ações devem ser praticadas rapidamente, em tempo integral, para ver se ainda há salvação. Talvez a saída seja vender tudo que você possui e distribuir o DINHEIRO AOS POBRES. Ou você prefere pagar para ver? Talvez não seja necessário tanta pressa, pois o tal pastor havia previsto outra data, o juízo final não aconteceu e ele admite que errou por alguns meses. A coisa não é muito precisa.

Mas o que é pecado? Qual será o meu pecado, o pecado do caro leitor? O de Adão e Eva, de comer o fruto proibido e perder a inocência não é mais pecado. Hoje todos reconhecem que a fruta é saborosa e saudável, e até os mais religiosos apreciam. Outros pecados, como a cobiça, a usura e a ambição transformaram-se em virtudes. A moral e os bons costumes mudam cada vez mais rapidamente, e de acordo com a evolução dos tempos, o que antes era feio e criticado hoje é normal (ainda bem!). A ética ainda devia valer alguma coisa, mas sempre se dá um jeitinho para escamoteá-la.

Mas não nos esqueçamos dos pequenos pecados que todo mundo condena, mas todo mundo pratica, às vezes ou sempre, por descuido ou comodismo: jogar lixo na rua, desperdiçar água, botar fogo no mato ou em resíduos, fumar em locais fechados e outras coisinhas. São pecados pequenos, mas, praticados por muita gente, se tornam verdadeiras catástrofes. Há ainda outros pecados, como maltratar outras pessoas e os animais. Ainda há quem defenda a

realização de rodeios ou o treinamento de animais através de castigos. Está surgindo no mundo um movimento para revogar as leis que proíbem os pais de bater nos filhos. O pugilismo ainda é considerado um esporte.

Essa história de juízo final não é para ser levada a sério. Eu fico imaginando um salão de júri repleto, com todas as pessoas que viveram desde que a Humanidade começou, uma barulheira imensa, todos jurando inocência. Deus seria o juiz. Haveria promotoria e defesa?

De vez em quando aparece um maluco com mania de santidade anunciando o fim do mundo. Muita gente acredita, o mundo não acaba, mas os malucos não se emendam. Mas a ciência já alerta que se o desrespeito ao meio ambiente continuar, dentro de cem anos o nosso planeta se tornará mesmo inabitável. Essa previsão de longo prazo deve ser encarada com mais seriedade. E o único caminho para nos livrarmos é todos se converterem a uma única religião e ideologia: o respeito à Natureza em geral e ao ser humano em particular.

### ***O PADRE BRASILEIRO QUE INVENTOU O RÁDIO***

O italiano Guglielmo Marconi, que em 1895 inventou o rádio-telégrafo é considerado o inventor do rádio. O pioneiro na transmissão de ondas eletromagnéticas sem necessidade de fios, porém, foi o padre brasileiro Landel de Moura, que, em 1894, um ano antes de Marconi, já havia feito experiência com transmissão de sinal da Avenida Paulista, captada no Colégio Santana, a uma distância de 8 quilômetros. Mas enquanto Marconi era festejado no mundo inteiro, Landel era hostilizado no seu próprio país, considerado bruxo. Nesta sexta-feira, (18-4), às 19 horas, na Câmara Municipal de Guarulhos, realiza-se uma solenidade para comemorar o sesquicentenário de nascimento do inventor brasileiro. A iniciativa é dos radialistas Osvaldo Tassi, Augusto Pinheiro, Godoy Nogueira,

Martinho Risso, Martins Oliveira e do professor Newton Braga. Paralelamente, os Correios estarão lançando um selo comemorativo da data. A festa terá a participação do Grupo de Viola Alma Caipira. Roberto Landel de Moura nasceu em 8 de abril de 1861, em Porto Alegre, RS. Ordenou-se sacerdote em Roma, na Ordem Gregoriana. Na capital italiana, aproveitou para estudar Física e aprofundar-se nas pesquisas sobre transmissão de som sem a necessidade de fios. Começou a imaginar uma forma de captar as ondas hertzianas. Ao presenciar uma queimada de mato, notou fumaça subindo pela força do aquecimento e concluiu que a produção de calor seria o caminho para o seu empreendimento.

De volta ao Brasil em 1886, foi capelão da igreja do Bonfim e professor de História Universal no Seminário Episcopal de Porto Alegre. Foi vigário na cidade de Uruguaiana, no seu estado natal, e depois transferido para o estado de São Paulo, onde foi vigário em várias cidades do Interior. Em 1892, quando era vigário em Mogi das Cruzes, passou a realizar suas experiências, que continuou ao ser transferido para Campinas. Nessa cidade, ele foi hostilizado pelos fiéis que o chamavam de feiticeiro e demoníaco, querendo expulsá-lo da cidade. Invadiram seu laboratório e destruíram os equipamentos. Em 1900, ele fez uma experiência pública do seu invento, através de ondas eletromagnéticas moduladas. Em 1905, foi pedir ajuda ao Governo brasileiro para demonstrar seu invento. Foi recebido por um oficial de gabinete do presidente Rodrigues Alves, que lhe negou a ajuda, tachando a iniciativa de loucura. A partir daí, continuou sua carreira eclesiástica, sem jamais conseguir convencer as autoridades do País da importância do seu invento. Voltou a Porto Alegre, recebeu muitas promoções eclesiásticas e morreu em 1928, aos 67 anos, tuberculoso, praticamente sozinho, em um modesto quarto da Beneficência Portuguesa em Porto Alegre. Mas a História lhe fez justiça, e hoje ele é considerado o pai da telecomunicação e do radioamadorismo.

*(Folha Metropolitana, 8 de abril de 2011)*

**ALMA DE ALGODÃO**

A cidade pequenina  
nascida à beira da linha  
do trem com que o barão sonhou,  
como o sonho do barão  
explodiu na imensidão  
e tudo se transformou.

A cidade pequenina  
de porcelana mais fina  
que um dia já foi real,  
transformou-se num instante  
em formigueiro gigante,  
grande centro industrial.

As montanhas altaneiras  
berços de tantas pedreiras  
que exportavam o granito  
hoje são serras peladas  
densamente povoadas,  
berço de tantos conflitos.

Tamanduateí poluído,  
carros, buzinas, ruídos,  
vitrines iluminadas,  
gente alegre, gente séria,  
grandes fortunas, miséria  
nesta vida misturadas.

Porém nesse caos urbano,  
nesse formigueiro humano,  
inda resta uma paineira  
alheia ao tempo passando,  
com o vento farfalhando  
qual gloriosa bandeira.

Esta cidade pujante  
tem na alma flamejante  
uma riqueza infinita  
que o tempo não destrói,  
a ferrugem não corrói  
e a inflação não debilita.

E essa imensa riqueza  
nasceu com toda certeza  
à sombra dessa paineira  
onde os jovens se encontraram,  
discutiram e criaram  
a biblioteca primeira.

Esse ninho de cultura  
tinha pequena estrutura  
mas imenso coração.  
Era gigante de fato,  
teve Monteiro Lobato  
como sua inspiração.

A iniciativa nascida  
nessa paineira florida,  
nesse sonho de algodão,  
deu como fruto escritores,  
artistas e pensadores  
a luzir na escuridão.

Tempo passa, tempo corre,  
 gente nasce, gente morre,  
 o tempo não tem piedade.  
 Árvores morrem também,  
 mas nossa paineira tem  
 história e eternidade.

Por isso você que passa  
 apressado nesta praça  
 de segunda a sexta-feira,  
 esqueça seus atributos,  
 pare ao menos dois minutos,  
 peça bênção à paineira.

*(Homenagem a uma velha paineira existente em Mauá)*



**ARY BADDINI TAVARES**

**REGIME PARA NÃO EMAGRECER**

Só se fala em emagrecer. Nas revistas, na televisão e até nas rodas de amigos, existe uma onda de informações sobre dietas, lógicas, ilógicas, comerciais e apelativas, sempre precedida de estatísticas apavorantes do *engordamento* global.

De outro lado, uma verdadeira febre de informações sobre os controles para que o cartão de crédito, apesar de pequeno, não soterre literalmente toda a família. São informações mais do que sabidas de que é preciso criar o orçamento familiar, deixar de gastar e não emagrecer o saldo bancário (se é que ele ainda resiste).

Nas compras, sempre há razões que a própria razão desconhece. A maioria dos orientadores deixa de ponderar que na maior parte das vezes, as pessoas que mais precisam de orientação são as que possuem conhecimento suficiente para justificar a melhor e mais eficiente tomada de decisão.

A vida em sociedade, por outro lado, é cruel e cada vez mais cara. A cada momento acontecem mudanças na oferta de produtos e serviços que acabam causando impacto nas finanças pessoais. A grande mídia, dentro de seu enorme universo de informações carregadas de comentários de seus âncoras, pode até contribuir para complicar o que às vezes é simples. Não hesite, portanto, em procurar ajuda toda vez que sentir necessidade ou insegurança diante de determinadas situações.

A inflação estabilizada em patamares relativamente reduzidos tem possibilitado enorme fartura de financiamentos de bens de consumo duráveis e as empresas passam a financiar suas vendas por prazos mais elevados. O aumento da renda de boa parte da população, pelos bons ventos do desenvolvimento sem crise, vem permitindo o acesso ao mercado de um número muito grande de consumidores que, de forma incauta e até ingênua, vão se endividando e comprometendo seu futuro e o bem-estar de suas famílias.

Comprar pagando prestações não chega a ser um problema, se for a solução para aquisição de um bem desejado cujo valor não possa ser pago à vista, desde que o valor das parcelas esteja corretamente contido nos desembolsos mensais e não pese mais do que o ombro possa carregar.

O problema do endividamento dos consumidores que agem por impulso, sem critérios e com desconhecimento de sua real situação financeira, este sim, é perigoso. O endividado é levado a gastar mais do que ganha, apresentando para si mesmo e sua família as mais variadas justificativas. Gasta com o argumento indiscutível de que necessita comprar os produtos para satisfazer necessidades.

Esse procedimento leva à discussão: você sabe a diferença entre desejo e necessidade? O que pode e o que não pode sair da lista de compras nos tempos difíceis? Sabe diferenciar, com certeza, ser econômico de ser mesquinho? Conhece o significado correto do termo "utilidade"?

Vale como primeira lição: o desejo impulsivo de adquirir bens sem levar em conta a necessidade de possuí-los é o principal caminho para o endividamento. Antes de adquirir um bem, o indivíduo deve avaliar com muito cuidado e responsabilidade se a compra vai ser feita para satisfazer uma necessidade real ou um simples desejo. E mais ainda: se aquele valor cabe no orçamento familiar.

As pessoas equilibradas devem atender às suas necessidades de consumo agindo sistematicamente de forma racional. É em parte instintivo que se saiba relacionar o sacrifício de ganhar com a atitude de gastar. Ninguém que tenha equilíbrio emocional gasta à toa. Porém, sabendo um pouco mais do mecanismo da escolha, fica bem mais fácil gastar com correção. Ainda assim, a decisão é pessoal e intransferível porque o mecanismo não deixa de ser subjetivo: o que é considerado útil e necessário para alguns, pode ser supérfluo para outros.

### ***ESFORÇO E BENEFÍCIO, EIS A QUESTÃO***

As pessoas não costumam relacionar o esforço que fazem para ganhar o *suado dinheirinho* com o prazer daquilo que compram. Procure acompanhar o raciocínio. Uma pessoa trabalha vinte dias úteis e no início do mês recebe, digamos, o líquido (e só recebe mesmo o líquido, depois dos descontos) de R\$ 1.500,00 ou, simplesmente, R\$ 75,00 pelas horas que compromete diariamente, inclusive o esforço do transporte e a perda de tempo no congestionamento.

Dá para assegurar que isso é um esforço considerável. Vai às compras e encontra uma calça jeans por "módicos" R\$150,00. Pela marca, é uma boa oferta. Barato. Custou o ganho de uma segunda e uma terça-feira inteiras. Aguentando o trânsito, o congestionamento e, de quebra, o chefe. Valeu a pena?. Se valeu, tudo bem.

**Utilidade** é o nome oficial do "tudo bem". É o esforço que se está disposto a fazer para obter algo que se deseja.

Aquela forma antiga de classificar os bens como primeira necessidade, segunda, terceira e etc. já não se leva tão a sério. No

mundo complicado e sofisticado de hoje, quem pode pensar como seu avô, para quem, ganhar um pouco mais significava apenas e tão somente um aumento da quantidade de alimentos que colocava sobre a mesa?

Lembre o elenco de seus gastos e a relatividade do curso de sua mesa. É a conta de gás, que compete com a gasolina, com a prestação do carro, com a das Casas Bahia, do Speed, da TV por assinatura, do IPVA, do plano de saúde, do estacionamento, do juro do cheque especial, do boteco, da balada, da faculdade e... Haja destino para o suado dinheirinho. Necessidade, como se pensava em outros tempos, é hoje pura lenda. Quase sempre, se tiver o supérfluo, qualquer um abre mão do essencial.

É aí que o conceito muda. **Desejabilidade** talvez seja a palavra correta para significar o esforço que se está disposto a fazer para obter um bem qualquer. Útil ou inútil, se desejado, é o próprio. Para pensar um pouco sobre o assunto, leia e compreenda uma velha fábula que se passou na Inglaterra, há muitos anos.

### *O VALOR DAS DUAS PEDRAS*

O Príncipe de Gales fazia um passeio solitário pelo campo quando seu cavalo assustou-se com um coelho, e, com um salto, derrubou Sua Alteza e fugiu correndo. Recompuesto do tombo, o futuro Rei viu que vinha pela estrada outro garoto, este do campo, em sua carroça. Dizendo quem era, pediu que o levasse ao castelo e foi pronta e gentilmente atendido.

Durante o percurso, tentando ser agradável, o príncipe começou a falar sobre sua vida na família real e, em certo momento, afirmou: “Minha mãe tem um anel cuja pedra, um diamante enorme, azulado,

retirado de uma mina na África do Sul, vale milhões de libras esterlinas”. Para surpresa sua, com um sorriso maroto, o camponês retrucou: “Pois saiba que minha mãe também tem uma pedra maior ainda e que vale muito mais do que a no anel da sua”.

A afirmativa caiu como uma bomba. Como pode alguém, em terras britânicas, ter uma joia mais valiosa que a da Rainha? Surpreso, o príncipe quis conhecer a tal pedra e pediu para ir até onde ela estava.

Meia volta na carroça e foram até o moinho da família do garoto. “Eis aqui”, afirmou, mostrando a pedra do moinho. E prosseguiu: “Com esta pedra, toda minha família tem sido alimentada há três gerações, o que a pedra do anel de sua mãe não seria capaz”.

É provável que o diálogo não tenha parado por aí. Mas é o momento de perguntar ao leitor: o que é mais desejável: uma pedra de moinho ou a do anel da rainha? Pense bem antes de responder. Quantos dias você trabalharia para ser o feliz proprietário do anel da rainha? E quantos você trabalharia para levar para casa a pedra do moinho?.

Para ganhar dinheiro, a grande maioria das pessoas vai para o emprego e lá passa pelo menos um terço de seu dia. Daí recebe seu salário e, com ele, sai comprando. É claro que o dinheiro é apenas um facilitador, um excelente artifício.

Medir o preço que se paga pelas coisas que se compram, tendo como padrão horas ou dias trabalhados, é uma forma bem racional de saber o valor verdadeiro da aquisição, de forma direta. Trabalham-se horas e compram-se produtos e serviços. Por isso, repete-se a pergunta: Quantos dias você estaria disposto a trabalhar para ter o anel da Rainha? E quantos pela pedra de moinho?

É claro que sua resposta não poderia ser outra: prefiro o anel da rainha. Quem escolheu a outra alternativa merece uma pedrada, mesmo que tenha um sítio com água corrente e pretenda montar

seu moinho. Porque com um anel de rainha você compra uma fazenda, com diversos córregos e monta quantos moinhos quiser.

Alguém pode argumentar (e não sem razão) que ao escolher a pedra de moinho, se esta for bem aproveitada, poderá obter rendimentos que permitam adquirir dúzias da pedra do anel da rainha. O moinho é um patrimônio que pode reproduzir valor ao passo que a pedra do anel da rainha é estática, a não ser por uma valorização de mercado.

Mas nunca permita que essa ideia possa gerar confusão. Utilidade pode ser vista como *desejabilidade*. É sim, a força de desejar ardentemente. É também subjetiva porque o que é desejável para um, pode não ser para o outro.

Para seu avô, o desejável era, muito provavelmente, um pouco mais de comida à mesa e uma sela nova para o cavalo. Para você é o novo modelo de recurso eletrônico, cada vez mais sofisticado e com enorme velocidade de obsolescência; é um plano de saúde que permita utilizar os hospitais de primeira linha e os melhores especialistas; é um carro mais novo e mais sofisticado, com todos os opcionais e informática de bordo. Por isso, você trabalha tanto. Mais comida? Só se for caviar iraniano, regado a champanhe francês.

Tudo que foi dito desemboca em uma recomendação que, por ser genérica, pode ser posta em prática sem mais dificuldades. Aos obesos, não se recomenda dieta, mas, sim, reeducação alimentar. Ao gastador, a mesma coisa: reeducação financeira. Compre *tudo* do que gosta, no limite de *tudo* o que pode. Divida a alegria de comprar pela tristeza de pagar. Se o resultado for maior do que um, compre. Se for menor que a unidade, pense bem e volte amanhã. Ou nunca.



## AURA GOLD

Meus poemetos queridos. Foi assim que nomeei as frases soltas inspiradas pelo meu coração que não seguem uma métrica ou ritmo propriamente adequado da poesia contemporânea. Em alguns momentos a rima se faz, independentemente da formulação estética, motivo que me deixa à vontade para reescrever palavras, frases e textos que surgem no meu universo particular e que talvez não pudéssemos denominar “poesia”. No entanto, sabemos, e os compositores musicais que o afirmem, que nem sempre a lógica do fraseado, a cadência rítmica das palavras e as figuras de linguagem são sinônimos de perfeição, por isso me arrisco nos versos muito mais para expressar a sinestesia do sentimento momentâneo do que para compor um verdadeiro poema. Aí então reescrevo para nossos leitores amigos alguns desses meus poemas da alma e do amor. Os que aqui reproduzo são mais específicos porque resolvi mostrar a minha face família, amor de mãe, avó, de mulher que sofre, mas acima de tudo se alegra com momentos vividos no convívio dos seus amados.

Prezados amigos e amigas,

Para quem como eu vivenciou o passeio de escuna sobre o qual minha querida tia relata, saberá o quão bem ela o descreveu ... Principalmente, em relação ao “jovem (eu) que vai viajar”. Ela, realmente, tem um excelente grau de percepção...

Um grande abraço para vocês e em especial para a minha querida tia.

*Elder Sant'Anna*

### **A PARTIDA**

Dia de sol dourado sobre o mar  
Gotas brilhantes na branca espuma  
Risos, falas, alguém a cantar  
Chamam para o passeio de escuna

Olhos nervosos, trêmulas mãos  
A mulher agarra-se ao mastro  
As ondas erguendo-se vêm e vão  
A escuna corre deixando o rastro

Ao longe, aparecem as praias lindas  
Os olhares divagam pela imensidão  
O prazer e o medo se misturam  
Nos que ali pela primeira vez estão

Na volta, o mergulho, o alívio  
A saudade pelo momento vivido  
A corrida, o nado até a praia  
A despedida a um novo amigo

Em casa a festa ainda continua  
Risos, falas, alguém a dançar  
Lá embaixo os outros, o mar  
Chegam os últimos, vêm da rua

O jovem diz que vai viajar  
Nota-se-lhe um brilho no olhar  
Será que ele lá fora quer buscar  
O que em seu imo sabe estar?

Olhou a todos procurando apoio  
Uma palavra que lhe desse ânimo  
Nada, ninguém parecia se interessar  
E na conversa passavam a divagar  
Num último instante ainda olhou  
Expressando seu desejo na pupila

Alguém entende, mas nada fala  
Espera que ele repense na partida

### **DUAS MULHERES**

Encontram-se para falar do mesmo homem  
Sentam-se à mesa, bebem e comem  
Enquanto se olhando, enfrentam a batalha  
Que já começa a se delinear na fala

A primeira argumenta e o defende  
A outra não concorda e o condena  
E nesse vaivém de pensamentos  
Expressam palavras soltas ao vent<sup>o</sup>

O homem é um ser especial  
 Cujo ardor da juventude ainda impele  
 A cometer ações imperdoáveis  
 Que o fazem sofrer e pagar pelos seus erros

As duas mulheres afinal entendem  
 Que não adianta mais argumentarem  
 Pois as diferenças de opinião persistem  
 Embora ambas sofram pelo mesmo ser

A mais velha sabe o que acontecerá  
 O tempo a ensinou a esperar  
 A mais jovem arroja-se na aventura  
 Que a fará colher os frutos da amargura

Uma já viveu a experiência  
 De perder as chances da existência  
 De procurar novo rumo em sua vida  
 De viver uma ilusão perdida

Outra ainda poderá vencer a luta  
 Jogar o jogo da vida sendo astuta  
 O bastante para se sentir feliz  
 Deixar de ser eterna aprendiz

Aquela nunca abandonou o barco  
 Navegando contra ondas tão bravias  
 A outra está deixando o companheiro  
 A primeira o ampara, é seu filho.

## AS CRIANÇAS

Chegaram numa tremenda algazarra  
 Correndo, gritando, que trabalhão!  
 Contudo sem elas tudo perderia a cor  
 São os presentes que ganhamos por amor

Crianças inquietas, muito inteligentes  
 Risonhas, choronas e às vezes engraçadas  
 Trazem-nos lembranças e são muito amadas  
 De um tempo em que éramos tão inocentes

Outrora brincamos, sonhamos, cantamos  
 Sentimos o afeto em nós florescer  
 Ingênuas crianças nós sempre esperamos  
 Com esperança um novo dia nascer

Nossos sonhos a elas transferimos  
 Essas crianças, nossas descendentes  
 As vimos crescer, tornarem-se adolescentes  
 Nossos atos, nossas vidas acabam refletindo

Somos elas e elas somos nós no nosso eu  
 Juntos entoamos as doces melodias calientes  
 Juntos queremos e conseguimos tudo  
 Juntos crescemos e vivemos eternamente.

## A OUTRA PASSÁRGADA

Todo mundo traz em seu coração  
 Um afeto por um lugar especial  
 Então devagar revelarei meu ideal  
 Que meu sonho embala e me enche de paixão

Que me perdoe o poeta original  
Quando em versos descreveu sua passárgada  
Lugar onde só existia mulher bela e sensual  
Brilhava o sol, cantavam os pássaros na janela

Na outra muito mais há pra contar  
Mulher bela, homem viril, Marlim Azul  
Mar sereno, criança sorridente a brincar  
Lua enorme à noite o mar iluminar

Gente boa, uma família pra se conversar  
Olhando as ondas a bater na areia branca  
Esquecer de tudo pois a ordem é meditar  
Na verdadeira paz, na beleza, na pessoa franca

Vou-me embora pra passárgada  
A outra, a minha, que um dia escolhi  
Quero comer peixe bom, e meu corpo descansar  
O ar puro respirar e contar tudo o que lá senti.

### *O SER*

Sempre tivera afetivo ao meu lado  
Aquele Ser tão diferente, tão sensível  
Amava-o e por Ele era também amado  
Mas ainda não compreendera o que ali fazia  
Alguém tão bom, tão ingênuo, tão perdido.

O tempo foi passando e as duas pessoas juntas  
Caminhavam, às vezes conversavam e se entendiam  
Quantos momentos passaram a se olhar sem se falar  
De vez em quando se sorriam e pouco se tocavam  
Mesmo assim em seu íntimo sabiam com certeza  
Que aqui vieram para uma missão cumprir

O Ser sempre se achava esquisito, entendia pouco  
Tudo o que esse mundo lhe oferecia no momento  
Pois até ali não percebera que sua diferença era de Luz  
Quase ninguém se preocupara em compreendê-lo  
Por algum tempo isso muito o magoou e entristeceu

Um dia despertou no seu interior a Chama  
Que era sua verdadeira personalidade  
Então alçou o voo e se libertou dos preconceitos  
Encontrando enfim seu Eu, sua razão de aqui estar  
Olhou mais uma vez aquele outro Ser que sempre o  
seguira

Abriu seu coração e mente para a revelação da verdade  
Ao mesmo tempo em que o outro lhe abria os braços  
dizendo: - Vinde a Mim os que têm fome e sede da Verdade,  
Eu vos aliviarei.

Era a voz do Mestre que soava pela boca de sua mãe  
que durante toda a vida o ama e o compreende.

Estrela que brilha suave no céu de Orion  
Coração que procura se estabelecer  
Na Fonte da Sabedoria, do Poder e do Amor  
Chama Trina que se consagra nesse Ser

Dia virá em que reencontrará sua Família  
E sua vida se encherá de novas esperanças  
A mãe volta a embalar nos braços essa criança  
Que enfim achou seu rumo, seu amor, sua trilha.

Eu, Aura Gold, ofereço esses versos a Cris  
com amor  
OLHOS

Olhos que veem dentro d'alma  
 Olhos que enxergam em várias dimensões  
 Será porque azuis celeste são?  
 Ou porque neles o amor fala mais alto!

Olhos que expressam sentimentos bons  
 Olhos que vigiam as artes mil dos filhos  
 E se tornam temporariamente austeros  
 Ao verificar os erros ao seu redor

Olhos que se abriram como imensidão  
 Olhos que sorriram temporões no seio amado  
 Olhos que até assustaram a quem os fixava  
 Por não entenderem aquela precocidade linda

Esses olhos azuis da cor do planeta são  
 O encanto de mil gentes que os admiram  
 A começar pela mamãe coruja e o pai presente  
 Depois toda a família e quem mais privilegiado  
 for  
 De ver e senti-los sobre si pousados docemente  
 Qual libélula solta ao vento da suave primavera

Esses são olhos muito amados  
 porque pertencem a um ser muito especial  
 Essa filhinha que a mim um dia foi confiada  
 Pelo mais Alto Plano Divino para alegrar  
 minha vida

Para sentir a brisa leve que a natureza emana  
 Cobrindo-a de graças e bênçãos por toda a vida.  
 (dedicada a Eliane, minha filha)

## MEUS AMORES

De vocês cuidei com muito amor  
 Guerrerei insane noite e dia  
 Para lhes dar de mim o melhor  
 Para da vida lhes apontar o valor

De nada reclamei, em nada faltei  
 Mas sei que às vezes até falhei  
 Por tentar realizar seus desejos  
 Que nem sempre eram reais

Meus amores são tantos, tantos  
 Tempo de alegria e de encantos  
 Que guardarei bem lá no canto  
 Do meu coração como santos

Usarei minha linguagem poética  
 Para louvar Aquele que me criou  
 E me deu essa divina missão  
 De ser mãe,educadora em ação

Amar sem nada da vida esperar  
 Doar sem nada aos outros pedir  
 Cantar, orar, sem falar precisar  
 Colher o fruto sereno do existir

Meus amores, meus amores  
 Estou sempre com saudades  
 Do tempo em que os carregava  
 Das vezes que juntos brincávamos

Hoje só em minha moradia  
Relembro esse momento feliz  
Choro, rio, escrevo, danço, canto  
Esperando alguém devagar chegar

A nuvem, a chuva, o rio, o mar  
A inspiração, a ideia, o caminhar  
A pessoa, o livro, o ensinamento  
A vida, o sonho, o amor, a morte.



**BISMAEL BATISTA DE MORAES**

**UM RESUMO DA PENA DE MORTE  
ANTE O ESPIRITISMO**

### **INTRODUÇÃO**

Ah, se todos os penalistas, filósofos, criminólogos, estudiosos e pesquisadores sérios da área criminal conhecessem as bases filosófico-científicas e morais da Doutrina Espírita e as entendessem, a fim de que, despidos de preconceitos, sobre elas refletissem, em busca da verdade. Meu Deus, quanto erro ainda se comete, por falta de conhecimento e de ponderação nesse campo, mesmo entre pessoas formadas e, às vezes, inclusive pós-graduadas!

### **A PENA E AS SOCIEDADES**

Existem muitas teorias humanas sobre a pena, cada qual à altura do desenvolvimento espiritual e moral da sociedade a que se destina. Mas pena é sempre um castigo por algo que se tenha praticado e que contrariou a lei. Portanto, depois do tempo da vingança privada, depois do “dente por dente e olho por olho”, com o lento progresso do ser humano, chegou-se ao processo penal e à ampla defesa, com o Estado, por seu órgãos, apurando o crime, responsabilizando o criminoso e aplicando-lhe a pena correspondente. Tudo isso com base na Constituição, código máximo da sociedade civilizada, e nas leis. Mas, como os Estados modernos, em seus Três Poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário) são gerenciados por pessoas, estas – Espíritos ainda em aprendizado - com qualidades e defeitos, boas e más, amorosas ou vingativas, há sociedades que, por

ignorância - porque a moral e o intelecto nem sempre caminham juntos - praticam e defendem a aplicação da pena capital, da pena de morte.

### NA IDADE MÉDIA

Registra à história que, em época medieval, com senhores e vassallos, nobres e plebeus, a pena de morte era fato comum e, em regra, sempre aplicada aos mais fracos, que não tinham a quem recorrer e não tinham posses, aliás, como ainda hoje acontece, em grande parte. Na Idade Média, período mais triste da humanidade, quase não havia presídios mantidos pelo Estado, pois a pena capital, embora desumana, era mais rápida e econômica. A própria Igreja Católica, dizendo-se a “representação da vontade divina”, teve o seu Tribunal da Inquisição para, com o aval dos reis e príncipes da época (intocáveis pelo clero), condenar e aplicar a pena de morte na fogueira aos classificados por ela como hereges ou que lhe fossem contrários. Aliás, por essas barbaridades que sempre envergonharam a Igreja, o saudoso Papa João Paulo II, Espírito mais evoluído do que os de alguns de seus antecessores, haja vista a sua Encíclica “Fides et Ratio”, de setembro de 1998, num ato de humildade e de alto significado moral, pediu perdão ao mundo pelas atrocidades praticadas pela Igreja Católica durante a Idade Média.

### AS ESPÉCIES DE MORTE

Em síntese, podemos falar das espécies de morte por todos conhecida, começando pela chamada **MORTE NATURAL**, que ocorre por várias doenças, pela velhice física e também por acidentes. Em seguida, **MORTE ABORTIVA**, em decorrência da interrupção dolosa ou culposa da gestação, observando-se que o **aborto**, de acordo com os juristas, pode ser de três tipos: 1) **ovular** - quando se dá dentro dos primeiros 30 dias da gestação; 2)

**embrionário** - até os três meses da gestação; e 3) **fetal** - acima de três meses e até a época do nascimento. Depois, tem-se a **EUTANÁSIA**, que, via de regra, se dá a pedido do paciente, por desequilíbrio ou por motivo de doença dolorosa e terminal grave; em tom sarcástico, dizem-na “boa morte” ou “chá da meia noite” (porque utilizados por herdeiros interesseiros...). Vem, a seguir, a morte por **SUICÍDIO**, que é o ato de matar-se ou dar cabo à própria vida, e que pode ser por **MEIOS DIRETOS** - com arma de fogo, por arma branca (faca, punhal etc), por veneno, por fogo, atirar-se de precipício, deixar-se afogar, jogar-se à frente de veículos - carros, trens etc - ou por **MEIOS INDIRETOS** - de que são exemplos a gula, o sexo, a bebida alcoólica, o cigarro, a droga, os regimes excessivos etc. Em penúltimo lugar, tem-se o **HOMICÍDIO**, também chamado de assassinio, que é a morte de um ser humano por outro ser humano, e que pode ocorrer de dois modos: 1) **por ato doloso**, quando há consciência e vontade do autor em matar, e **por ato culposos**, quando o evento se dá envolvendo imprudência, negligência ou imperícia do autor. E, por fim, vem a **PENA CAPITAL** ou **pena de morte, aplicada pelo Estado**, com base nos costumes e na lei dos seres humanos. Sobre esta, continua a nossa análise. Vejamo-la.

### FORMAS ANTIGAS E MODERNAS DE PENA DE MORTE

Dentre as **formas mais antigas de aplicação da PENA DE MORTE** pelos “donos do poder”, destacam-se as seguintes: 1) **empalação** - em que a pessoa condenada era espetada numa estaca, que lhe era introduzida pela região anal, ficando assim o condenado até lhe sobrevir a morte; 2) - **lapidação** - em que a morte do ser humano se dá pelo apedrejamento (pena ainda existente nos costumes de alguns povos); 3) - **esquartejamento** - em que os pés e mãos da pessoa eram presos a um cavalo ou boi, e os animais eram ataçados até arrancar-lhe os membros, em suplício, causando-lhe a morte; 4) **fogueira** - em que se punha madeira em chamas ao

redor do condenado, este amarrado, sobrevivendo-lhe a morte no suplício do fogo; 5) **suplício da roda** – em que a pessoa tinha seus membros quebrados e era esticada, em forma de cruz, com o rosto virado para o céu, sobre uma roda que ficava girando, girando, até seu último suspiro; 6) **decapitação** – em que o indivíduo tinha a cabeça cortada, era degolado, com adaga, a machado, a foice, a espada ou guilhotina.

Mas, como a humanidade “evoluiu”, foram estabelecidas pelos homens “justos” **formas mais modernas de PENA DE MORTE**, a saber: 1) **fuzilamento** – morte do condenado por intermédio de arma de fogo, disparada por um carrasco oficial, ou por um pelotão sob o comando de um encarregado; 2)  **tiro na nuca ou na têmpora** – com revólver ou pistola, por um carrasco oficial, às vezes em público, como exemplo, em ato solene; 3) **enforcamento** – também chamado de “suplício da forca”, em que a pessoa é suspensa e asfixiada com uma corda no pescoço até expirar; 4) **cadeira elétrica** – em que a pessoa é manietada ao assento ligado a uma corrente de alta tensão, morrendo por eletrocução, em razão da descarga; 5) **câmara de gás** – em que a pessoa é colocada numa câmara hermética, com entrada canalizada com gás tóxico, em regra, incolor e mortal; 6) **injeção letal** – a pessoa é morta por um profissional – médico, biólogo ou engenheiro químico do Estado – por etapas: o líquido entorpece e, em seguida, vem a **carga letal** que completa o ato.

### PAÍSES COM PENA DE MORTE

Não são as estatísticas econômica, científica e tecnológica, nem a máscara de religiosidade e os títulos da educação formal que, por si sós, tornarão o mundo mais fraterno e justo, e sim o acervo moral para o bem que cada Espírito, encarnado ou desencarnado, procure preservar para manter o equilíbrio social e o respeito ao próximo, jamais desejando ao semelhante aquilo que, naturalmente, não quer para si mesmo. E porque, até o presente, não alcançamos esse patamar

de evolução espiritual, encontramos muitos países “civilizados” que, em razão de costumes, preconceitos e atraso moral, juridicamente, com base na Lei dos Homens, ainda mantêm e defendem a **PENA DE MORTE**

A propósito, existem Estados soberanos que, embora possuindo sistemas políticos opostos, concordam com a “justiça” da pena capital. Os **Estados Unidos da América**, por exemplo, representando modelo de democracia para mundo e onde predominam as religiões evangélicas, que devem ter como esteio as lições morais de amor do Cristo, e com sua legislação penal e processual penal individualizada em cada Estado, mantêm a **PENA DE MORTE** em 34 dos seus 50 Estados federados. Também, a **República Popular da China**, com educação e predomínio materialista, embora buscando hoje o sistema capitalista ocidental, *em apenas um dia*, em abril de 2001, mandou executar, “legalmente”, 28 pessoas condenadas, registrando os pesquisadores que, em média, são cerca de mil indivíduos por ano executados na **China** pela pena capital. Podemos citar, ainda, o **Afganistão**, o **Iraque** e outros países onde predomina o islamismo e que aplicam, costumeiramente, a pena de morte. (Aliás, não faz muito tempo, as televisões retransmitiram, para todo o mundo ver, a pena de morte por enforcamento aplicada ao ex-ditador Saddam Hussein. **Cuba**, país do Caribe, de ideologia social-comunista, mas com católicos, protestantes, de ideais cristãos, e cultos africanos (sincretismo religioso), igualmente, agasalha em sua legislação essa pena, aberração que existe em mais 14 países da Terra, incluindo o **Brasil** (em sua legislação militar), para o caso de traição em tempo de guerra declarada.

### ALGUMAS BUSCAS PELA HUMANIZAÇÃO DAS PENAS

Há, na história, inúmeros juristas, sociólogos e indivíduos de moral ilibada e sensibilidade que, como espíritos mais lúcidos, sempre procuraram abrir mentes embrutecidas, levando esclarecimentos a

quantos ainda se acham em atraso. Dentre esses, no **Século 18**, Césare Bonesana, o **MARQUÊS DE BECCARIA**, ao escrever seu pequeno grande livro “Dos Delitos e das Penas”, partiu do “Contrato Social”, de Jean Jacques Rousseau, para ponderar sobre o seguinte: “O ser humano, cedendo parcela de sua liberdade para tornar possível a vida em sociedade, não se privou de todos os seus direitos e, portanto, não conferiu a outrem o direito de matá-lo”, como explica o saudoso professor da USP, Basileu Garcia, em suas “Instituições de Direito Penal”. Assim, o “Contrato Social” não autoriza a pena de morte. Aliás, **Beccaria** ensinou que, “para não ser ato de violência, toda pena deve ser pública, pronta (imediate), necessária, a menor a ser aplicada, proporcional ao crime e determinada na lei”. Suas lições são base do Direito Penal moderno. Por isso, podemos afirmar que o **Marquês de Beccaria** é um *Espírito iluminado* porque trouxe luz às trevas do fim da Idade Média.

Por seu turno, já no **Século 19**, **CONCEPCIÓN ARENAL**, socióloga e educadora espanhola, que, em sua época, lutou pela questão operária, a reforma penal e defesa da mulher, e foi Visitadora - Geral de Presídios de Mulheres, pugnou sempre pelo *correcionalismo da pena*, sendo sua a afirmação de que “*não há criminosos incorrigíveis, mas, sim, incorrigidos*”, mostrando falha do Estado. Afirmou, ainda, que as penitenciárias deveriam ser “*grandes enfermarias do espírito*”. Por isso, essa filósofa é, para as pessoas de bom senso, também um *Espírito de luz* no caminho da humanização das penas e das prisões.

E, no começo do Século 20, o professor **FERNANDO ORTIZ**, da Universidade de Cuba, no seu livro “A Filosofia Penal dos Espíritos”, procura analisar as informações dos Espíritos na obra de Allan Kardec e mostra ali o *Correcionalismo de Concepción Arenal*, ponderando que “*segundo a Filosofia Espírita, não há Espíritos incorrigíveis; todos são capazes de emendar-se e progredir*”. E faz um desafio aos “*positivistas radicais da*

*Criminologia*”, que querem justificar a pena de morte na Lei Natural (fazendo sucumbir o delinquente “*incorrigível*”, em nome da defesa social): “*Se você não mataria um doente incurável*” (leproso, dizia ele), “*não há como defender a morte de um criminoso incorrigível, a não ser como vingança bárbara, por ignorância*”. E finaliza, em sua obra: “*Hoje, a Ciência contemporânea e o Espiritismo negam a necessidade e a justiça da pena de morte*”.

### O QUE DIZ O ESPIRITISMO

Na obra fundamental da *Filosofia Espírita* – “*O Livro dos Espíritos*”, de Allan Kardec, pseudônimo do pedagogo francês Hippolyte-Léon Denizard Rivail, ao tratar da *reencarnação* (que significa ter novo corpo – instrumento material de aprendizado, em provas e expiações várias - ou seja, nascer de novo, ter nova carne, como homem ou mulher, negro ou branco, mas com o mesmo Espírito, que é o ser inteligente da natureza e não tem sexo), nas questões 166 a 168 formuladas ao Plano Espiritual, verifica-se, das respostas, que a alma do ser humano, para se aperfeiçoar, submete-se a inúmeras reencarnações, dando, em cada nova existência, mais um passo para o seu progresso moral. E tudo isso decorre dos desígnios divinos, de Deus, causa primária de tudo e inteligência suprema, por intermédio de leis naturais (que o homem não cria nem derroga, porque são eternas e imutáveis), especialmente, as *Leis de Conservação* (questões 702 e seguintes), *de Destruição* (questões 728 e seguintes), *de Progresso* (questões 776 e seguintes) e *Lei de Justiça, Amor e Caridade* (questões 873 a 876).

Assim, a finalidade da *reencarnação* é o melhoramento e o progresso de cada Espírito, para que possa haver a perfeita justiça. Com estudo, pesquisa e ponderação – e porque o *Espiritismo é a doutrina da fé raciocinada, e não apenas decorada* –, resta provada a pluralidade das existências: não se vive uma só vez. Temos muitas

vidas para reparar falhas e aprender. Destarte, **a morte de um ser humano por outro ser humano é vingança**; vingança é falta de amor, é crueldade, é imperfeição moral. A vida do ser humano, para o verdadeiro cristão, pertence a Deus; tirá-la é interromper a missão do Espírito, como bem esclarece a questão 746 de *“O Livro dos Espíritos”*, *“pois aquele que tira a vida de um semelhante, interrompe uma vida de expiação ou de missão”*. Em resposta à questão 760 da obra acima citada, o Plano Espiritual responde: *“A pena de morte desaparecerá um dia da legislação humana, e sua supressão assinalará um progresso da Humanidade. Quando os homens forem mais esclarecidos, a pena de morte será completamente abolida da Terra”*.

Logo se verifica que quem concorde com a PENA DE MORTE, mesmo que não seja o legislador que criou a lei, o juiz que estabeleceu a condenação ou o agente ou servidor do Executivo (algoz, que dá o golpe final) também é responsável perante a Lei de Deus, Lei Natural, da qual ninguém fica isento, nas muitas vidas por que todos passarão, até que se aperfeiçoem moralmente e aprendam o ensinamento de Jesus: *“Não fazer ou desejar ao semelhante aquilo que, naturalmente, não quer para si”*, base da *Lei Divina de Justiça, Amor e Caridade*. (E pensar que ainda há países em que, por força da religião, permite-se a pena de morte em nome de Deus, esquecendo-se o sentimento de amor fraternal! Na questão 765, de *“O Livro dos Espíritos”*, o mensageiro espiritual diz que *“pensar na pena de morte imposta em nome de Deus equivale a tomar o lugar de Deus na prática da justiça...É um crime aplicar a pena de morte em nome de Deus, e os que o fazem são responsáveis por esses assassinatos.”*

### RAZÕES CONTRA A PENA DE MORTE

Como ser dotado de consciência e razão, e tendo por base as lições do Espiritismo, **doutrina cristã da fé reciocinada** – pela

qual não devemos apenas repetir o que muitos falam, escrevem ou mostram, mas ponderar sobre o que vemos, ouvimos e lemos, bem utilizando o preceito de *“orar e vigiar”*, para não incidirmos em falhas nem nos arrependermos de palmas impensadas para os algozes - entendemos que **três são os argumentos intransponíveis contrários à pena de morte:**

1 – **o primeiro, de ordem religiosa ou espiritual**, pelo qual ou somos cristãos, seguindo as lições morais desta ou daquela religião com base em Cristo, com que nos afinamos e cremos na Justiça Divina, ou somos materialistas e não olhamos para dentro de nós, para perguntar: Quem sou? De onde Venho? Para onde vou? Qual a minha finalidade como ser pensante? Tudo isso porque, **ao dizer que alguém é irrecuperável e deve ser extirpado da sociedade**, faltamos com a caridade e exercitamos a vingança por intermédio do Estado. E - o mais grave - pretendemos, por ignorância ou mera vaidade, nos igualarmos a Deus (pois a vida só a ele pertence, visto que o ser humano é criatura de Deus, é partícula divina).

2 – **o segundo, de ordem moral ou social**, porque não se deve fechar os olhos à desídia do Estado, com a falta de prevenção e de políticas públicas apropriadas, como o amparo às famílias, no que tange à subsistência, à escola, à moradia, ao trabalho, ao lazer etc., e mesmo em decorrência, via de regra, do despreparo dos órgãos de segurança – mais afeitos a reprimir e combater do que a ensinar e prevenir - juntando-se a isso, ainda, não raro, a falta de solidariedade e apoio das grandes empresas e dos mais ricos, muitos inclusive lucrando com o medo da população desprotegida. E com as manchetes alarmantes e as **estatísticas do descaso**, alguns procuram **“justificar” a necessidade da pena de morte.**

3 – **o terceiro, de ordem ético-jurídica**, porque não se concebe que um pai chame a atenção de um filho contra a maconha, por exemplo, e, em seguida, peça ao mesmo filho que lhe acenda um “pacau”! Assim, temos o **Estado**, friamente, pelos seus **Três**

**Poderes**, com o **Legislativo** criando a lei da pena de morte; com o **Judiciário** aplicando a lei ao condenado; e com o **Executivo** fazendo cumprir a lei, matando a pessoa. Tudo isso sob a alegação de “defesa social” e com o argumento da gravidade do crime hediondo (que não foi evitado, via de regra, por falha própria da prevenção pública). E prepara-se o ritual da morte do ser humano, fazendo-o de modo hediondo e frio, com dia e hora marcados, e **requintes estatais** (fuzilamento, câmara de gás, enforcamento, injeção letal, etc., etc.), e um “**carrasco oficial**” (agente público, pago pelos cofres do Estado) como **executor do golpe final**, para que seja feita a “justiça”! E se o condenado fosse você ou seu familiar mais querido?

#### **UM ALERTA FINAL DOS ESPÍRITOS**

Para que possamos melhor raciocinar sobre o tema, repetimos, com os ensinamentos do Espíritos, um alerta final: **quando o ser humano** (portanto, Espírito encarnado para aprender e progredir moralmente), **embora em silêncio, concorda com a pena de morte aplicada pelo Estado**, como se nada tivesse com isso, **é também responsável por ela**, pois cada pessoa, no plano moral da espiritualidade, é o aquilo que pensa. Por isso, responderá perante a lei divina, ou lei natural, de ação e reação, porque o **pensamento**, que é a linguagem dos Espíritos, **toma forma**...Devemos persistir na lição do Cristo – “**orar e vigiar**” - para que não venhamos “**desejar ao próximo aquilo que, naturalmente, não queremos para nós**”.

**Bismael B. Moraes**, advogado, Mestre em Direito Processual pela USP, professor universitário, Delegado de Classe Especial, aposentado, 15 livros publicados, ex-presidente da Associação dos Delegados do Estado, integra a UDESP-União dos Delegados de Polícia Espíritas do Estado, é Secretário-Geral do CEI, Jaçanã/Capital-SP e Membro da Academia Guarulhense de Letras.



**CLOVIS DOMINGUES**

#### **DEZ ANOS NÃO SÃO DEZ DIAS**

Parece-me providencial escrever “in memoriam” minha experiência de uma década na AGL – Academia Guarulhense de Letras.

Por certo, também temos muitas histórias de valor construídas pelos membros efetivos e honorários que fazem parte dos “imortais vivos” e reconheço que devemos cultivar a muitos pelos seus empreendimentos literários e pela lida de cada um. Entretanto, neste ano em que celebro uma década de sodalício, sou atraído a fazer um registro humilde e saudoso de confrades que conosco conviveram os desafios de reuniões e outras atividades mesclando tudo isso aos compromettimentos familiar, religioso, profissional e social. São nomes conhecidos que, partindo, deixaram marcas indelévels em nossa academia e em nossa cidade de Guarulhos.

Como nativo desta querida terra, registro meu agradecimento a esses baluartes que tanto fizeram para que tivéssemos hoje esta realidade que nos orgulha, nos mais diferentes campos de ação, neste pedaço de chão cuja padroeira, Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos, protege com seu manto intercessor e abençoa.

Não tenho a ousadia de relatar a vida desses meus saudosos confrades, pois me faltam as informações necessárias, o espaço suficiente e a capacidade para descrevê-los em suas lutas e conquistas. **Preza-me registrar apenas alguns episódios que tive a honra de partilhar com eles e deixar aqui lembranças de nomes que nunca serão esquecidos.**

**ADOLFO DE VASCONCELOS NORONHA**

Em visita à reunião da AGL em 2001, após ter-me candidatado a uma cadeira no sodalício, tive a felicidade de participar de um momento de grande emoção, quando trazido pelos confrades, subiu a escada e teve acesso à sala de reuniões em Vila Galvão, o presidente que só tomaria posse, pois a doença avançada não o poupava. Sim, **Adolfo de Vasconcelos Noronha**, o Noronha da Fig, um dos fundadores do sodalício, obedecendo aos estatutos, estava ali, amparado por todos e admirado pelo silêncio ou pelas vozes que naquele momento tomaram conta de todo o ambiente. Era uma tarde que ficaria registrada nos anais da AGL com todo o sentimento possível dos circunstantes, seus confrades, discípulos e admiradores.

Muitas palavras e muita emoção perpassaram o ambiente que respirava literatura, como que ajudando o presidente a “respirar” também. Suas palavras saíram com dificuldade, porém foram ouvidas e entendidas por todos.

Os confrades emocionados, me parece, queriam falar e fazer silêncio, era um momento único e não poderia ser atropelado, era uma tarde que jamais sairia da história de cada um que tinha ali a oportunidade rara de imenso valor.

Entre tantos que esboçavam uma homenagem, ficou marcada em meu interior surpresa, aquela, feita pelo confrade Ibrahim. Lembro-me de sua barba comprida e seu jeito emocionado de falar da cidade de origem do presidente, seu encontro com ele e sua admiração. Uma cena indescritível e imorredoura, mas vivida intensamente com aquilo que cada um possuía de mais profundo.

Se ainda existiam dúvidas para o meu ingresso na academia, passei, após essa experiência, a sonhar com o dia em que poderia partilhar tanta emoção de sentimentos à flor da pele e transmitidos com silêncio, palavras, olhares e gestos.

Algo de bom, de respeito pela vida, pela história percebia-se no ar... Algo que nos fez ficar em compasso de espera...

Demorou pouco tempo para recebermos a notícia do seu falecimento.

Em seu velório, mais emoção e as homenagens sinceras de uma multidão de amigos e admiradores. Sua vida foi uma soma de lutas e conquistas que se misturaram com as lutas e conquistas da nossa cidade. Seus escritos são provas da sensibilidade que tinha e dos valores que defendia.

Certamente, muitos que tiveram a felicidade de partilhar com ele outros tantos momentos seriam mais indicados a fazer este registro. Porém, nem sabemos o porquê de tantas coisas e aqui estou eu escrevendo migalhas desse vulto tão ilustre. Serve a boa intenção que me move fazê-lo.

Como um dos fundadores da AGL, ele figura em nossa história como exemplo de apaixonado pelas letras e por tudo que pudesse melhorar a vida do planeta e das pessoas. Confrade Noronha, obrigado por tudo.

Dos seus inúmeros escritos, registro a seguir um grito de liberdade.

**À LIBERDADE**

Deixai-me vaguear, seguir somente,  
Que a natureza me oferece abrigo,  
Somente a liberdade me faz gente.  
E se alguém a matar... morre comigo!  
(Amostragem literária - março/1980)

**ANTONIO FILARDI LUIZ**

Não tive a honra de conhecê-lo pessoalmente soalmente, mas participei de reuniões em que seu nome e seus valores foram mencionados. Para registrar a importância desse confrade, basta lembrar as palavras do João Ranali quando contou sobre o recebimento de um escrito do Filardi, onde se lia: *“Caro Dr. Ranali: Deixo-lhe alguma coisa para, à falta de algo melhor, encher espaço. Não me zangarei se os escritos forem para o lixo, local mais apropriado, aliás! Abraços (ass) Filardi – 06/04/89”*. Tanto não foi para o lixo, quanto não era o lugar mais apropriado. Assim, o confrade Ranali guardou e transcrevo abaixo uma parte do escrito que mostra a sensibilidade do homenageado que partiu nos últimos dez anos.

**ESTÁ NA HORA**

Tudo na vida tem seu momento,  
Sua hora,  
Seu minuto,  
Seu segundo,  
Sua definição incontrolável.  
É preciso saber, pois,  
Quando chega a hora,  
Quando chega a hora!  
Na hora de confessar,  
De perdoar,  
De amar,  
De compreender,  
De sentir,  
Na hora de acabar.

Hora de,  
Olhando para trás,  
Só ver o futuro,  
De, vasculhando o futuro,  
Não esquecer do presente.  
(Revista da AGL, n. 5 – 2003)

**FLÁVIO CLETO GIOVANNI TROMBETTI**

Não cheguei a estar na reunião da AGL em sua companhia tampouco conhecê-lo pessoalmente, ao menos, o suficiente para escrever algo, mas, pela amizade e respeito que todos os acadêmicos nutriam e nutrem por ele, posso me adiantar e dizer que passou fazendo história, vivendo como poucos, deixando exemplos bons a seguir e ficam aqui meu humilde registro e o meu reconhecimento.

**JOSÉ ALVES DO CARMO**

Algumas caronas, muita doença e algumas ideias trocadas é só do que eu lembro desse confrade que, pela doença, ficou muito tempo ausente, e não soubemos, nem ao menos, quando faleceu... Será que alguém consegue me explicar como pôde acontecer essas coisas?... Que pena!

Mesmo assim ainda me lembro-me da alegria que tinha quando falava dos seus escritos e as queixas que fazia das dores que o incomodavam. Falava-me ele: *“Estou muito doente, tenho muitas dores...”* mas, lá ficava em sua casa e só no outro mês, na reunião, nos víamos. Incrível como nos deixamos levar pelos compromissos e não damos a atenção devida a tantos momentos importantes!

Um verso extraído do seu lindo poema “**Jó, o homem crente**”, escrito por esse confrade amigo, opoder acontecer essas coisas?...ara escrever algo, la cidade litorTORALmpulsiona e faz suplantar outsobre a luta travada por esse personagem bíblico.

### **JÓ, O HOMEM CRENTE**

A luta foi renhida,  
mas a batalha vencida.  
Abraçando o escudo da fé,  
na borrasca do mar bravio,  
quando fumega o pavio,  
o Crente fica de pé.

*(Publicado em 1998 – Fragmentos Literários)*

### **JOÃO RANALI**

Figura indomável no seu modo de ser. Cobrador de atitudes corretas e comportamentos que tivessem a marca da seriedade e honestidade.

Tive a felicidade de conviver com ele em muitas reuniões, em que sua voz, sua opinião eram divisores de águas. Quando a discussão não conseguia o consenso, era sua opinião que prevalecia como o decano, mais ainda, como ancião que não deixava acontecer descaminhos ou como o timoneiro que não deixava perder a direção.

João Ranali já mereceu muitos registros, inclusive um livro muito bem escrito pelo confrade Lineu Roque Aceiro, porém nossos humildes comentários são na direção de deixar em nossa revista o registro de amigos confrades que partiram nesses

São muitas e boas lembranças que nos remetem ao nome de João Ranali, são momentos que estão incrustados em nosso ser pelo

valor de cada um. Sua vida de muitas etapas vencedoras, de muitos cargos importantes em nada conseguiu mudar o caráter e o valor interior, porque continuou até o fim com o propósito que lhe norteou a vida comprometida com a verdade e com trabalho em prol da justiça e do bem.

Historiador como nenhum outro em nossa cidade, relata sua devoção à Imaculada Conceição e não faz segredo, ao contrário, faz a ela inúmeras declarações de amor. Homem de família, deixou exemplos importantes, principalmente para nossa época tão confusa em reconhecer e viver valores.

Seus escritos – inúmeros – são marcados por um estilo próprio e inconfundível, não só pelos termos usados, mas pelo profundo conhecimento do que escreve.

Impossível separar Ranali e AGL, pois sua presença, desde a primeira hora, foi e será sempre uma constante em nossos trabalhos, em nossos encontros.

Nome de praças, elogios, palavras, lembranças, não conseguirão nunca descrever o valor do confrade para nossa AGL e nossa cidade, tal grandeza de caráter e de homem público encerra o nome João Ranali. Mas, humildemente, me atrevo a homenageá-lo e transcrever parte de um dos muitos poemas por ele escritos, com maestria.

### **PROCRIAÇÃO**

...

Como se amavam, asas batendo...

Até que um dia só ela na casa sobrava.

Enquanto o macho, a comida trazendo  
no bico, amoroso, o alimento lhe dava.

Três filhotes surgiram afinal,  
para mostrar com pureza, sem laivos,  
que vale para todo o reino animal  
o crescei e multiplicai-vos.

(*Amostra literária AGL – março/1980*)

### LAERTE ROMUALDO DE SOUZA

Alguém que tivesse dúvidas sobre a gentileza e dedicação possível em uma pessoa humana, bastaria conhecê-lo e descobriria a solução para suas reflexões.

O Laerte foi uma marca por onde passou, deixando um rastro de respeito e admiração.

Também cheguei atrasado mais uma vez. Pouco tempo consegui partilhar com ele, pois, infelizmente, só tive a oportunidade de conhecê-lo em nosso sodalício e, em pouco tempo, ele partiu.

O atento e eficiente secretário da AGL foi uma das coisas melhores que encontrei na academia e o reverencio e agradeço.

Lembro-me daquela visita que fiz para conhecer a AGL e, em meio a tanta emoção pela posse do saudoso presidente Noronha, em estado terminal, ainda assim, não faltou tempo para o Laerte ser gentil comigo e me incentivar a apresentar meus trabalhos e também dizer do valor de meu padrinho Gasparino José Romão, querido amigo de décadas. Ao lhe ser apresentado, assim me dirigiu estas palavras que não posso esquecer: “*Venha sim, além do seu trabalho, a apresentação por esse padrinho é 50% do caminho*”.

Ao fazer esta modesta homenagem, lembro-me de várias reuniões das quais tive a felicidade de participar com a sua presença, mas, de modo especial a última a que ele, com toda fraqueza física, quase carregado, compareceu. Digo fraqueza física porque era só

isso, mas essa vida preciosa tinha energias, riquezas interiores que portam a verdadeira força que impulsiona e faz suplantar reveses, por vezes tidos como impossíveis. Tive a oportunidade de sentar-me à sua frente e vivi com ele aqueles momentos de muita dificuldade, quando não podia mais se locomover sozinho, só o fazendo com a ajuda de sua esposa sempre presente, a Terezinha.

Apesar de pouca convivência, consegui perceber e usufruir um pouco do muito que Laerte era e por isso sou grato.

Também Laerte Romualdo de Souza, um dos fundadores da AGL, nunca será esquecido e sempre receberá nossas saudosas homenagens por tudo que conseguiu viver e transmitir de bem.

Entre tantos outros escritos, registro, de sua autoria, um trecho do soneto

### ANSIEDADE

O pejo prende os gritos na garganta,  
A alma, triste, abalada, já se cansa,  
Pois não permite às lágrimas correr.  
Quero dizer ao mundo que te adoro,  
Longe de ti só sei que sofro e choro  
Junto de ti pouco me importa morrer.  
(*Amostra literária AGL – março/1980*)

### MILTON LUIZ ZILLER

Uma vida que, no meu conceito particular, foi vivida com autenticidade, respeito e austeridade.

Nossa convivência, embora discordando na fé, como nosso confrade Gasparino escreveu, foi sempre bem harmoniosa e de muito respeito. Sua forma de colocar suas ideias sempre me agradou pela sinceridade que o norteava.

**NORLÂNDIO MEIRELLES DE ALMEIDA**

Também o conheci muito pouco e algumas coisas que escrevo são pura transcrição da amostragem literária de março/1980, só para registrar nesta modesta homenagem.

Participou do programa cultural promovido pela Rádio Tupi de São Paulo, denominado “O céu é o limite”, tendo conquistado na ocasião o maior prêmio instituído para o conclave, no qual impressionou não só a terra paulista como todo o Brasil, com seus conhecimentos sobre **Castro Alves**.

Com essa participação, o nome de Guarulhos destacou-se no cenário nacional, engrandecendo-se a nossa cidade no mundo da cultura.

Meu patrono em seu centenário

**HILDEBRANDO DE ARRUDA COTRIM**

Nascimento 20/03/1911 – Natural São Carlos – SP

Não poderia deixar de registrar a passagem do meu querido patrono e um pouco da sua bela história...Não pelo falecimento nestes dez anos, que completo como acadêmico, mas sim, pelo centenário do seu nascimento ocorrido em 20/03/2011.

Homem sensível às mazelas que muitos enfrentam, seja pela doença física ou psíquica, seja pelas imposições da sociedade ou injustiças cometidas, principalmente com os mais fracos, em sua vida, testemunha e lamenta acontecimentos que descreve com a tristeza de quem fazia sua parte, mas sofria pela realidade cruel de algumas vidas preciosas, à deriva de uma sociedade omissa e cruel.

Como médico, membro efetivo da Sociedade Brasileira de Pediatria e especializado em desdobramentos importantes desse segmento, prestou relevantes trabalhos ao povo de nossa cidade e seu nome sempre foi uma referência de seriedade e de bondade, de acolhimento e de eficiência.

Devoto de Nossa Senhora da Conceição, também prestou importantes trabalhos na então Igreja Matriz de Guarulhos, onde exerceu o ministério extraordinário da distribuição da comunhão.

Como homem culto e preocupado com a literatura, fez parte dos pioneiros fundadores da AGL e deixou alguns dos seus escritos como sinais de sua personalidade e preocupações.

Suas publicações literárias, entre outras, *Oração às mães – Conversando com Dona Estela – Instantâneos nacionais – Conversa ao pé do berço – Rosário da saudade*.

*Destaco sua sensibilidade em pérolas registradas na amostragem literária de março/1980, por ocasião do centenário da emancipação política de Guarulhos, como a Consulta da fome, Independência ou morte, O chamado médico e outros.*

Como poeta, conta-nos a história da disputa por um amor de nome “**Alegria**”; e não seria nada de novidade se não fosse como rival o santo de junho, São João.

**SÃO JOÃO DO RANCHO FUNDO**

Alegria!  
já não está neste mundo!  
Sua beleza, sua graça tão brejeira,  
estão lá no Rancho Fundo  
sob um manto de roseira!

...

Ao cruzar com meu olhar,  
me fez logo desconfiar...  
O São João tão festejado  
parecia que sorria,  
num sorriso apaixonado,  
para os olhos d’Alegria!

...

Todas às vezes, quando é noite de São João,  
o caboclo amedrontado  
ouve o choro de violão, lá no fundo do grotão.  
Acabrunhado,  
ele conta a todo mundo  
que é o São João do Rancho Fundo  
soluçando em noite fria  
junto à campã d'Alegria!

*(Amostragem literária AGL – março/1980)*

Não poderia deixar de citar, com orgulho, meu patrono **Hildebrando de Arruda Cotrim** neste ano em que completo dez anos de AGL e meu querido Dr. Cotrim, cem anos do seu nascimento.

Apenas para finalizar e, reconhecendo a importância desta AGL - Academia Guarulhense de Letras, agradeço a Deus pela oportunidade e aos confrades pela convivência especial.



**ESTANISLAU HENRIQUE DA CUNHA**

### **ASPECTOS BIOQUÍMICOS DA ALIMENTAÇÃO**

Alimentação de qualidade é o que importa. Na grande maioria dos casos, um lanche não é exatamente o que pode substituir uma refeição completa, pois todo processo do metabolismo bioquímico vai depender da matéria-prima que chega até as nossas células, e a qualidade desse material vai depender da alimentação consumida, ou seja, da composição química daquilo que é consumido. Não pretendo aqui estabelecer regras de como se alimentar, se o fizesse estaria padronizando o que não se deve padronizar, pois cada organismo apresenta sua própria identidade genética. Apresento sim a maneira pela qual os compostos são transformados, em que são transformados e qual o seu papel no organismo. Contudo, não há garantia alguma de que esta ou aquela substância, naquele determinado organismo, deva se transformar exatamente como se prevê, pois existem inúmeros fatores que podem interferir no processo, inclusive, o genético, é claro. Quando certa pessoa diz que a maneira pela qual se alimenta lhe traz benefícios, não significa necessariamente que o mesmo cardápio deva causar os mesmos efeitos em seu amigo ou vizinho ou em quem quer que seja. Na verdade, o que de fato importa é a composição química da alimentação consumida para aquele determinado organismo.

Nosso organismo é uma máquina muito complexa que requer componentes nutricionais que agem de várias formas. Consideremos, por exemplo, os alimentos que atuam de forma direta e aqueles que atuam de forma indireta. Como exemplos de alimentos

que agem de forma direta, destacamos os sais minerais que, entre suas várias funções diversificadas, está a de se incorporar moléculas complexas para a execução das mais diversificadas tarefas. Vejamos algumas delas: o ferro que, por exemplo, incorporado à globina, uma molécula proteica de estrutura quaternária, portanto, altamente complexa, forma a molécula de hemoglobina, cuja função é transportar os gases respiratórios ou então entra na composição das moléculas de citocromos, que têm o papel de transportar elétrons na cadeia respiratória; o cobalto é outro sal mineral que, encontrado na carne, no rim, na ostra, no fígado, na couve, no agrião, no espinafre e no leite, tem o papel de compor a molécula de cobalamina (vit B12); o cobre, sal mineral que, além de entrar na composição do citocromo oxidase juntamente com o ferro, tem o papel de ajudar a vitamina C a cumprir o seu papel. O cobre é encontrado no milho, na carne, na galinha e no marisco; o iodo entra na formação das moléculas dos hormônios tireoidianos tri-iodo tironina e tiroxina. É encontrado em algas, cebola e sal de cozinha.

Alguns sais têm a função de estimular ou inibir certas reações enzimáticas do metabolismo de modo a promover um verdadeiro sincronismo das atividades bioquímicas atuando como efectores de certas reações químicas como o sódio, o potássio, o rubídio, o céσιο, o cálcio, o cromo, entre outros.

Existem em nossa alimentação componentes nutricionais que atuam no organismo de uma forma indireta, caso das vitaminas que, de forma geral, raramente se transformam ou se incorporam às outras moléculas, mas cujo papel é de funcionar como um "robô programado", que, ingerido, tem o propósito de agir auxiliando determinadas enzimas a transformar seus substratos específicos. As vitaminas executam um papel coadjuvante em certas reações químicas, porém vital para todo o metabolismo celular. Tais componentes que devem estar presentes nas refeições diárias devem ser consumidos em doses mínimas a fim de completarem o

metabolismo atuando sobre parte dos produtos resultantes da ação de desidrogenases e transaminases, entre outras, sobre seus substratos específicos.

A maior parte das reações químicas do metabolismo ocorre no hialoplasma, um coloide hidrogel que preenche o interior da célula. Durante todo processo do metabolismo bioquímico, entretanto ocorrem reações químicas de vários tipos envolvendo o hialoplasma e interior de certas organelas como golgi e mitocôndrias. O importante é que as reações são catalisadas por enzimas específicas. Como exemplos dos vários tipos de reações podemos citar as transaminações, oxirreduções e descarboxilações. À medida que esses processos se desenrolam, ocorrem transferências de radicais químicos, um toma-lá-dá-cá de componentes entre os compostos, tornando possível assim a criação de novas alternativas para novas vias metabólicas que vão resultar numa maior variedade de substâncias suprimindo assim deficiências. Uma dessas transferências é a transaminação.

Entende-se por transaminação o processo de transferência do grupo amina de um aminoácido doador do grupo amina para um cetoácido receptor deste mesmo grupo, de modo a ocorrer então uma inversão, isto é, o aminoácido doador torna-se um novo cetoácido e o cetoácido receptor um novo aminoácido. O processo em si ocorre em seis etapas, sendo duas delas por tautomeria e a participação efetiva da coenzima B6, chamada de piridoxal.

Inicialmente o aminoácido doador do grupo amina reage com o piridoxal, numa reação de desidratação, formando ao final um composto chamado aldimina. Para que todo o processo tenha continuidade, é necessária uma pequena modificação, porém fundamental para o andamento normal do processo. Para que haja continuidade do processo, é necessário que a aldimina sofra uma transformação tautomérica, transformando-se na cetimina, composto que hidrolisado libera o seu grupo amina que é transferido então

para a coenzima B6. Dessa maneira, forma-se o cetoácido final, enquanto o grupo amina fica “temporariamente” ligado à coenzima B6, formando a piridoxamina.

Nesse ponto, atingimos então exatamente a parte mediana de todo processo de transaminação. A partir desse ponto, a piridoxamina reage com o cetoácido receptor numa reação em que ocorre uma desidratação, formando a cetimina que em seguida sofre um processo de tautomeria formando a aldimina a fim de que ela, hidrolisada, restitua o piridoxal à sua forma original mais o aminoácido resultante.

É muito providencial o processo de tautomeria, pois no primeiro caso forma-se a dupla ligação entre o carbono alfa e o nitrogênio do grupo amina, preparando assim para a formação do cetoácido resultante; no segundo caso, a dupla ligação do carbono alfa é desfeita, preparando assim para a formação do aminoácido resultante, o qual possui o grupo amina ligado ao carbono alfa por uma ligação simples.

Como podemos observar, sem a presença da coenzima B6 (piridoxina) é impossível o processo de transaminação, reduzindo assim as possibilidades de as deficiências serem supridas além do fato de que os radicais químicos ficam livres e assim se acumularão trazendo um quadro caótico, sendo evidente que isso vai ter um custo, pois problemas advirão de uma forma ou de outra. Mas esse tipo de problema não se restringe apenas à coenzima B6, pois ele certamente ocorrerá sem a presença de outras coenzimas ligadas a outros processos tais como oxirreduções e descarboxilações além de tantos outros...

Carboidrato e vitamina são alimentos completamente diferentes sob o aspecto funcional. O primeiro age convenientemente como combustível, pois dele é retirada toda a energia calórica de que o corpo necessita para vários fins tais como: manutenção da

temperatura corpórea, criando assim um ambiente ideal para a ação das enzimas, permitindo o desenvolvimento das reações químicas dos processos metabólicos; energia mecânica utilizada para contração muscular, que proporciona a realização de exercícios físicos; e energia elétrica para o desempenho dos nervos, entre outros. O segundo, entretanto, age no organismo ajudando-o a retirar a energia do carboidrato, ou seja, ao ingerirmos este alimento, ele funciona como uma “ferramenta programada” da qual necessitamos para que atue no interior do organismo, não fornecendo energia ao organismo, mas executando uma tarefa que, a rigor, não poderia ser realizada fora dele. Seu papel é ajudar no processo de retirada da energia do primeiro. Isto significa que os dois componentes precisam estar presentes na alimentação ou ela, em termos energéticos, não terá nenhum significado nutricional, pois as vias metabólicas regulares deixarão de ocorrer normalmente, podendo então aparecer desvios metabólicos tais que resultarão no aparecimento de substâncias prejudiciais, criando assim um quadro metabólico caótico não tolerado pelo organismo que pode até se manter por algum tempo neste estado, caso perca o erro na alimentação. Assim, logo descobriremos que existe algo errado... E tudo devido a uma alimentação equivocada elaborada apenas pelo conceito paladar; não quero dizer que toda alimentação saudável tenha sabor ruim, apenas que o julgamento deva ser mais amplo, que outros fatores sejam levados em conta, caso contrário, a partir desse ponto nada mais valerá a pena a não ser talvez pelo prazer do delicioso sabor que aquela refeição proporciona. E ao que me parece, esta tem sido a única maneira que a maioria das pessoas tem de escolher o alimento, especialmente crianças, jovens e adolescentes. Algo precisa ser feito já no tocante à alimentação. Goste ou não de determinado alimento, devemos ingeri-lo, pois ele certamente contém o componente que nosso organismo necessita para o seu perfeito funcionamento a despeito do seu paladar. Cabe a nós mudar isso, pois não raro se veem por aí principalmente crianças e

adolescentes, alimentando-se de forma aleatória sem qualquer controle não dando a mínima para os efeitos negativos ao organismo que aquilo possa trazer... Talvez uma campanha nacional com ampla divulgação ajudasse... Quem sabe?

O que realmente importa para o organismo é a composição química daquilo que se está ingerindo; lembrando que a qualidade do alimento começa a ter importância a partir do momento da deglutição e não apenas enquanto o saboreamos. Contudo, infelizmente parece que a maioria das pessoas não atenta para esse detalhe e, ao contrário, essas pessoas priorizam apenas o sabor sem se importar com o risco do aparecimento precoce de problemas, como, por exemplo, altos níveis de colesterol e de triglicéride. O primeiro é importante, pois entra na formação das membranas celulares, formação de hormônios, entre outros, mas a questão é que o seu excesso pode significar problemas; o segundo responsabiliza-se pelas reservas energéticas do organismo e pela silhueta do corpo, característica levada muito a sério por ser tão importante para as mulheres, mas também o principal componente responsável pela obesidade.

Os lipídios têm a característica de serem hidrófobos, isto é, são insolúveis em água e quando os triglicérides são hidrolisados (e isso ocorre naturalmente durante a digestão química dos lipídios), formam-se dois tipos de substâncias: ácidos graxos e glicerol na proporção de três para um, embora esse último esteja sempre conjugado a um ácido graxo constituindo um monoglicéride. Os ácidos graxos são moléculas bastante energéticas, por isso numa dieta alimentar cujos níveis de carboidratos são baixados propositalmente ou não, os lipídios estocados são hidrolisados e seus ácidos graxos passam a fornecer energia para o organismo em substituição ao açúcar com a diminuição da massa corpórea e a consequente perda de peso, fazendo a pessoa diminuir as medidas de seu manequim. Existem dois tipos de ácidos graxos: saturados e

insaturados. Em termos práticos, o fator diferencial entre ambos é que o primeiro fica num estado sólido-leitoso à temperatura ambiente, o segundo não. Em termos funcionais, o ácido graxo saturado, ao ser metabolizado, poderá levar à produção de grandes quantidades de colesterol, fato este que pode elevar seus níveis e isso significa o risco de aparecerem problemas, embora isso nem sempre aconteça. O ácido graxo insaturado, entretanto, não oferece esse risco, sendo assim o mais saudável. Podemos citar alguns exemplos de ácidos graxos poli-insaturados: o ácido linoleico, o ácido linolênico e o ácido aracdônico, agrupados sob o rótulo de vitamina F. A meu ver, todas as dietas para a perda de peso devem ser naturais, lentas e monitoradas, caso contrário seu efeito poderá provocar um quadro caótico, metabolicamente perigoso e talvez até irreversível... Cuidado!

Pelas observações feitas com relação às dietas alimentares, a mim parece haver um pequeno, mas significativo problema: o fator psicológico. Existe uma pequena dificuldade em se dar continuidade ao processo. Há sempre uma euforia inicial, mas cuja continuidade decresce rapidamente e tudo fica como antes. Não compreendo como isso pode acontecer. Talvez pela ansiedade de se obter logo os resultados, talvez pelo sacrifício de ter que evitar comer tudo ou quase tudo aquilo de que não metabolisasse se "gostaria" durante um tempo interminável, talvez os dois, não sei ao certo.

Alguns aminoácidos são de importância vital em nossa alimentação. Um deles é o aminoácido heterocíclico, chamado triptofano. É encontrado nos vegetais folhosos. Trata-se de um aminoácido classificado como heterocíclico, com característica ligeiramente básica. Ele é produzido a partir de um desvio da rota glicolítica em que a frutose-6-fosfato origina primeiramente a xilulose-5-fosfato, que acaba se transformando, após algumas etapas, no fosforribosil pirofosfato. Este composto é uma peça importante, pois reage com o ácido antranílico que também é

derivado de um desvio da rota glicolítica, resultando na formação do ácido fosforribosil antranílico. Após algumas transformações, este último se transforma em indolil glicerol-3-fosfato que, reagindo com a serina (aminoácido produzido também a partir da via glicolítica), formam-se então dois novos compostos: o gliceraldeído-3-fosfato, que pode, dentre outras vias, reiniciar todo o processo e o triptofano. Entre as várias transformações do triptofano, incluímos a que leva ao processo de biossíntese da serotonina, processo este que ocorre em células nervosas do hipotálamo, entre outras. O processo em si envolve dois mecanismos básicos: por oxidação e por descarboxilação. Por oxidação o triptofano se converte no composto 5-hidroxi-triptamina. Durante esse processo, há a liberação de uma molécula de água, pois através de uma oxirredução, há o fornecimento de um par de hidrogênios por parte da nicotinamida-adenina-dinucleotídeo-fosfato reduzido. O processo em si não é direto, pois há um intermediário que age como mediador, a diidrobiopterina, que sob outras circunstâncias também compõe a molécula do ácido tetraidrofólico juntamente com o ácido para-amino-benzóico e o ácido glutâmico. Em seguida, ocorre a descarboxilação em que a 5-hidroxi-triptamina finalmente se transforma na serotonina.

Outro processo interessante é o da biossíntese do aminoácido serina, que, como sabemos, é derivado de um desvio da rota glicolítica. Ao longo do processo, há a intervenção do ácido glutâmico que dentre inúmeras funções tem o papel de produzir a carnitina, composto que atua no metabolismo, agindo de forma efetiva no processo de compartimentalização dos lipídios. A serina descarboxilada transforma-se em etanolamina que em seguida reage com o ácido fosfatídico, formando a fosfatidiletanolamina, composto presente na estrutura das membranas celulares. Como se não bastasse, a etanolamina metilada forma a colina a qual pode reagir com o ácido fosfatídico formando a fosfatidilcolina, composto que age no metabolismo dos lipídios; além disso, outra via metabólica

da colina nos informa que ela pode se transformar em betaína cujo papel é atuar no metabolismo como um metiloador.

Em suma, parece ser uma norma que os processos bioquímicos de síntese sejam originados a partir de desvios de determinados componentes intermediários formados ao longo de rotas metabólicas preexistentes: glicólise anaeróbica e ciclo de Krebs são ótimos exemplos nesse sentido. Dessa maneira, maior será a variedade de subprodutos, inclusive, muitos deles vão por certo adaptando novos componentes externos, criando assim novas possibilidades. De início, colunas mestras, um padrão essencial das rotas metabólicas básicas, contudo, esse padrão deixa de ser tão rígido e passa a sofrer modificações, criando ramos laterais à medida que o processo avança. Por analogia, pode-se compreender isso melhor se imaginarmos uma pequena plantinha recém-germinada com apenas o talo central e algumas pequenas folhas (artefatos para seu suporte de vida acima do solo). Se as condições extrínsecas forem ricas e, portanto, favoráveis, logo começarão a aparecer mais e mais folhas e pequenos ramos laterais que se ramificam novamente e novamente até que... pronto, temos então uma promissora grande árvore frondosa que produzirá flores e frutos de ótima qualidade.

Em si, todo o processo bioquímico vai se enriquecendo e sofrendo alterações de modo que parte de alguns subprodutos intermediários das cadeias metabólicas originais (talo central) passam a sofrer desvios (ramificações laterais), passando o organismo a ganhar novas perspectivas de especialização, aumentando assim as chances para uma melhor adaptação a certas situações e, é claro, a uma vida muito mais saudável. Desse modo, não tenho dúvidas de que a alimentação de qualidade é o grande fator que desencadeia todo o processo em nosso próprio benefício; caso contrário, o caos generalizado tanto sob o aspecto bioquímico como para o fisiológico.

Não tenho dúvidas de que se a alimentação for regularmente balanceada e adaptada ao seu biótipo, poucas chances de enfermidades

surgirão mesmo que a pessoa apresente uma tendência familiar, e se eventualmente houver alguma manifestação dessa enfermidade, seus efeitos indesejados serão bem discretos; além disso, melhor será a recuperação nos quadros de indisposições como gripes e resfriados e até mesmo no pós-operatório.



**GASPARINO JOSÉ ROMÃO**

**APERTEI O RETROCESSO DA  
MÁQUINA DO TEMPO**

Apertei o retrocesso da máquina do tempo, na expectativa de rever a infinidade das coisas que passaram nos meus dias idos, instantes perdidos do passado que não volta, como não retornam os momentos que ficaram lá atrás.

Senti que se fazia mister o registro das minhas remotas reminiscências, aquelas que, olvidadas por um átimo de tempo, não registradas, estavam a exigir que fossem feitas, que não ficassem sepultas no limbo das passadas recordações.

Instantes em que a alma fala e o ego parecem, na mudez do nosso sentimento, captar a inescutada mensagem que se desvanece no silêncio da vida.

Quando a alma fala, e o Ego, na expressão mais lídima do seu sentimento, experimenta a emoção que nos vem lá do fundo, é o momento de darmos às claras o que sentimos e não podemos reprimir.

No místico silêncio desse espaço de tempo, o coração pulsa e, sem que se espere, a saudade vai chegando de mansinho, trazendo-nos as inapagadas reminiscências dos instantes que se foram e que o passado não desvaneceu.

Foi numa noite cálida de dezembro, dia 31, que não me esqueço, arribei em Guarulhos para, com meus pais e irmãos, celebrar o réveillon de 1950/1951.

Animava-me, apenas, o propósito de, passada a cerimônia da passagem do ano e da tradicional ceia que a família comemorada na ocasião, retornar à capital onde, já por sete anos, residia.

Com a praxe do mineiro de manter a família toda unida, meu saudoso pai insistiu que eu ficasse morando em casa com os outros

irmãos e eu, assentindo, resolvi ficar. Ademais, naquele dia 31 de dezembro, vencia o prazo do contrato na casa onde eu morava, não tendo havido obstáculo a que eu ficasse.

E, assim, passados sessenta e um anos daquela memorável noite, aqui estou e, de tal forma radicado que, participando de todas as atividades locais, por quatro legislaturas fui vereador da cidade, advogado desde a instalação da comarca, após haver feito cursos de pós-graduação e, devidamente credenciado pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura), desempenhar as funções de Professor Titular das Cadeiras de Teoria Geral do Estado, Sociologia e Direito Administrativo nas Faculdades Integradas de Guarulhos (Unimec) e Universidade de Guarulhos.

Membro das Academias de Letras de Guarulhos (patrono João Gualberto de Oliveira), Academia de Letras de Campos do Jordão (patrono Emílio Moura) e da Real Academia de Letras de Porto Alegre (RS) (patrono Mário Quintana).

Autor dos livros Inverno de Fogo, Guarulhos, O Estado e a Constituinte, Pelas Estradas do Mundo, Nos Mata-Burros da Minha Estrada, Quando o Sereno Cair, Vamos Conversar com Deus, O Enigma de Judas, Sempre é bom lembrar, Um Canto na Tarde que cai, O Instante Esquecido, Turbulência, Lembranças que não se apagam, Nos Caminhos do Senhor, Curso de Direito Administrativo, Igreja Matriz de Guarulhos, Amanhecer, Entardecer, Anoitecer, Um dia falaram que eu era um poeta, Quando a Tarde é de Sol, A Harpa Emudecida e O Mar das minhas ilusões, que está no prelo e será lançado no segundo semestre de 2011.

Pelas amizades frutificadas no curso da minha existência, rendo, também, uma homenagem àqueles amigos que, na convivência os nossos momentos comuns, jamais deixaram de ser proveitosos e eu, principalmente, sempre fui privilegiado nesses relacionamentos; deles usufruí as maiores benesses que o homem pode angariar, e só pude acrescentar aos meus instantes tumultuados, podendo finalizar

como Gandhi: não carrego comigo nenhum ressentimento, pois nunca ninguém me fez mal.

No evoluir dos meus oitenta e cinco anos, quanta água eu vi passar sob a minha ponte e, com todo esse cascatear, as minhas ilusões foram sendo levadas rio abaixo pela correnteza do veio d'água, como a flor carregada pelo leito do ribeirão ("e a fonte sonora e fria, com um sorriso zombador, por sobre a areia corria, corria, levando a flor" A fonte e a flor – Vicente de Carvalho) e, uma a uma, obumbradas no escurecer do passar dos anos...

No mar das minhas ilusões, elas se foram acomodando na impetuosidade dos ideais que se frustraram e, aquietadas, sem nenhum reclamo, entre as opacas paredes dos sentimentos que a alma foi deixando para trás...

Algumas delas se tornaram realidade, quando despertei-me do sonho em que foram arquitetadas para, esclarecidas ao mundo ao meu redor, pô-las em prática e eu não sei se posso responder que, na concretização do que eu sonhara, encontrei satisfatório resultado ao objetivo colimado.

Não me acovardando ante os percalços da vida, impávido, vaguei, enfrentando as marolas do meu tumultuoso mar, levando a palma que me serviu como trunfo a caracterizar os meus anseios.

### *CADA UM FAZ O QUE PODE*

Uma noite de verão, quando pelo calor não chega o sono, um dos velhos e tradicionais moradores da cidade ouviu lá fora, embaixo de uma das janelas do sobrado onde morava e que se abria para a rua, acordando o silêncio da noite já alta, uma melodia antiga, daquelas que, para o momento de agora, trazem consigo as saudades do passado

Acompanhando os gemidos clamorosos dos acordes de um pinho e o som de uma sanfona, o ruflar de um pandeiro e os xac-xacs de um

chocalho de contas, uma canção antiga que dizia saudades e disparava nas asas do zéfiro da noite rumo ao sem fim do pensamento como uma benção que descia e vinda das paragens do além.

Aquilo que a princípio parecia uma simples melodia, acompanhada pela harmonia das vozes e pelo murmuro queixume do violão, tornou-se, na esplendorosa canção da noite, ao que parecia, trazida por vozes celestiais que tangiam as suas harpas, cítaras e liras, para embalar o sono dos justos que viveram, na paz das suas consciências, os seus setenta anos profetizados pelo salmista no salmo 90, na própria mensagem de mundos ignotos que voltaram da memória do tempo a enlear os corações saudosos.

O morador do velho sobrado, para melhor sentir a doçura do momento, apagou todas as luzes da casa e, no silêncio da sua intimidade pôde, embevecido, apreciar da janela então aberta, a grandeza do espetáculo que lhe proporcionavam aqueles anônimos artistas improvisados.

Lá fora um grupo de amigos já maduros, lhe rendiam a homenagem do seu genetríaco, que ele já nem se lembrava, numa serenata que lhe trazia as lembranças saudosas dos momentos de outrora.

Absorto nos pensamentos ressurgidos, uma pirâmide de saudades lhe trouxe gratas e sentimentais lembranças e ele viu desfilarem ante os olhos das reminiscências, imagens da mocidade que a velhice, muitas vezes já esquecera.

E pôde vislumbrar, sob a luz pálida das lâmpadas da rua e o olhar romântico e arregalado de uma lua cheia, que mais parecia extasiado também a contemplar o espetáculo, um grupo de velhos amigos, que transformaram o lirismo e a quietude da noite, na voz estraçalhada da saudade de outros tempos, querendo reviver momentos de deleite que ficaram para trás e se perderam nas curvas das estradas do mundo e poeira do tempo.

Álvaro Mesquita, teclando o seu acordeon, arrancava do fole, que parecia chorar na noite, a doce melodia de “chão de estrelas”,

enquanto Fernando Giacomini e João Pietro machucavam nas cordas do pinho, o silêncio misterioso da hora, acompanhando os acordes da música que o tempo cada vez mais consagra na beleza que não tem rival, pois como feita na própria inspiração dos deuses. Chakibi Namur, Fernando Braga, Caetano Marques e Clair Teixeira Martins formaram o quarteto dos violinos que choravam as saudades pretéritas no mistério da noite estrelada. Mais ao lado dos quatro do violão, estava o Agnello Trama com o seu bandolim choroso, e o Alfredo do 1º Cartório com a sua flauta como querendo no assopro, que lhe arrancava sonoridades, expelir da própria alma os sentimentos de ternura com que alimentava a saudade do próprio coração.

Aos poucos, as janelas vizinhas iam-se abrindo e cabeças de todas as idades, aureoladas pelo encantamento, assomavam às janelas, aumentando mais e mais os assistentes e ouvintes para os quais, como que do próprio céu, os sons melífluos vinham descendo e tomando conta do misterioso silêncio daquela noite.

Um dia, um pugilo de artistas anônimos e esquecidos, sob a inspiração de Álvaro Mesquita, entendeu não mais guardar no âmago, a ingente beleza de músicas tradutoras do encantamento, da alma e fazer delas o embevecimento de outras almas recolhidas no peito já descrente e guardadas no silêncio.

Recolheu o grupo de amigos e, então, com eles, lembrou-se de comemorar o aniversário. Fora aquela, da sua vida, a grande e maior homenagem que recebera e, com lágrimas da emoção, reviveu, com eles, os dias que ficaram lá atrás e que já pareciam perdidos na poeira do tempo.

No grupo não havia nenhum profissional da música ou do canto e, como todos eram maduros da idade, o homenageado intitulou-os, carinhosamente, de o conjunto cada um faz o que pode.

E foi assim que, de uma homenagem a um amigo velho, nasceu, para alegria da terra dos guarus, numa noite de verão, beijada pelo luar, o conjunto de saudosistas que, tangendo instrumentos de ontem

e relembrando melodias que ficaram no tempo, despertavam nos amigos encanecidos as saudades e lembranças dos dias que se foram.

E o conjunto ficou mesmo chamado “cada um faz o que pode”. A única paga que quiseram receber, pelas serenatas que fizeram, foi o sorriso da alegria estampada nos olhos e nas faces das pessoas a quem homenageavam.

O conjunto cada um faz o que pode conquistou fama na cidade e, em pouco tempo, era assunto em todas as rodas, mormente quando se tratasse de música, instrumentos musicais ou cantatas.

Os saudosistas queriam conhecer o conjunto que fez nome, dava prestígio aos seus componentes, pouco a pouco, iam adquirindo ares de artistas e até apelidos artísticos e não faltavam elementos que quisessem nele ser integrados.

Impossível se me torna precisar o tempo de existência do “cada um faz o que pode”. Entretanto, posso dizer que era formado de homens maduros que foram, pouco a pouco desaparecendo e, a medida em que ia diminuindo, diluía-se também na voragem do tempo.

Hoje, apenas a saudade resta da lembrança, do conjunto e de seus componentes, a pálida reminiscência das suas noites de ternura.

Aos que já morreram, que tenham encontrado lá no além um conjunto do qual possam participar e aos que ainda estão aqui, que possam, no relicário das reminiscências, memorar de vez em quando as noitadas de serenatas cuja saudade não lhes destruiu a lembrança e, finalmente, a nós outros que pudemos sentir as sonoras apresentações daqueles velhos jovens, que elas não se percam na voragem do tempo. E, a mim, que tentei nestes escritos traduzir a linguagem lírica daqueles sonhadores, só espero ter descrito, embora em pálidas visões, o que eles sonharam fazer e o fizeram.

*Cada um faz o que pode...*



**GIL CAMPOS DE FARIAS**

**A MAGIA DO PICADEIRO**

No final de década de 80, entrei para uma companhia de teatro e fiz o meu primeiro trabalho na peça infantil O País Que Era Azul, do importante dramaturgo Álvaro Fernandes. Eu era o protagonista Cacau, um garoto de 9 anos que lutava contra a ditadura de um monarca. Participamos de festivais, inclusive o famoso de Resende (RJ). Não fomos premiados, mas o trabalho foi muito aplaudido. E mais do que isso, senti a energia dos palcos, nunca antes experimentada em minha vida.

Muitos anos depois, fui ao espetáculo do Circo Spacial, em Guarulhos, e minha vida mudou. Em um camarote, assistia animado aos trapezistas, ao ilusionista, aos malabaristas, às bailarinas, ao equilibrista, ao mesmo instante em que voltava à infância, quando meus pais me levavam aos espetáculos do Circo Orlando Orfeu, sempre armado no Açude Novo, em Campina Grande, na Paraíba. Ficava fascinado com o forte leão submisso ao frágil domador. Mas me assustava mesmo era com o barulho e os riscos do “globo da morte”, preenchido por loucos motociclistas.

Cada atração do Circo Spacial me emocionava naquela tarde de domingo, até que o palco foi ocupado pelo Palhaço Pingolé. As gargalhadas explodiam sob a lona a cada ação de Pingolé e da trupe. Em determinado momento, ele pediu a participação do público. Queria um casal. “Um menino e uma menina grandinhos”, gritava. Até que me olhou, apontou e sentenciou: “Você!”. Me assustei: “Eu?”. “É, você!”, o artista circense estava irredutível. Ainda olhei para trás com a esperança de ter uma criança às costas e, assim, a

certeza de que a distância do picadeiro com a minha cadeira pudesse ser o motivo da confusão.

“Meu filho, é você mesmo!”, ratificou Pingolé. Eu vestia camiseta e bermuda, tênis e boné. Pelas vestes e por minha altura, talvez tenha pensado que eu era o “menino grandinho” de que precisava para a continuidade do espetáculo. Minha filha Caroline só faltava entrar em convulsão de tanto rir. Todo o respeitável público me olhando. Um tanto alvoroçado me dirigi ao palhaço. Mas, ali, no centro do picadeiro, senti a verdadeira magia do circo.

A sensação era de liberdade, da mais pura arte; a arte milenar dos nossos antepassados, que nos circos mambembes, há 400 anos, levavam alegria aos lugarejos onde passavam. Também senti uma alegria contagiante, um calor humano incrível e a certeza de que ali estava em um outro mundo, provavelmente, já vivido por mim em outra reencarnação.

Retornei “para casa”, ou melhor, ao Circo Spacial, dias depois, para uma reportagem e das mãos do palhaço Buguinha fui maquiado. Me transformei em um eterno palhaço e aquele foi um dos momentos mais inesquecíveis da minha existência. Os palcos que me perdoem, mas o picadeiro marca mais a alma!

## CEGUEIRA

Sinto o odor da minh'alma putrefacta,  
a pele se dilacera entre os vermes,  
da boca o fel enegrece  
e o olhar pouco a pouco perece.  
Meus olhos carcomidos pela ceratocone  
fazem da luz uma contagem regressiva.  
Que me resta esperar do futuro,  
além de uma bengala, de um cão guia,  
do dia eternamente escuro?

Por falar em cão, terei eu  
que aguçar o faro  
para sentir o perfume das mulheres amadas  
sem ter medo de errar as marcas.  
E com as mãos – ora, simplesmente com as mãos!  
– colocar  
em prática minhas taras.

Enquanto cego não estiver,  
continuarei lendo Augusto dos Anjos, Kafka,  
Ferreira Goulart, Lorca, Vinícius, Drummond...  
Serei sempre um poeta que bate à porta da  
minha solidão  
e que acorda todos os dias vibrando  
com o sol queimando minhas retinas.

Quando cego eu estiver, continuarei sendo  
um poeta dentro da minha própria solidão.  
Viverei cada momento segurando em tua mão  
por medo de cair no quarto, por medo de cair na rua,  
por medo de cair no chão...  
Simplesmente aguardarei morrer no íntimo  
da minha eterna escuridão.

**TUA SAIA JEANS**

Adorei tua saia jeans  
por ela deixar à mostra  
tuas belas e deliciosas coxas,  
que me fazem delirar  
e fantasiar mil cousas.

Adorei tua saia jeans  
pois ela esconde dos olhos mortais  
aquilo que é um verdadeiro tesouro,  
imaginado, aguardado e desejado  
tal qual o mais puro ouro.

Adorei tua saia jeans,  
que te deixa com corpo de mulher  
e ar de menina travessa,  
me fazendo sonhar te amando,  
devagarzinho, sem pressa.

Queria eu arrancar tua saia jeans  
depois de ter tomado várias doses de gim,  
sugar teus seios com você por cima de mim  
lamber tuas coxas acomodado no coxim  
e te fazer gozar eternamente até o fim.

**A "COLA" E O SEIO DE DONA NICA**

Dia de prova na escola. Não há nada parecido. Não existe outro dia em que os alunos prestam mais atenção ao professor. Até os mais estudiosos, que sempre foram exemplos para os colegas, não fogem à regra: "colam". Coxas, braços, carteiras, réguas, borrachas. Em todos os locais sempre se encontram alguns "lembretes".

Quando cheguei à universidade, achei que a "cola" iria pesar na consciência dos colegas, e até na minha! Afinal de contas, eram universitários que estavam em sala de aula, ou seja, pessoas conscientes. Engano.

Me deparei com estudantes tarimbados e muito mais talentosos na "arte de colar" (alguém prefere chamar "filar"). A "cola" estava mais profissional. Mas, nos dois casos – secundaristas e universitários – a tensão é a mesma: taquicardia a cada aproximação do professor, apreensão nos olhares, mãos suando, movimentos rápidos sob a carteira e uma surpreendente atenção voltada "ao mestre com carinho".

Esta é apenas a introdução de uma história que acompanhei quando estava no ônibus São Paulo/Tietê que me levaria de Guarulhos, após mais um dia de trabalho, para a zona norte de São Paulo. No trajeto, uma turma sorridente pediu parada. Observei se tratar de estudantes. A demora para subir no coletivo me fez esquivar a cabeça. Uma senhora era ajudada pelos mais jovens a ter acesso ao interior do "busão".

O que mais me chamou a atenção e me emocionou foi que a senhora trazia nos braços livros e um caderno tendo na capa o astro da meninada, o vampiro "americanalhado" Edward, da série Crepúsculo. Todos sorriam, mas ela não dava uma só palavra.

Aquela mulher era dona Nica. Há 40 anos, quando casou, parou de estudar. Naquela época, tinha quase 20 anos. O marido a proibiu de frequentar a escola. Hoje, para fugir da saudade que o estado de viuvez lhe traz, resolveu – com coragem – retomar os estudos.

– Dona Nica, não fica triste não. Isso acontece, dizia uma colega sorridente. As outras se "estouravam" em gargalhadas. Dona Nica calada estava e calada continuava. Na verdade, estava envergonhada.

– Conta como foi, dona Nica, implorava outra colega. Quando falava, dona Nica pedia para esquecer o assunto. Todos riam.





Não deu outra, teve uma ideia. Seu tirocínio veio à tona. Agora pretendia se vingar do mosquito que o incomodara durante toda a réplica da acusação. Abriu a bolsa e de lá tirou com cuidado, como fosse um pistoleiro extraindo do bisaco a espingarda com a qual iria cumprir o acerto feito pelo seu contratante, a raquete mata-mosquitos. Entregou-a para o pesado réu e ordenou-lhe com o dedo em riste: “mate aquele mosquito”.

João Gosto nada entendeu. Ninguém entendeu. Doutor Mauro não pensou duas vezes. Arrancou o objeto das mãos de seu cliente e partiu para cima do mosquito. O inseto voou para o lado os jurados. O advogado atrás dando raquetadas no ar e xingando as próximas gerações daquele bichinho de asas. O promotor se abaixou por trás da cadeira. Doutor Mauro subiu à mesa. “Te pego, filho da puta”. O alvoroço tomou conta do tribunal. “Corno safado, eu te pego”, gritava o causídico para o mosquito.

Quando o juiz decidiu tocar a sineta para tentar colocar a casa em ordem, doutor Mauro gritou: “Excelência, *data venia*, não faça isso. Fique imóvel, por favor. Não se mexa. Mais um minuto”. O mosquito tentou se esconder nos ralos fios de cabelo que caíam na testa do juiz. O magistrado fechou os olhos como se esperasse o pior. A raquetada no meio da testa o deixou zozado e com a marca da tela de aço desenhada no couro cabeludo. TAC TAC TAC. “Te peguei”. TAC TAC TAC TAC. “Morre desgraça”.

– Silêncio. Eu exijo silêncio. Nobre advogado, o senhor deve se explicar sob pena de ser preso neste momento por agressão e tumulto no tribunal, gritou o juiz ainda se recuperando da raquetada.

De peito e alma lavados – pois tinha fritado o pequeno inseto – e molhado de suor, o advogado foi enfático:

– Quero deixar claro a todos que o meu cliente nunca matou sequer uma mosca. (Olhando para os jurados) Vossas excelências viram como é difícil exterminar um simples mosquito. Rapidez e

vigor físico são deveras necessários. Meu cliente, nos seus 200 quilos, nunca poderia ter feito o que fiz e, a partir do que todos viram aqui, nunca teria tido condições de matar um homem que era conhecido pela sua magreza e agilidade, que era tão rápido como este defunto (apontava para o mosquito tostado na tela da raquete), e por isso era conhecido por Zezinho Ligeiro.

Alvoroço na plateia. “Ordem no tribunal”, gritou o juiz que ordenou a saída de todos do Tribunal do Júri para o início da votação. Horas depois, leu o veredicto. João Gordo fora absolvido por 7 a 0.

Doutor Mauro ratificou a fama de ser o melhor advogado da região e voltou para casa feliz com a sua raquete mata-mosquito.

*OBS. Qualquer ligação desta história com fatos da vida real é mera coincidência.*

### O ÚLTIMO DOS MALDITOS

Perdemos Paulo Patarra aos 74 anos. O último dos jornalistas malditos que revolucionou nossas redações morreu em 2008. Agonizou durante meses por causa de um câncer na garganta, descoberto no primeiro semestre do ano anterior, resultado de cerca de “1 milhão de cigarros fumados” – contas feitas por ele próprio – em 61 anos de tabagismo. Poucos fumaram e escreveram como este grande mestre.

No Hospital do Servidor Público do Estado de São Paulo, onde o conheci e o entrevistei para uma reportagem especial para a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), ele tomava injeções para aliviar os males que deixavam seu corpo cada vez mais frágil. No nosso primeiro contato, tomei uma injeção de amor ao jornalismo, de liderança, de crítica a tudo e a todos. Mesmo sem voz, roubada pela doença, sua língua continuava mais afiada.

Disse – ou melhor, escreveu – que “Victor Civita era um italiano mafioso”; que “jornalismo é transgressão” e “jornalista não é neutro”; que “jornalista não presta, de regra é isto”; que “jornalista precisa é saber ler” e “essa história de diploma é besteira”; que “faltam repórteres [nos dias de hoje]” e negou o título de “jornalista maldito”, surgido por conta de sua atuação comunista, em publicações que iam contra o *status quo*: “sou um transgressor bendito”, contra-atacou.

Patarra era ateu convicto. Militou no PCB e foi o criador de grandes publicações da imprensa brasileira. Na década de 1960, lançou a Revista Realidade, que, poucos antes de estourar o AI-5, trouxe na capa Luís Carlos Prestes. A matéria lhe rendeu o Prêmio Esso de Jornalismo e vários dias escondido dos militares em um hotel no Guarujá.

Como diretor da revista, mandou o repórter Zé Hamilton Ribeiro para o Vietnã, de onde ele escreveu a maior reportagem de sua vida, mesmo tendo perdido uma das pernas ao pisar numa mina. Patarra foi diretor da “Quatro Rodas”, considerada por ele o embrião de a Realidade. Também atuou na TV Globo, no SBT e em inúmeros outros veículos. Deu aulas de jornalismo. Gostava de lembrar quando foi expulso da Cásper Líbero por encabeçar uma greve na época de estudante. Era deveras controverso.

Não gostava de computadores. Muito menos de telefone. Criticou até o final de sua vida as entrevistas por telefone. Sempre lhe doeu o repórter ter perdido o contato com o povo. Até para checar um nome, ia pessoalmente à fonte. Bom bebedor, apreciava doses duplas de uísque. Depois de uma pancreatite, descobriu o vinho. Mas o cigarro sempre foi seu maior companheiro na solidão das movimentadas redações.

Imagino a chegada de P.Pat ao céu. Ou ao inferno. No bucólico céu, sairia todo de branco, segurando bloco e caneta, perguntando a um ou outro anjinho onde encontraria um homem cabeludo e barbudo. Diante deste, pediria sua certidão de nascimento. Ainda

incrédulo, pediria para ver as cicatrizes de suas chagas. Exigiria ainda um milagre. E o escolheria: o de transformar água em vinho. Era vê para crer e registrar. Já no inferno, iria se sentir em casa. Acenderia um cigarro, tomaria uma, duas, três doses de Old Eight e procuraria a redação mais próxima para lançar uma revista.

Nosso último encontro foi em seu apartamento, enfeitado de fotos de Fidel Castro, de Henfil e bandeiras comunistas. Passeamos pelas ruas do bairro, fomos a uma padaria tomar café no final de tarde. Desejava uma taça de vinho. Seus olhos falavam. Os palavrões eram lidos dos seus lábios a todo instante. E escreveu que o câncer não iria derrubá-lo. “Simplesmente, poderia matá-lo”.

P.Pat dispensou qualquer tipo de formalidades fúnebres. Nada de velório, choro, velas e, muito menos, crucifixo. Preferiu entregar seu corpo para estudos na Faculdade de Medicina da USP. Coisas de nosso velho comunista!

### O VELHO ZILLER

Era metade da década de 1930. Dona Rita pariu um menino. Desde cedo, a pequena criatura já demonstrava gênio forte e certa intolerância. Na hora de mamar, escolhia o peito. Se fosse dia do direito, não adiantava lhe empurrar o esquerdo. Ele gritava e se esticava todinho, cerrando os punhos que chegavam a ficar roxos.

Diante da menor insistência, mordida com força o bico intumescido e rejeitado, o que levava a pobre mulher a ver as Três Marias, a Cruzeiro do Sul, a de Orion, a Pégasus e tantas outras constelações.

– Deus me perdoe, mas esse menino parece que tem o diabo no couro, dizia a mãe tentando rebuscar no passado algum pecado “cabeludo” que tivesse cometido por parir ser tão genioso.

Quando deu os primeiros passos, poucos objetos frágeis ficaram intactos. Nem o próprio pai Hugo sabia o que fazer. Costumava fazer gargarejo com sal grosso para limpar as cordas vocais que pareciam, não raro, inflamadas de tanto gritar com o rebento.

Nas ruas de Santana, na zona norte de São Paulo onde nasceu, se envolvia em brigas com os colegas. A criatura tinha personalidade forte e não costumava levar desaforos para casa. Ora batia, ora apanhava. Mas era valente e não temia nem mesmo os mais valentes. Afinal, era também temido quando se envolvia nas desavenças infantis.

No futebol, sua maior paixão, chamava para a briga quem dissesse ser ele um perna-de-pau. Ainda na infância, conheceu o Palestra Itália e o escolheu como time de coração. A paixão fez com que desenvolvesse aversão a corinthianos. Os outros times ele tolerava, mas quando se tratava do arquirrival do Palmeiras, virava um bicho. Aliás, um bicho provocativo.

Quando adulto não contava as horas de assistir pela tevê o Palmeiras jogar às quartas-feiras e, às vezes, aos domingos. Como não gostava de usar relógio, dia de jogo fazia com que ele saísse perguntando a quem encontrasse as horas, pois queria preparar suas doses de vodka, anos mais tarde de cerveja sem álcool, para ver o Verdão jogar. Quando o time do Parque Antarctica ganhava, era sinônimo de bom humor durante todo o dia seguinte.

Ainda na infância, o filho de dona Rita e “seu” Hugo já apresentava dificuldades em lidar com a fé. Queria conhecer esse tal de Deus de que o povo tanto falava. É provável que, nesta fase, tenha feito alguns pedidos a Ele, como, por exemplo, escapar das broncas do pai ou das palmadas da mãe. Como nunca foi atendido, desacreditou-se totalmente. Costumava dizer que “o Ateísmo é uma opção absolutamente válida e não crer é um direito do cidadão que, não acreditando, não estará impedido de ser um cidadão exemplar”.

Também nunca aprendeu a orar. Escreveu que “se orar resolvesse problemas físico-naturais (...) o sertão do Nordeste seria

um paraíso verdejante, pujante e vivaz, com rios perenes, água aos borbotões, com a economia agrícola em pleno desenvolvimento, a pecuária em progressão magnífica com reses fortes e gordas e não como em realidade é (...)”.

As letras teriam entrado em sua vida ainda pequeno, quando teve contato com os jornais que sua mãe trazia do açougue protegendo os pedaços de carne que seriam preparados para o almoço. Logo, se transformou em um apaixonado pela poesia, pela literatura. Descobriu, na ocasião, um novo e revolucionário mundo. Ao aprender a ler, sabia que poderia colocar suas ideias para o mundo. Assim o fez.

Veio a adolescência e, com ela, as mulheres. Era um machista apaixonado. Não confiava muito no sexo feminino. Para ele, as mulheres tinham como forte aliada a tal da famigerada pensão alimentícia e que, muitas delas, “desejando um filho, escolhem a dedo o futuro pai para lhe armar uma arapuca”. Mesmo assim, nunca deixou de ser mulherengo. Mas quando o assunto era dinheiro, não havia musa que o fizesse se dobrar.

Resolveu ser professor tempos depois de ser arquivista da antiga Mesbla. Destacou-se como diretor de escola e pela sua preocupação com a educação, o que chamou a atenção do prefeito Néfi Tales, que convidou para ser o secretário de Educação de Guarulhos.

O forte gênio que trazia das fraldas, ele também levou para o Paço Municipal. Se irritava profundamente com a classe política da cidade. Numa briga com o vereador Edson David, ex-jogador do Flamengo de Guarulhos, foi à imprensa para lhe dar um recado: “um dia houve um que era genial... matou até um gigante. Mas o senhor como vereador, até o momento, tem demonstrado ser um razoável jogador de futebol”.

Com outros, também foi irônico nas páginas dos jornais da cidade: “ora, senhores, insígnies, nobres e inteligentes vereadores. Existe um tubérculo para ser plantado e os senhores têm vasto tempo ocioso. Se, entretanto, não quiserem, venham ao gabinete deste

secretário, que trabalho de 10 a 12 horas diárias e também nos fins de semana (sem ganhar horas extras e 10%) e fiquem comodamente sentados. Olhando o desenrolar das nossas atividades, talvez os senhores aprendam alguma coisa. Eu não me incomodarei”.

Sua coragem, valentia e destreza não tinham tamanho, apesar dele, fisicamente, ter apenas um metro e sessenta de altura. Só faltava ser imortal. No dia 8 de dezembro de 1978, com um grupo de intelectuais formado por Gasparino José Romão, Laerte Romualdo dos Santos, Ary Baddini Tavares, Adolfo Vasconcelos Noronha, Norlândio Meirelles de Almeida, João Ranali, Flávio Cleto Giovanni Trombetti, Aristides Castelo Hanssen, Oscar Gonçalves, Hildebrando de Arruda Cotrim, Onofre Leite, Sílvio Ourique Fragoso, Geraldo Penteadado de Queiróz e Néfi Tales, ele fundou a Academia Guarulhense de Letras. Agora, não faltava mais nada. Ele já era imortal.

A vida lhe trouxe amigos, mas também inimigos. Lhe trouxe prazeres, como o prazer de comer bem (adorava uma suculenta feijoada ou uma gorda e temperada rabada), mas também a doença.

No dia 24 de maio de 2006, Milton Luiz Ziller foi encontrado pela manhã em sua cama, sentado, desfalecido, com um livro aberto entre as pernas. Horas depois, morreu vítima de choque cardiogênico, miocardiopatia vascular, insuficiência respiratória aguda, hipertensão e câncer no rim esquerdo.

Meu patrono, um ateu convicto, morreu mas não antes de conhecer em sua estadia neste plano terrestre, o Deus que ele tanto renegou. E ele (Milton Ziller) próprio escreveu no livro publicado por este Sodalício, em março de 1980: “Deus – Trinta anos levei/ em descrença sórdida/Mas eu O encontrei”.



## ISABEL BORAZANIAN MACEDO DE OLIVEIRA

### FORÇA MÁGICA

Força Mágica do Universo  
Que faz fluir os meus versos  
Que me embala em bem querer  
Força Mágica Divina  
Que me acalma e me ilumina  
Que fortalece o meu viver  
Força Mágica que reluz  
A essência do Amor que conduz  
Que eu possa ser amparada  
Com o brilho de sua Luz

### A GALINHA

A galinha do vizinho  
botava ovo  
e não era amarelinho  
A galinha do vizinho  
era muito engraçada  
pulava feito doida  
atrás da criançada  
Um dia sem querer  
A galinha até falou

Em vez de só cacarejar  
 Uma música inventou  
 Có, Có, Có eu vou dançar  
 Numa perna só  
 Có, Có, Có eu vou cantar  
 dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó  
 Có, Có, Có eu vou pular  
 foliar com alegria  
 Vou pular com a criançada  
 Dia e noite, noite e dia.

### MEU BARQUINHO DE PAPEL

Meu barquinho de papel  
 Feito da folha do jornal  
 Foi construído com carinho  
 No fundo do meu quintal

Meu barquinho de papel  
 Que a folha dobrada virou  
 Foi navegando no rio  
 No rio que a chuva criou

Meu barquinho de papel  
 Na minha memória ficou  
 Ficou ancorado no tempo  
 No tempo que a vida formou

### SOMOS...

Somos fonte de desejos  
 desejos acesos, querereres  
 Somos fonte de querereres  
 querereres acesos, desejos  
 Somos desejos acesos  
 acesos, querereres, desejos  
 Somos sonhos libertos  
 querereres, desejos, concretos  
 Somos além das palavras  
 Somos aprendizizes na estrada  
 Somos fogo, somos terra  
 Somos ar, somos água  
 Somos...

### AMORES

Mergulho nas cores  
 Nas cores amores  
 Amores nas flores  
 Que eu recebi

São flores amores  
 Amores nas cores  
 Nas cores das flores  
 Que eu recebi

São cores, flores  
 São amores, cores  
 São flores, amores  
 Que um dia eu vivi

**PROCURA**

Na procura, procuro  
 Procuro a procura  
 Me procuro, procurando  
 Minha procura procurada  
 procuro...  
 Viro a página  
 encontro a folha  
 Me encontro  
 nos sentimentos, sentindo  
 o sentido das palavras...

**AMOR VERDADE**

Seus beijos são constantes em minha boca  
 onde a boca é minha e os beijos são seus  
 Meus beijos são constantes na sua boca  
 onde a boca é sua e os beijos são meus  
 Nossos beijos não são nossos...  
 Nossas bocas não são nossas...  
 Pois transcendem o estar, vão além de...  
 Seus olhos são fortes no meu sentir  
 onde seu ser é e existe  
 onde meu ser é e existo  
 Existe, existo, existimos  
 Existimos o amor maior  
 Nossas energias vibram em comunhão  
 onde o amor verdade é nosso  
 e forte se faz existir  
 Sua cadência em essência me conforta  
 e me transporto para o mundo fofo

da entrega, do ato, da ação  
 muito, muito além da razão  
 Seu jeito suave, feroso e amigo  
 me entorta, me enrosca, me atíça  
 e me encontro a voar em sentidos  
 mágicos e fortes  
 na magnitude do nosso amar  
 Vivendo e existindo o amor verdade  
 agradeço a força maior  
 que lançou o seu caminho  
 no meu caminhar...  
 Eu que te amo tanto...

**MEMÓRIAS DA EMOÇÃO**

São tantas as memórias  
 que a emoção carrega  
 que a vida nos entrega  
 como o amor e a ilusão...

São tantas as emoções  
 que a memória se entrega  
 e o sentimento alega  
 a vida, o sentir, o coração...

São tantos os sentidos  
 que na emoção passeiam  
 onde os pensamentos se enleiam  
 em momentos, nos sentimentos e na razão...

São tantos os momentos  
 vividos pelos sentidos

aglutinando-se na alma  
formando um todo  
e compondo sabiamente  
as memórias da emoção...

### **ABSORÇÃO**

A força divina  
se faz presente no universo  
O verdadeiro sentido da vida  
vive camuflado em receitas  
de falsas boas maneiras  
de falsos progressos  
de supostas riquezas e cortesias  
Mas a esperança é que:  
a semente verdadeira do viver  
não secou e nem sequer morreu  
Ela apenas dorme  
procurando um despertar.

### **MISTÉRIO**

Em cada canto do mundo  
Em cada forma de amar  
Em cada tempo da vida  
Em cada sol a raiar  
Em cada lua surgida  
Em cada expressão erguida  
Em cada tempo que há  
fica sempre escondido  
um mistério por contar



**JACQUES MIRANDA DE OLIVEIRA**

**SETE VERDADES SOBRE O SEU FUTURO**

**QUE TAL VOCÊ NO COMANDO DO SEU SUCESSO  
PESSOAL E PROFISSIONAL?**

*Você cria seu próprio universo ao longo do caminho.*

*Churchill (1894-1965)*

Certo dia, recebendo aqueles e-mails sem destinatário especificado, conhecidos modernamente como “spam”, percebi que muitas empresas oferecem treinamento para as pessoas se tornarem líderes. Estes treinamentos prometem que você vai ser alguém capaz de tomar conta de outras pessoas e com isso ganhar mais dinheiro, afinal, o chefe ganha mais!

Em um determinado momento, passei a perceber que boa parte das pessoas querem ser líderes. Tudo bem, você pode até ser um bom chefe com todas estas técnicas, mas, infelizmente, nem sempre estes tais líderes são capazes de liderar algo que aparentemente deveria ser bem simples: a sua própria vida.

Depois de chegar a esta conclusão, passei a escrever a respeito e buscar informações me aprofundando cada vez mais no assunto.

Uma das etapas da pesquisa estava em bombardear as pessoas com algumas perguntas, como, por exemplo: Você têm sonhado com o futuro? Sente que está realizando estes sonhos? Tem trabalhado muito e sentido algum progresso na sua vida? Caso esteja

alcançando seus objetivos, você consegue medir este seu sucesso? Aliás, pode definir o que é sucesso? Já pensou em desistir de ir atrás daquele sonho por achá-lo absolutamente impossível?

São perguntas difíceis de serem respondidas pela maior parte das pessoas. Mas se você conseguiu responder a elas facilmente, seguramente você está no comando de sua vida. Entretanto, se titubeou em algumas, chegou o momento de refletir acerca de seu futuro porque pode ser que você esteja fazendo coro com a música do Zeca Pagodinho: "...deixa a vida me levar, vida leva eu (sic)".

Algumas pessoas se sentem realmente como se estivessem em um barco à deriva, sem saber para onde ir. Como diz a célebre frase atribuída ao filósofo Sêneca "se você não sabe para onde ir, qualquer destino serve". É o seu caso?

Com isso, que tal assumir o comando do barco da sua vida? Eu digo barco porque é a melhor analogia possível para a nossa vida, e a literatura nos inspira com algumas belíssimas obras como as de Júlio Verne, cuja mais famosa é a Vinte Mil Léguas Submarinas, uma verdadeira epopeia pessoal num ambiente marinho, com desilusões, apegos, desapegos e até monstros. Para quem leu o livro, deve se lembrar das coisas impossíveis que passavam na mente do Capitão Nemo. Aliás, quem é capaz de acreditar em nossos sonhos a não ser nós mesmos? É assim que funciona.

Mas e a nossa vida? Será que a gente comete alguns erros? Sim, cometemos. E isso é triste, excitante e sobretudo uma ferramenta utilíssima para o aprendizado.

Bom, em função da pesquisa que foi feita com centenas de pessoas, de início somos capazes de dizer que não existe fórmula mágica para atingir o sucesso, mas podemos dizer o quanto é importante conviver com algumas verdades para que atinjamos os nossos objetivos e efetivamente tomemos as rédeas da nossa própria vida. Quer ver?

### **PRIMEIRA GRANDE VERDADE: SONHE. MAS DEDIQUE-SE MUITO.**

Nada acontece por acaso; tudo tem uma razão de ser. A realização de um sonho não acontece por mágica, porque mágica é ilusão. Quem acha que sonha num dia e acorda rico no dia seguinte, acha que fez mágica. Não existe mágica, existe ilusão. Ilusão é o combustível dos perdedores. É o que faz muitas gente deixar de lutar.

### **SEGUNDA GRANDE VERDADE: QUEM VIVE DE PASSADO É MUSEU.**

Quantas pessoas você conhece que vivem das coisas do passado? Adoram comentar -...em 1975 eu tinha um carro do ano. Viajei para os Estados Unidos. Comprei um "relógio de ouro. Era feliz, vivia dando presente para os amigos..."

E agora? Quem é esta pessoa? Uma pessoa que vive de ilusão, seguramente. Portanto, esqueça as coisas do passado porque o importante para nós é o que iremos fazer daqui para frente e apenas os erros são importantes para o aprendizado. O caminho é o mesmo mas a estrada mudou.

### **TERCEIRA GRANDE VERDADE: FALE E FAÇA.**

Quando lideramos as pessoas, costumamos dizer para elas o que é certo e o que é errado. Entretanto, nós mesmos não seguimos o que ensinamos. É o famoso "faça o que eu mando, mas não faça o que eu faço".

Acabou. Diga o que os outros tem que fazer e faça igual. Aprende-se mais com o exemplo do que com blá, blá, blá. As pessoas devem fazer o que você faz.

Para ilustrar, socorro-me das palavras do sábio Confúcio (551–479 aC), que nos deixou a seguinte epígrafe: “o que eu ouço, eu esqueço; o que eu vejo, eu lembro; o que eu faço, eu aprendo.

#### ***A QUARTA GRANDE VERDADE: SEJA VOCÊ MESMO***

Essa verdade é quase como um puxão de orelha.

Cada pessoa é única, sabemos. Todavia, ninguém pode ser diferente em cada ambiente que frequenta. No trabalho não pode ser uma pessoa, em casa não pode ser outra e nem uma terceira pessoa na comunidade. Não podemos ser desmontados. Nossos atributos reais e admiráveis devem ser mantidos em todos os ambientes. Sejamos proativos, éticos, cordiais, seguros, sérios, motivados, amorosos... em todos os lugares!

Se você é alguém que é um mau filho, não será um bom profissional, um bom amante da esposa, nem um bom pai também. Agora, se é um bom amante, pai, filho, não tem como não ser um bom profissional, aluno etc.

Tivemos contato com líderes comunitários extremamente solícitos e que não tinham uma boa postura em sua atividade acadêmica. Está errado. Posicione-se!

#### ***QUINTA GRANDE VERDADE: NÃO SE DEIXE INFLUENCIAR.***

Já ouviu falar em efeito manada? Quando alguém faz alguma coisa e todo mundo vai atrás sem saber ao certo o que aconteceu. No mundo animal já vimos aquelas imagens de elefantes correndo à toa. Quem não dá aquela paradinha para pensar comete o efeito manada, isto é, vai com as outras pessoas sem saber o porquê. Quantas vezes, nossos pais já disseram: cuidado com as más companhias!

Seguir a multidão fará com que a gente faça exatamente o que todo mundo está fazendo, nos influenciado pela mesmice. A transformação só acontece se fizermos diferente, de “caso pensado” e não por manada ou impulso.

É interessante como existe no nosso organismo algo que faz o nosso metabolismo reagir em função de determinados sentimentos, sejam eles felicidade, tristeza, calma, dó... Este “órgão” recebe essa informação e põe o nosso organismo para trabalhar, causando um efeito que reflete em todo o nosso corpo.

Estes sentimentos que aportam em nosso cérebro, lá no subterrâneo, podem trazer algumas consequências. Por certo, você pode começar a controlar estes impulsos negativos, usando técnicas de Neurolinguística, que abordaremos em outra ocasião, mas é importante evitar o contato com coisas ruins.

Existem pessoas que se aproximam de nós e às vezes são tão negativas que acabam com o nosso dia. Estas pessoas nos fazem tão mal que até nos sentimos culpados pelos seus próprios problemas, pelo seu fracasso. É tão complicado que você chega em casa e conta para sua esposa que também fica triste, contaminada. Um clima de baixo astral geral.

Sigamos o conselho dos nossos pais (mais um!): diga-me com quem andas, que eu direi quem és.

#### ***SEXTA GRANDE VERDADE: PLANTE COISAS BOAS EM SUA MENTE***

Será que a gente consegue comandar nossas ações quando a vida não está bem ou o salário está ruim? Os negócios não estão indo bem e em casa todos estão em pé de guerra? É difícil, sabemos.

Mas é nesse momento de dificuldade que a gente deve plantar a semente da prosperidade. É nesse momento que a gente tem que

começar a pensar em coisas boas, porque senão a gente segue e deixa a vida levar a gente. Sem rumo.

O raciocínio é o seguinte: quanto pior for a realidade, mais devemos desenhar fatos benéficos na nossa mente. Quanto mais complicado for a realidade, menos catastróficos nós temos que ser. Nós precisamos pensar em fatos bons: daqui a pouco isso vai passar, nós vamos ter tempo para resolver. Porque se você não pensar dessa forma só vai lhe sobrar o pensar ruim, e o ruim atrai o ruim.

A semente da prosperidade também deverá ser plantada no solo mental quando a prosperidade não exista. Quando você estiver numa situação muito dura, você tem que pensar e raciocinar num ponto de equilíbrio. Que vai melhorar, que aquilo vai mudar a sua vida.

Portanto, o primeiro passo para a realização da prosperidade consiste na aplicação desta lei mental. Se você tem um momento de dificuldade e pensa só na dificuldade, então você está semeando a dificuldade. Portanto, você tem que semear a prosperidade em todas as circunstâncias!

Você já ouviu falar que pessoas ficam doentes por stress? Que ficam doentes por conta de rancores, ódios? Existe um livro de autoria de Louise Hay chamado "Você Pode Curar Sua Vida", no qual a autora elenca uma série de doenças causadas por circunstâncias externas. Em uma destas passagens, ela explica uma situação de cura de uma pessoa que estava com gânglios em várias partes do corpo por conta de um rancor; uma raiva que tinha de um parente.

Rancor é a coisa mais maluca que existe; é algo muito insano! Ficar com rancor é a mesma coisa que você tomar veneno e esperar que a outra pessoa morra. Se você nutre rancor por alguma coisa que alguém lhe fez e essa pessoa não sabe, isso irá consumi-lo por dentro e pode causar uma úlcera, uma gastrite. Você toma o veneno achando que ela vai morrer e quem morre é você.

*O bem atrai o bem. O mal atrai o mal.*

### **SÉTIMA GRANDE VERDADE: A FELICIDADE COMO META**

O que buscamos para liderar nossa vida? Qual o nosso maior bem? Sim, a felicidade! Todos devemos querer isto em primeiro lugar a tudo que existe de material.

Um recente estudo apontou para algumas características das pessoas de sucesso. Alguns destes atributos são típicos da vida contemporânea; essa loucura que é o nosso dia a dia, tais como a capacidade de comunicação, de dominar o seu tempo, ser ousado, criativo, proativo...

Deste estudo, uma característica chamou a atenção: a felicidade como meta. Todos eles se consideravam sonhadores e buscavam a felicidade nestes momentos como se fosse uma experiência holográfica, na qual você se vê de cima.

Quem sonha e almeja a felicidade, almeja o mesmo sentimento que sentiu Michelangelo ao passar 16 anos pintando a Capela Sistina sem ganhar um único tostão; o sentimento do homem quando pisou na lua; quando nasceu seu filho, quando você se formou.

Felicidade é tudo o que podemos associar a bons sentimentos, e é ainda mais simples do que se imagina: felicidade é o amanhecer; o anoitecer. O beijo na sua filha, no seu filho, na sua amada. Um elogio; uma palavra de carinho que você dá e recebe.

Felicidade é viver plenamente e sentir o dom da vida. Felicidade está mais na maneira como você reage aos acontecimentos e não no acontecimento em si.

Essa é a meta para sua vida e o fará sempre estar no controle, no comando.

*Aceite estas verdades como desafio de sua vida. Que tal agora?*

*Está pronto para sonhar? Para liderar seu futuro de verdade?*

*Bem-vindo à sua nova vida.*

*Um abraço do amigo Jacques Miranda!*

Jacques Miranda é escritor, empresário, professor universitário e membro da Academia Guarulhense de Letras desde 2009. Autor de vários livros, é mestre em Semiótica, Tecnologia da Informação e Educação.

Mantém um blog no endereço - [www.jacquesmiranda.com.br](http://www.jacquesmiranda.com.br).

Twitter: @jacmiranda.

Facebook: [www.facebook.com/jacquesmiranda](http://www.facebook.com/jacquesmiranda).



**JOÃO BOSCO MACIEL**

**SAGA DE UM SOLDADINHO DE CHUMBO**

### **CAPÍTULO I – PRÓLOGO**

Troika era uma cidade de brinquedo. Era tranquila. Uma tranquilidade que se devia ao jeito simples de seu povo. Um povo que se preocupava apenas com as ciências e as artes. Nunca iam à guerra, pois seu rei, o menino Heitor, tinha a habilidade do diálogo. E este comportamento se projetava por todos habitantes da cidade. A família do rei era uma família simples. Seu pai Príamo, era um alquimista. Foi ele o construtor da ‘pedra filosofal’. Sua criação tinha poderes tão valioso, que chegaram a tratá-la de ‘elixir da longa vida’. Hécuba, sua mãe, por ser muito trabalhadeira, ajudava seu marido como ‘Vendedora de flores’, e de ‘pão de mel’. Já Políodoro, seu irmão mais velho, era um rapaz muito inteligente, formado em química farmacêutica. Páris, o irmão mais novo, era um menino voltado às artes, exímio tocador de gaita.

Até que um dia Troika perdeu esta tranquilidade. É que, vindos da Grécia, uma esquadra de mil barquinhos de papel, comandada pelo menino Aquiles, aportou na cidade. Queriam, após a invasão, levar consigo a ‘pedra filosofal’.

### **CAPÍTULO II – A DECLARAÇÃO**

E três dias após o desembarque, Aquiles foi ao portal da cidade para avisar Heitor de sua intenção:

#### CAPÍTULO IV – A PERGUNTA DE AQUILES

Ao longe se via um relógio fixado na torre mais alta de um dos castelos da cidade marcando nove horas e cinquenta e nove minutos daquela manhã ensolarada. E de pé sobre a torre, via-se Cronos, o Titã, que, com o ar severo de um juiz, segurava na mão direita um cronômetro. Esperava apenas o momento em que Aquiles proferisse a fatídica pergunta para disparar sua pequena máquina de controlar o tempo. E sem mais delongas, às dez horas em ponto, de cima do cavaleiro de chumbo, Aquiles, em voz alta e estridente, faz a pergunta:

“C O M QUÊÊÊÊÊ?????????????”

No mesmo instante, Cronos disparou seu cronômetro, determinando, assim, o início de uma jornada. Jornada que tinha como figura central o soldadinho de chumbo – responsável pela missão de levar a mensagem a Heitor - cujo sucesso ou fracasso, implicaria a posse da ‘pedra filosofal’.

#### CAPÍTULO V – A IMOBILIDADE

E logo todas as atenções se voltaram para o soldadinho de chumbo, que estava impassível à direita de Aquiles. Era a expectativa de que ele iniciasse a marcha rumo a Heitor, carregando a importante mensagem. Mas nada acontecia. Parado estava, parado ficou. Foi quando Príamo, o pai, quase em desespero, gritou para o filho Heitor:

“Filho, o soldadinho nem se move! Parece uma estatuazinha. E o tempo já está correndo! O que devemos fazer?”

... E Cronos – que controlava o tempo - não precisava de cone de cartolina para se comunicar, pois tinha a voz grave como um trovão. E de cima da torre, com ar imponente, intercedeu:

“...E já se passaram cinco minutos !!!”

Heitor, montado em seu cavaleiro de argila, agora preocupado com seu pai que precisava de uma orientação, logo intervém:

*“Primeiro é necessário que vocês – meu pai, minha mãe, e meus irmãos - vão até onde está o soldadinho e permaneçam junto dele. A partir de agora, ele irá precisar muito da ajuda de vocês”*

Então, cada um pegou seu cone de cartolina – que a partir de agora utilizariam para facilitar a comunicação - e se dirigiram até onde estava o soldadinho. Ele, por sua vez, permanecia de pé, parado, sem esboçar nenhum sinal de vida. Foi quando Heitor começou a orientar Príamo, demonstrando em palavras muita sabedoria.

*“Pai, como todos sabem, é o senhor o criador da ‘pedra filosofal’, que nasceu de seu poder de manipular as energias da matéria através do contato. E o tato é um dos sentidos mais adequados às conduções energéticas. Por isso, impõe-se que, com sua mão, toque o coração do soldadinho, buscando provê-lo de vida humana”.*

Príamo, ainda surpreso com a sugestão de seu filho, coloca suavemente a mão direita sobre o peito do soldadinho. E depois de alguns segundos, seu coraçãozinho começou a pulsar. Em seguida, o soldadinho começou a se mover suavemente, mexendo a cabeça para os lados, como querendo se localizar.

## CAPÍTULO VI – A MARCHA EM CÍRCULOS

Em seguida, começou a marchar em círculos. Isto levou a mãe de Heitor, Hécuba após algum tempo, a se manifestar em tom de preocupação;

*“Heitor, o soldadinho precisa marchar em linha reta e em sua direção. Marchando em círculos, jamais cumprirá seu objetivo, que é lhe entregar a fatídica mensagem. E sem ela, sua resposta se tornará quase impossível.”*

Então ouviu-se a voz grave de Cronos, em tom de advertência:

*“Devo avisar-lhes que meu cronômetro já marca o tempo corrido de quarenta e cinco minutos”.*

Rapidamente Heitor se dirige a seu irmão Páris, passando orientações que colocariam o soldadinho finalmente no rumo certo, dizendo:

*“Páris, oriente-o pela audição. Soldadinhos de chumbo quando ganham vida são como gatinhos, demoram um tempo para abrir os olhos, por isso, utilize sua audição. Seus ouvidos são sensíveis à música. Ajude-o com sua gaita. Toque sem parar, indicando para ele o caminho que deve seguir.”*

E Páris, imediatamente começou a tocar seu instrumento. No mesmo instante, o soldadinho começou a mudar sua rota, deixando de marchar em círculos, começando a marchar em linha reta, sempre seguindo o som melodioso do menino da gaita, que seguia à sua frente.

## CAPÍTULO VII – A PARADA

E o tempo foi passando. E o soldadinho a passos firmes marchando, marchando, marchando... E logo atrás, vinham Príamo, Hécuba e Políodoro acompanhando. E assim foi durante toda a manhã. E também toda a tarde, até o sol começar a se esconder no horizonte, dourando o céu de vermelho. Chegou o escuro da noite. Até que em determinado momento, ouviu-se novamente a voz grave de Cronos:

*“Este dia está quase no fim. Faltam cinco minutos para a meia-noite. Treze horas e cinquenta e cinco minutos já se passaram e dois mil e quinhentos centímetros (dois metro e meio) já foram percorridos. Pelos meus cálculos, neste ritmo, em mais quatro horas e cinco minutos o soldadinho chegará a seu destino, cumprindo assim uma jornada de dezoito horas. Sinto-me na obrigação de lembrá-los de que o tempo marcado para o cumprimento da missão é de vinte quatro horas. Nem mais nem menos.”*

As palavras de Cronos trouxeram pânico a todos os que acompanhavam o soldadinho em sua difícil missão. Todos perceberam que era imperioso que o soldadinho parasse de marchar por seis horas, caso contrário, Heitor estaria recebendo a mensagem muito antes das vinte quatro horas que o acordo estabelecia, levando todos ao fracasso, o que determinaria para Troika a perda da ‘Pedra filosofal’. Foi quando Príamo, demonstrando impaciência, pediu ao filho que o orientasse diante deste novo obstáculo.

*“Heitor, precisamos fazer o soldadinho parar de marchar. Ajude-nos mais uma vez. O que devemos fazer?”*

O pedido do pai despertou Heitor. Ele já estava há horas matutando qual seria a resposta para a pergunta que Aquiles lhe fizera:

“Com quê? Com quê? Com quê?”

Seu pai precisava muito da orientação de Heitor naquele momento. Passaram-se alguns segundos, e ele interveio:

“Pai, acalme-se! Vai dar tudo certo.”

E dirigindo-se ao irmão mais velho, fala:

*“Meu irmão, você formou-se em Química farmacêutica, logo, conhece as propriedades das essências. E como já sabemos, todos os sentidos do soldadinho estão ativos. Por isso, seu canal de comunicação com ele será o olfato. Faça-o dormir durante seis horas. Ele precisa inalar uma essência que o leve ao sono.”*

Enquanto Heitor instruía Políodoro, o soldadinho se distanciava, pois seguia marchando. E para alcançá-lo, Políodoro correu. E enquanto corria, preparou a essência, embebendo-a em um lenço que trazia. Rapidamente levou o lenço ao nariz do soldadinho que começou a diminuir o ritmo dos passos até parar completamente, para, em seguida, se deitar e cair em sono profundo. Já era meia-noite, e todos aproveitaram para também descansar. Só Páris, antes de deitar, reclamou para Hécuba:

*“Mãe, ainda bem que esse cara dormiu. Eu já não aguentava mais soprar essa gaita.”*

### CAPÍTULO VIII – A PERDA DE FORÇAS

Pouco depois, todos dormiam. Até que começou a clarear o dia. E faltando cinco minutos para seis horas, despertaram. Todos. Menos o soldadinho, que seguia dormindo profundamente. E logo a preocupação era também de todos. Então, Príamo, agora mais calmo, se dirigiu ao pai, buscando ajuda:

“Pai, o soldadinho ...”

... Nem terminou a frase, e o soldadinho já se levantou, pois, naquele instante, acabava o efeito do sonífero. E temeroso de que ele começasse a marchar em círculos, Páris já tomou a frente soprando sua gaita com vigor. E o soldadinho passou a segui-lo a passos firmes. Eram seis horas da manhã daquele novo dia. O tempo foi passando. E o soldadinho marchando, marchando, marchando... E logo atrás Príamo, Hécuba e Políodoro acompanhando. Foi quando o relógio marcava nove horas da manhã que Hécuba percebeu que seus passos gradativamente perdiam ritmo. Eram passos desconcertados, cada vez mais lentos. Até que, finalmente, ele caiu de joelhos, parecendo um brinquedo cuja pilha havia descarregado. Isto levou Hécuba quase ao desespero. E imediatamente, ela dirigiu-se a Heitor:

*“Filho, o soldadinho perdeu as forças. E falta ainda uma hora de caminhada. O que devemos fazer para reanimá-lo? Ajude-nos. O que devemos fazer?”*

Heitor, de forma calma e serena, tranquilizou sua mãe, com orientações lógicas.

*“Mãe, este soldadinho agora tem vida. E, por isso, tem as mesmas necessidades dos seres humanos. Além disso, seus sentidos estão ativos, inclusive, o paladar. Depois de tão longa caminhada, ele tem fome. Basta dar-lhe comida e ele se reanimará, seguindo assim sua trajetória.”*

Mais calma, Hécuba retirou de um cesto que trazia um delicioso pão de mel. Um tanto receosa, ela leva a guloseima até a boquinha metálica do soldadinho, que gostosamente mastiga o alimento que recebera. Já recuperado, levanta-se, e com a disposição de um Infante, começa a marchar a passos firmes, sempre seguindo o som melodioso, carregando com cuidado a mensagem que levava para Heitor.

### **CAPÍTULO IX – A RESPOSTA DE HEITOR**

Assim seguiam todos. Na frente Páris tocando a gaita. Logo atrás o soldadinho marchando, marchando, marchando. E, atrás do soldadinho, seguiam Príamo, Hécuba, Políodoro acompanhando. Quando finalmente o relógio marcava nove e cinquenta e cinco da manhã, faltando portanto cinco minutos para esgotar-se o prazo de vinte e quatro horas, estavam todos finalmente diante do cavaleiro de argila que Heitor montava. Príamo, Hécuba Políodoro e Páris se desfizeram dos cones de cartolina, pois já não precisavam deles para se comunicar com o menino Heitor. Mas agora estavam diante de mais um problema. É que o soldadinho não conseguia encontrar a escada que dava acesso ao menino. Por mais que Páris variasse nas notas musicais de sua gaita, o soldadinho não encontrava a

escada. E o pânico mais uma vez se instalou, pois o tempo se esgotava. Mas quando faltavam apenas trinta segundos para o prazo terminar, o soldadinho começou a abrir os olhos. E logo tinha a visão plena, o que lhe permitiu enxergar onde estava a escada. Rapidamente subiu e entregou a mensagem a Heitor. E ele recebeu a mensagem – era a metade de uma folha de papel - e faltando três segundos para completar as vinte e quatro horas, leu o que estava escrito e devolveu o papel ao soldadinho.

O relógio marcava dez horas em ponto quando Heitor, utilizando seu cone de cartolina, gritou para Aquiles a tão esperada resposta:

“C O M S A L...LLL...LLL...LLL !!!!!”

Imediatamente, Aquiles, do alto de seu cavaleiro de chumbo, também utilizando seu cone de cartolina, respondeu:

“Heitor. A resposta está .....C O R R E T A .

És o Grande vencedor !!!”.

### **CAPÍTULO X – EPÍLOGO**

Estabelecia-se assim finalmente a vitória de Heitor. Neste momento, dava pra se ver lá no alto da torre, Cronos o Titã, clicando seu cronômetro, dando por encerrada sua tarefa de controlar o tempo. Para os habitantes da cidade que assistiam ao evento, as tensões começaram a se desfazer, pois a ‘pedra filosofal’ não sairia mais de Troika. E, cumprindo o que foi tratado, Aquiles voltou para a Grécia com seus mil barquinhos de papel lotados de soldadinhos de chumbo, que o seguiam; ele à frente, montado em seu cavaleiro, trotando alegremente sobre as ondas do mar.

O soldadinho de chumbo que serviu de mensageiro, e que agora era um ser humano, nunca mais foi visto. Conta-se por aí que séculos depois talvez tenha vivido como um dos combatentes que lutaram na Itália, pela campanha da FEB - Força expedicionária Brasileira, durante a segunda guerra mundial. Isto porque encontraram no bolso de um destes heróis que retornaram ao Brasil, a metade de uma folha de papel (que se supunha ser a mensagem que o soldadinho levava de Aquiles para Heitor), onde se lia:

“Pergunta de Peleu: O que é melhor da galinha?

Resposta de Aquiles: O ovo.”

... Por onde anda nosso soldadinho, continuamos não sabendo. Mas que o melhor da galinha pra gente comer é o ovo, e com sal (Hummmmm !!!, fica uma delícia !!!!!) -, isto é !!!!!!!

É mesmo !!!!!!!! Ora se é !!!!!!!!



**JOSÉ AUGUSTO RODRIGUES PINHEIRO**

### **MINHA BREVE HISTÓRIA**

O radialista, mestre de cerimônias e jornalista José Augusto Pinheiro, é formado em Ciências Jurídicas e Sociais pelas Faculdades Integradas de Guarulhos (1986) e pós-graduado em Marketing e Propaganda pela Universidade São Judas Tadeu (2007).

Desde 1984, ele é mestre de cerimônias em eventos sociais e empresariais para os três setores da economia. No ano seguinte, fez o curso de locução do Senac-Guarulhos. Em 2009, ministrou aulas de Teoria da Comunicação para futuros comunicadores no Senac-Santana.

Em 2010, ministrou aulas de radiojornalismo para estudantes das Faculdades Torricelli; em 2011, orientou o curso de Eventos para discentes de Hotelaria no Senac Guarulhos. Palestrante, José Augusto é ainda companheiro do Rotary Club Guarulhos Sul (2008), estudante Rosacruz (1987) e adepto da filosofia Seicho-no-ie (1998).

Durante 18 anos (1977-1995), foi funcionário efetivo do Banco do Brasil S.A., onde ingressou como menor aprendiz e encerrou carreira como gerente de atendimentos especiais. Foi caixa executivo por oito anos (1984-1992), época em que aprendeu a desenvolver a arte das relações interpessoais.

Como âncora do radiojornal RBN Notícias da Rádio Boa Nova 1450 AM (Grande São Paulo) desde 23 de janeiro de 2007, foi o mediador de dois debates entre candidatas a prefeito de Guarulhos (SP) em outubro de 2008.

É membro efetivo da Academia Guarulhense de Letras – AGL, onde ocupa a cadeira 21 desde 2003. É autor do livro “Novo Amanhecer”, de crônicas positivas (2003).

Nasceu em 1963 em uma casa do bairro de Vila Galvão, em Guarulhos, região metropolitana de São Paulo. É casado desde 2000 com Rosana, com quem tem um filho: Matheus Francisco (2003).

### *O ASTRO BRINCALHÃO*

Robson Assis De Laurentis (1963 - 2011)

Quando conheci o meu filho, Matheus Francisco, ele estava com dezoito meses e vivia em um abrigo do Horto Florestal, em São Paulo. Horas depois, eu e a minha esposa fomos contar a novidade para o irmão dela, Robson, que nos ofereceu imenso apoio e, com seu gigantesco coração, disse que também ele pretendia adotar uma criança.

Diante dessa importante revelação, eu o convidei para ser o padrinho do menino, muito embora eu ainda não tivesse a confirmação de que a adoção seria concretizada. Robson aceitou a nobre missão, tornando-se também o meu compadre.

O tempo passou. E o Matheus se apegou imensamente ao seu padrinho. Os dois jogavam bola juntos, riam muito e se tornaram bons amigos. Os dois ‘meninos’ pareciam ter a mesma idade. Robson, o mais velho, jamais sufocou a sua criança interior – sua maior virtude. Nas festas natalinas da Furp, em Guarulhos, ele era o Papai Noel.

Matheus, o mais jovem, terá de encontrar novo companheiro para brincar...

As crianças da Furp vão ter de eleger um substituto para o bom velhinho...

O menino-cometa Robson Assis, 47 anos, riscou os céus às 23 horas de segunda-feira, 16 de maio de 2011. No mesmo instante, surgiu um novo astro que irá brilhar a partir de agora nas noites do Brasil. Esse astro é generoso: tem luz forte e intensa, mas às vezes, fica piscando, como se brincasse com o observador, como se vivesse em pleno e eterno período de festas.

No paraíso, o Natal já chegou!

### *EQUIPE DO RBN NOTÍCIAS COMEMORA QUATRO ANOS*

Faz quatro anos que o RBN Notícias está no ar. Foram até aqui mil e seis edições diárias. Tudo começou com uma ideia de Leo Casamayor, gestor geral de publicidade da Rádio Boa Nova, que vislumbrou a necessidade de um radiojornal que tratasse dos fatos da cidade de Guarulhos. A direção da Feal – Fundação Espírita André Luiz deu seguimento ao sonho, e aqui estamos nós. Realizados e muito felizes.

Muitos foram os entrevistados – mais de 7 mil. Inúmeras as prestações de serviços; incontáveis os telefonemas recebidos de ouvintes, ora elogiando a iniciativa, ora sugerindo matérias específicas. Nós agradecemos pela participação.

Aliás, essa é a nossa palavra de ordem: gratidão!

O nosso trabalho é de equipe. Aqui não existe grau de importância em cada um dos colaboradores para que o resultado esperado se efetive. Todos os dias, quando nós encerramos o RBN Notícias com a frase característica do momento, e que será repetida daqui a uma hora, segue-se um forte e fraternal abraço com todos que estão

presentes no estúdio (operador de áudio, produtora, apresentador, entrevistados); de tempos a esta parte, nós convidamos a telefonista vovó Fátima para também participar desse momento de harmonia e de regozijo pelo dever cumprido.

Muito obrigado a todos os responsáveis pelo fato de o RBN Notícias ter superado a casa das mil edições e agora estar comemorando seu quarto aniversário. De forma especial, nós agradecemos aos senhores Onofre Astínfero, Manoel Bolonha, Osmar Marsilli e Jether Jacomini. Também agradecemos imensamente a Benê Barbosa, Valdeci Lourenço, Gilvana Jacomini, Regina Célia Penhalves, Guiomar Sant' Anna, José Damião, Cláudio Palermo, Celso Santos, Elcio Luiz, Jane Felix... A lista é interminável. Paramos por aqui, pois nós temos um programa para apresentar.

### ***O NOSSO FUTURO ESTÁ EM BOAS MÃOS!***

Eles são jovens líderes comunitários: Reginaldo José Gonçalves (32 anos) e Adriano Silva Oliveira (14) são comunicadores da Rádio Heliópolis, de São Paulo. Operando na frequência de 87,5 Mhz, também disponível na Web – [www.heliopolisfm.com.br](http://www.heliopolisfm.com.br), a emissora é comunitária, tem 25 watts de potência e alcance de cerca de três quilômetros. No dia 25/10/10, os dois proferiram palestra para os alunos das Faculdades Torricelli.

A audiência desses meninos e de outros 30 locutores voluntários é imensa. Desde 1992 a comunidade entendeu ser necessário trabalhar pela comunicação da favela. A princípio, alto-falantes foram utilizados durante duas horas aos domingos. Cinco anos mais tarde, a rádio começou a operar na frequência pirata de 102,7 Mhz; tempos depois, foi fechada, aliás, foi pioneira também nisso.

A partir de 2007, a Rádio Heliópolis recebeu autorização da Anatel. Desde então, a estrutura melhorou muito: são dois computadores, um estúdio de gravação e um estúdio de edição. A cada duas horas, entra no ar um novo locutor com seu estilo próprio. Na maior parte do tempo, o forte da emissora são os boletins sobre ecologia (Dose Verde), utilidade pública e prestação de serviço. A essência do rádio está de volta!

Durante a palestra, Reginaldo José pronunciou iluminadas palavras: “O nosso objetivo é promover a cidadania e o trabalho voluntário; o microfone é algo sagrado, pois se não for usado com sabedoria poderá transformar-se em uma arma voltada para quem fala; a nossa missão é desenvolver o prazer de ajudar os outros”. Verdadeiras pérolas saídas diretamente do coração de um idealista. Lições de vida que garantem o nosso futuro na Terra.

Quem quiser contactar os comunicadores da emissora, o endereço eletrônico é [radioheliopolisfm@yahoo.com.br](mailto:radioheliopolisfm@yahoo.com.br)

### ***PRIMAVERA GUARULHENSE***

Hoje (21/10/2010) faz um mês que Guarulhos foi retratada na mídia nacional como a cidade do gelo, a Bariloche brasileira, Guariloche. Para quem não soube, durante cerca de 60 minutos, choveu forte e caiu granizo suficiente para pintar de branco todo o chão de alguns bairros da cidade. As pedras eram grandes; e os prejuízos decorrentes também o foram.

Debaixo de todo o granizo, entre tantos outros, estava o meu veículo automotor (carro). As avarias foram consideráveis, mas graças a Deus o seguro irá cobrir as maiores despesas. Seguro de carro: não saia de casa guiando sem ele.

Pois bem, neste 21 de outubro, eu decidi caminhar de casa para o trabalho. São apenas 3,5 quilômetros, é verdade, porém existem duas ladeiras bastante íngremes. A tentação de parar no ponto de ônibus foi forte. Para impedir isso, eu fiz itinerário diferente daquele realizado pelos coletivos que servem Vila Galvão.

Segundo o meu 'cronômetro celular', o percurso foi cumprido em 44 minutos, o que significa dizer que a velocidade média foi de 4,7 km/h. Só para comparar, o queniano James Kipsang, campeão da São Silvestre 2009, cumpriu o trajeto de 15 quilômetros no mesmo tempo. Ele, porém, está treinado; e eu estava apenas passeando rumo ao bairro do Picanço.

O sol brilhava forte e uma suave brisa característica da primavera guarulhense soprava placidamente para recompensar o meu esforço. Para ser exato e justo para com a natureza, fazia quatro anos que eu sonhava com este dia. Sair de casa feliz e sorridente, e ir trabalhar a pé. Dedico esta caminhada ao granizo de 21 de setembro.

A cada passo que eu dava, a reflexão era inevitável: como somos felizes por podermos caminhar; que alegria é sorrir e cumprimentar cada irmão nosso que encontramos pelas ruas da vida; como a simplicidade agrega valor à existência. Sem orgulho, sem vaidade, sem preguiça, sem carro.

Talvez eu volte para casa do mesmo jeito que vim. Agora, porém, sem a companhia do sol. Mas com a tarde-noite ainda clara. Bendito horário de verão!

## DEZ ANOS DEPOIS...

No dia 06 de outubro de 2000, eu estava deitado em minha cama, convalescendo de criterioso tratamento para 'consertar' a minha coluna vertebral. A dor nas costas era terrível. Não havia posição confortável. O repouso foi imperativo.

Como lenitivo, liguei o rádio naquele período. E por dias a fio, ouvi a Rádio Bandeirantes e sua ótima programação jornalística. Foi quando soube que o meu ídolo deixara o plano terreno para juntar-se aos grandes artistas no éter.

Hélio Ribeiro fora aquele astro do rádio que me incentivou a seguir a carreira. Eu queria ser como ele: comunicador impecável, amante do veículo de comunicação mais ágil, criativo e encantador. O meu sonho só seria possível se eu seguisse os passos dele.

Com quinze anos, em 1978, eu conheci Osvaldo Tassi. Ele era o líder da equipe de esportes da Rádio Boa Nova. Homem generoso e de postura simples, Tassi abriu a primeira porta para que eu desse os passos iniciais nessa área.

Passados 22 anos, aquela notícia me surpreendeu: Hélio Ribeiro, apresentador do programa O Poder da Mensagem, havia partido para o mundo espiritual. E agora? Agora, era chegada a hora de levantar da cama e voltar a sonhar acordado.

Meses depois, eu estava trabalhando com Valdir Carleto no jornal Olho Vivo. Em 2007, com o início do RBN Notícias, Jether Jacomini e Silvana Scarpino se lembraram de meu nome para ancorar o radiojornal. Em janeiro próximo, se Deus quiser, eu e a Eliete Ribeiro faremos a edição número 1.000.

Muito obrigado, Hélio. Eu não o conheci pessoalmente, não tive esse privilégio. Mas acredite, foi melhor conhecer você do outro lado do rádio. O lado da magia. Você foi o melhor radialista

que conheci... e foi decisivo, duas vezes, pela escolha que fiz para ser útil aos meus semelhantes. Devo-lhe esta, irmão.

Sei, porém, que eu ouviria palavras de incentivo de meu ídolo: “Você faz um bom rádio, José Augusto Pinheiro. Você faz um bom rádio porque o faz com o coração”.

Conheça o meu blog: [www.joseaugustopinheiro.com.br](http://www.joseaugustopinheiro.com.br)



**JOSÉ JOÃO DE MACEDO**

**O CHÃO**

**PARA ROBERTO CARNEIRO E SANDRA**

De repente, a descoberta:  
o chão ali, bem pertinho, embaixo dos pés.  
Nunca mais precisaria pisar em gente!  
Há tanto chão pra se pisar,  
pra caminhar, pra cultivar, pra se cuidar.

“É preciso ter os pés no chão”

É preciso saber o chão  
e, se preciso, ser o próprio chão.  
Sem o chão o corpo cai no chão.  
A realidade sustentável é o chão:  
o resto é espetáculo, ilusão.

O chão é o limite:  
é onde o corpo se sustenta,  
se alimenta e alivia o seu cansaço.

O chão é o leito,  
o palco e o pão.

### *A CIDADE*

Para Auro Alexandre

*"A cidade deve ter a medida do Homem."*

Ledo Ivo

A cidade cresce,  
Invade  
os vales,  
os rios,  
as matas,  
os montes,  
os mitos  
e o horizonte...

A cidade cresce,  
desumaniza,  
e, assustada,  
foge ao alcance de nossas mãos  
e se perde no caos  
noturno de nossa solidão.

### *AMO*

Para Gregui e Sandra

Eu amo sim!  
Mas o meu amor  
é uma ponte destroçada  
que liga tudo ao nada  
sobre os escombros do fim.

Eu amo mesmo assim!...

Eu amo assim:  
juntando aos cacos espalhados  
do que restou de mim.  
E cada emoção é como se fosse a última:  
é uma sensação de fim.

Eu amo mesmo assim!...

Amo mesmo com essa ausência  
sempre presente em mim.

Eu amo sim!  
Sim, sim, sim!...  
Eu amo.

**CANÇÃO DO CÁRCERE**

*"Toda canção de liberdade  
vem do cárcere."*

Gorch Fock

"Aprendi a amar no cárcere" (Vladimir Maiakóvski)  
Mas eu não queria esse amor assim  
domesticado, de cão preso e acorrentado.

Não, eu não queria viver ao seu lado  
e me sentir diminuído, preso e sufocado.  
Eu só queria amar e ser feliz.

O amor e a felicidade se contradizem.

Mas, pensando bem,  
meu bem,  
é bem melhor a prisão dos seus abraços  
do que a liberdade da solidão.

**PRISÃO**

Para Elias Neto

É preciso fugir.  
É preciso agir urgentemente.

Não adianta  
gemer,  
chorar,  
gritar:

as paredes não têm ouvidos.

Não adianta fugir.  
Não adianta fingir:

há grades em todos os sentidos.

**UM HOMEM COMUM**

Para Amador Felizardo

Sabia,  
era um homem comum.  
Conhecia desigualdades, dificuldades e necessidades.  
Vivia  
do trabalho e do salário (do mísero salário).  
Estava sujeito às injustiças, aos preconceitos  
e era obrigado a obedecer às leis.

Tinha direito  
ao desemprego, às filas de espera;  
a morar em favela;  
a ser explorado, excluído...

Tinha direito a não ter direito algum.  
Tinha certeza:  
era um homem comum.

**CIDADE SUBMERSA**

Para Daumásio Moreira Holanda

Silêncio!

Calem-se todos – autoridades, cidadãos  
e todos os meios de comunicação.

Silêncio... para reflexão,

porque aqui não há inocentes:

- todos somos culpados.

Minha cidade não merecia tamanha humilhação.

Minha cidade tão imponente,

tão... tão...tão São Paulo,

humilhada,

ferida,

ajoelhada,

impotente,

submersa na omissão e na grande enchente.

**SERTÃO II**

Para Elza Marques

O sertão é o longe, o distante,

o vazio, o ausente aqui dentro da gente.

O sertão é o árido, o hostil,

o difícil, o estéril.

O sertão é o sol abrasador

matando bicho, planta e gente.

O sertão é ser só: solidão.

**MENOR**

Para Dulce H. dos Santos Matos

Em vez de brinquedo,

puseram arma nas mãos do menino.

Em vez de livros,

puseram algemas nas mãos do menino.

Aquelas mãos precisavam de afetos.

Aqueles olhos atônitos

clamavam por ternura.

Roubaram

a infância,

os brinquedos,

os livros

e os sonhos do menino.

Menor, revele a sua ira,

quebre essas algemas,

saque suas armas

e acabe com essa história.

Vamos, dê um tiro nesse destino!

**PRECE**

Para Magali Munhoz

Ave, salve, poesia.

Salve a poesia: luz de todos os dias.

Salve a humanidade.

Salve a paz.

Que a humanidade seja plena de generosidade e gratidão.

Que a individualidade nunca se transforme em egoísmo e solidão.

Que a sensibilidade pulse em cada coração.

Que a dor e as adversidades sejam superadas pela solidariedade de nossas mãos.

Que a humildade seja o espelho onde deve refletir a nossa imagem e a nossa imaginação.

Que a amizade seja nossa ideologia e o amor, a nossa religião.

Que a vida, maior riqueza da terra, seja celebrada no tempo sagrado de todas as manhãs.

Ave, salve, poesia.

Salve a poesia: luz de todos os dias.

Salve a humanidade.

Salve a paz.

*José João de Macedo* nasceu em Serra Dourada – BA, em 1969 mudou-se para Guarulhos, onde reside até hoje. Formado em Letras e Pedagogia, dedica-se à vida política da cidade. Foi Vereador, Secretário de Assistência Social e atualmente é Diretor de Departamento da Secretaria do Trabalho.

**LINEU ROQUE ACEIRO****A VIDA É BOA**

Estava eu, uma tardezinha, praticando cadenciada caminhada no calçadão do Centro Cultural, próximo à Academia Guarulhense de Letras. Concentrado naquela prática vespertina, observava o esplendor e vivacidade do lugar - palco de inesquecíveis entretenimentos e culturas várias - quando vislumbro, a distância, gente conhecida.

Num gesto ameno, levanto a mão para os amigos sexagenários que tomaram assento no consolo de um banco de cimento, colocado pela Prefeitura ao redor do belo lago no Parque Balneário de Vila Galvão. Mas os companheiros, estranhamente, não retribuíram ao aceno amigo, ainda que rápido, mas pouco distante. O que teria acontecido?

É que, na mocidade, os olhos límpidos e curiosos vão a distâncias consideráveis; na velhice, entretanto, turvos e cansados fitam de perto, em minúcias. Pobres amigos velhos, não perceberam a minha manifestação, viram apenas um vulto marchando e depois de por mim repreendidos, desculpam-se indagando para eles mesmos: O que é feito de nossa mocidade? Nossa força e nossa eficaz vivacidade - qualidades que não se podem substituir - e, sem perceber, troquei-as por um modesto bastão. E hoje quando passo de volta para casa vindo da bocha, a gurizada pasma, boquiaberta, fica horrorizada como quem vê um fantasma, é um esqueleto humano que assim vai, cambaleando, quase cai, não cai...

Ofegante, pés inchados, passo em falso e o olhar embaçado, sem nenhum amigo ao meu lado que tenha por mim compaixão, a tudo vou assistindo, à ingratidão resistindo, sentindo uma falta danada e saudade dos meus verdes anos, da mocidade distante quando os dias corriam mansamente. A velhice é uma vitória, mas nem todos a alcançam, é triste, muito triste.

Escrevo estas linhas preocupado, sentindo o peso dos anos, porém, com todo respeito e carinho àquele que deixou sua mocidade no passado – conta-nos hoje cada caso lindo e desgraçadamente se sustenta com as migalhas juntadas no decorrer de sua caminhada, ou ainda, com recursos provenientes de uma aposentadoria pífia, depreciada.

E o futuro desses infelizes – será que o idoso tem futuro? É dito popular que o futuro a Deus pertence, mas não pertence, também, o passado? E o presente que ora ele vive – o futuro será aquele que vi outro dia na antiga Dom Pedro II, agora adaptada à moda: “Um velho cansado, a sorrir desconfiado, impregnado de placas pelo corpo, no peito e nas costas, ofertando emprego, vendas de produtos, entremeio à animação das calçadas indiferentes ao quadro humilhante, totalmente aviltado na busca de alguns trocados para ajudar no orçamento da casa, ou quando vê, em muitos casos, o seu rico dinheiro desviado para outros fins - a compra de drogas pesadas para filhos e netos desmoralizados”.

O idoso agora tem estatuto – e daí? Isso vai lhe trazer sustento? Vai lhe diminuir a idade? Vai lhe as curar doenças? E ao que mais se assiste são aberturas de asilos para velhos, “Asilos” entre aspas, pois a maioria deles são estabelecimentos despreparados para tão importante missão: assistir socialmente velhos solitários, alquebrados, esquecidos. Por isso, flexiono-me diante do sagrado madeiro e rogo ao bom Deus, se na verdade o futuro lhe pertence, faça com que o velho seja coberto de amor e carinho para que possa sorrir contente ao remate de sua existência.

Todos sabemos que a velhice é um mal incurável, de que só a morte nos pode libertar. Em contraposição ao dito, a velhice é uma arte - arte de dizer adeus sem amargor, é prêmio para uns e castigo para outros.

### *MOCIDADE E VELHICE*

Contam os biógrafos de Marquês de Maricá, o venerando pensador hoje relegado ao esquecimento, que se encontrando em um salão festivo, de ímpeto foi abordado por um jovem, que lhe declarou não concordar com algumas de suas máximas, em que fazia um confronto entre a mocidade e a velhice.

- Meu filho, respondeu-lhe o filósofo, a minha autoridade, neste ponto, é maior que a sua. Eu sou velho, e já fui moço. Você é moço, e nunca foi velho.

É essa a vantagem que eu levo, nesta hora, sobre os rapazes que estranham a feição humana ou humanitária das minhas letras. Eles estudam. Eu também já estudei. Eles não têm, todavia, a experiência que o tempo e os sofrimentos me deram. Eu já passei por onde eles se acham. Eles ainda não chegaram aonde estou. Se me quiserem dar lições de causas modernas, eu as aceito. Mas, naquilo que só a vida ensina, eu lhes agradeço.

Os rapazes que não me entendem podem ensinar-me muita coisa, que vem dos livros novos. Mas, em matéria de sofrimento e de experiência do mundo, nada tenho a aprender.

Enfim, quem é que, escutando a palavra evocativa dos velhos, não reteve na memória esta frase melancólica:

- Ah, meu tempo! No meu tempo sim... A vida era doce e alegre... Não era como hoje...

E cada um de nós, ouvindo essas lamentações, volta-se para o seu próprio passado recente, com sinceridade abatida:

- Na verdade, tudo vai piorando. O caminho para trás era mais suave e a marcha mais sossegada – os dias corriam devagar. Os homens odiavam menos e as mulheres amavam mais. Na minha pequena aldeia, a Vila Galvão que os senhores tão bem conhecem, uma mulher enviuvou - tinha 29 anos de idade, três filhos, era bonita e muito bem feita de corpo. Nunca mais se viu uma sombra masculina ao lado da nobre mulher. A vida era um grande e contínuo domingo de festa. Hoje, é uma ardente e nervosa segunda-feira de trabalho.

Mas afinal de contas, companheiros! Mudou o rumo da vida ou mudamos nós? Lembro-me muito bem de quando eu cheguei da minha vilazinha para o centro de Guarulhos, na década de cinquenta, senti uma tão profunda emoção como se tivesse descoberto o paraíso terrestre: A Matriz imponente, a avenida Dom Pedro II, já coberta de paralelepípedos, mas que ainda apresentava claros nas construções. Os velhos estabelecimentos tradicionais da cidade resistiam solenemente à febre inovadora. Pelos passeios da romanesca ruazinha, em finais de semana, espalhavam-se moças e rapazes num vaivém sem descanso - flertando, sorrindo nos saudosos passeios dominicais. A casa de Deus lotava; missas, banda de música, quermesses, janelas abertas e as casas com varanda.

Encantado com esse ambiente, com aquele perfume de civilização que se evolava de tudo, eu fiz, certa vez, aos doutores Heitor Mauricio e Rinaldo Poli, o elogio daquela hora da vida guarulhense - mas, depressa me interromperam, o advogado e o ex-prefeito:

- Ah! Lineu, é porque você não conhece a Guarulhos do nosso tempo.

E começaram a falar com entusiasmo da graça amável dos dias passados e dos anos dourados que precederam a Proclamação da República: A Guarulhos da nossa época deu para São Paulo e para o Brasil dois presidentes de Estado - o Conselheiro Crispiniano e Cerqueira César. O importante livro de registro que anotava os acontecimentos da nossa cidade, o livro do Tombo original sumiu, desapareceu. Então, este extraordinário padre, que foi o Cônego Valadão, recuperou a história da Comarca refazendo o antigo livro. Sabe mais, Lineu, no nosso tempo, viveu aqui na cidade um "homem" na verdadeira acepção da palavra, porque homem que é homem mesmo é como o carvalho, que perfuma o machado que o derrubou: José Esperança da Conceição, íntegro, generoso e notável procurador municipal. Era prefeito Gabriel Teles, caboclo de boa cepa que nos trouxe o trenzinho fumarento – no caudaloso Tietê navegavam famílias passeando, enquanto outros, em animadas cavalgadas, subiam até Tapera Grande para comprar rapaduras, mel e traziam garrações empalhados de saborosa aguardente. Havia missas concorridíssimas, festas na Igreja Matriz, e as famílias participavam dos bailes com orquestra no Clube Recreativo.

Examinando esses dois importantes depoimentos, o que se deve, pois, concluir? O mundo vem, na realidade, se tornando menos suportável dia a dia, de modo que todos nós temos saudade de um tempo que passou, ou somos nós que mudamos e, com nossa mudança, vamos estranhando as coisas imutáveis que nos cercam.

O tempo será como um rio, em cuja margem nos encontramos, e que desliza diante de nós, arrastando berços e detritos diferentes, ou somos nós que vamos rolando na superfície da corrente, espantando-nos cada dia com a modificação das paisagens da margem?

É possível que se trate nem de uma nem de outra causa. A vida, com os seus costumes, os seus encantos, as suas dificuldades, vem se alterando indefinidamente. O panorama diante do qual se forma

uma geração não é o mesmo que serve de cenário à atividade daquela que se lhe segue. Mas, na substância, a vida não melhora nem piora. O que ocorre é, unicamente, um deslocamento de cada geração dentro dela. Dá-se o desequilíbrio entre o indivíduo e o meio em que vive – entre o ambiente dinâmico e o homem estático.

O mundo evoluiu, sem dúvida; e piorou, sem dúvida; mas piorou somente para ele, pois que a geração nova sente hoje o mesmo encanto, o mesmo deslumbramento que ele sentiu ontem e sentirá amanhã, com certeza, a mesma decepção que hoje lhe enche o coração de sombra e saudade.

Indivíduos de ambos os sexos sofrem procurando violar uma lei natural e tentam impedir de todas as formas esse conflito propagando a mocidade, e nunca dá certo!

Por isso mesmo, meus queridos leitores e companheiros, convém aprender a ser velho e a substituir o prazer pela saudade. “Eu não conheço maior desgraça do que possuir um coração que não quer envelhecer”.

A vida não é, pois, nem boa, nem má, nem o mundo piora dia a dia.

- “Ai, meus tempos passados”!, geme, na novela de Alencar, o velho Batuiretê.

E todos nós, quando começa o entardecer na vida, isto é, quando principia o conflito entre o nosso gosto e o gosto dos tempos novos, temos na boca, ou no coração, o mesmo gemido da alma. Quantos moços de hoje, daqui a vinte anos, não acharão que o momento que agora vivemos em Guarulhos seja tão doce como era incomparável, aos meus olhos, e ainda me parece hoje, a vida guarulhense de antigamente. Quantos sonhos, lembranças e recordações...

O coração é uma lira destinada a acompanhar a música do vento que nos acaricia a frente. Quando a lira desafina, achamos que o

vento é que desafinou. E no entanto, já há, adiante, outras liras que se afinam como ele e acham, como nós achamos ontem, que a vida é boa e que o mundo é maravilhoso – um paraíso.

### **SENHORES, SENHORAS, NOSSAS SINCERAS HOMENAGENS.**

Inaugurar uma biblioteca é como se estivéssemos inaugurando um templo. Sim, uma biblioteca é um templo dedicado ao saber e à ciência.

Razões tinham, pois, os povos antigos ao dar às bibliotecas um caráter mais ou menos religioso, como demonstra o fato de serem instaladas dentro de templos. Ah! Como eu gostaria de, adentrando a Igreja Matriz, flexionar-me diante da imagem de N.S. da Conceição, sentar-me num daqueles bancos reconfortantes e ler um bom livro - bom e caridoso.

Na biblioteca de Mênfis, datada de 2000 anos antes de Cristo, lia-se à entrada: “Remédio da Alma”. Daí se pode perceber que a leitura não só é alimento, mas também notável remédio para o espírito.

Entretanto, companheiros e companheiras, nós não estamos inaugurando uma biblioteca, a Biblioteca Municipal do Bom Clima, mas sim, inauguramos, nesta hora feliz, o retrato de uma benemérita senhora desta comunidade que lhe empresta o nome como patrona, defensora e protetora - “GRACINDA DOS ANJOS DE SÁ DOMINGUES” - boa, amável, generosa, participativa.

É indeclinável dever, honrar aqueles que, por seus méritos, fazem jus à admiração e à gratidão de seus semelhantes. Quanto mais, quando se trata de alguém que, por seus esforços, tudo fez por esta comunidade, tornado-se parte inseparável - membro eminente.

Eis porque nos achamos aqui reunidos a fim de inaugurar a fotografia da senhora Gracinda dos Anjos – tão valiosos e inestimáveis são os serviços que prestou a este grupo, a esta agremiação que seria injustiça ignorá-los. E para que não fossemos acusados, chamados de ingratos, aqui estamos para lhe prestar esta homenagem sincera que, embora não corresponda à magnitude e à grandeza dos méritos dela – servirá, todavia, para testemunhar nosso carinho e nossa gratidão.

Que neste retrato que hoje inauguramos esteja sempre presente a imagem inesquecível daquela que com tanta dedicação empenhou seus esforços em prol desta sociedade – são os votos que ora fazemos. Que seu espírito de luta, sua coragem indômita sirvam de exemplo a nortear os nossos passos no caminho da honra e do dever!

Mulheres como a senhora Gracinda dos Anjos de Sá Domingues são marcos fincados à beira da estrada da vida, que desafiam as intempéries e os preconceitos. Honrá-los é, pois, um usual ato de reconhecimento e imitá-los é um dever inevitável.

Orgulha-se, portanto, esta sociedade guarulhense em legar às gerações que haverão de vir este exemplo de virtude para que lhes sirva de modelo, estímulo e inspiração.

(29-04-2011)

### **SAPIENTÍSSIMO CONSELHO**

Numa arte se exercitou continuamente e, bem longe do alvoroçado mundo social, um verdadeiro frade leigo, o Conselheiro Ferreira Viana, residia, mesmo quando Ministro do Império brasileiro, em uma cela modesta do Convento de Santo Antônio. Os religiosos que com ele conviviam, tinham-no como companheiro simpatizante, alegre e amigo fiel.

Certa ocasião, em palestra animada à mesa de refeições, relatou o fato abaixo:

Era eu Conselheiro e Ministro Imperial, época em que, em visita à Casa de Correção, teve a sua atenção solicitada por um rapaz de belo porte, maneiras distintas, fisionomia bastante simpática, porém, triste – que lhe pedia licença para duas palavras, as quais de pronto lhe permiti.

- Então, qual o seu crime?, indagou Ferreira Viana, com o seu ar simpático e bonachão.

- Senhor, eu abusei da honestidade de uma menor, respondeu o presidiário.

- A quantos anos de prisão estás condenado?

- A quatro, já aqui estou há dois, e faltam-me ainda dois longos anos, isso se minha paciência suportar. Se, porém, Vossa Excelência confiar em mim e quiser proteger-me, obtendo o meu indulto, eu me comprometo, sob as juras do céu, a me casar com a ofendida.

Meneando a cabeça, disse-lhe: \_ - Olhe meu filho, quer um bom conselho, um conselho de amigo?, observou Ferreira Viana, com real interesse:

E batendo-lhe no ombro paternal:

- CUMPRA O RESTO DA PENA...

### **PROFISSÃO NOBRE**

Pedro II era um superministro, auxiliar de seus auxiliares, transmitindo ao governo aquela sua curiosidade desmedida, sua moral sólida. Intransigente com a corrupção, fiscalizava todos os concursos, comparecia a todos os exames que podia, arguindo candidatos nos colégios, nas faculdades, nos exames de cátedra.

Um dia, exilado em Cannes, conversava o Imperador Pedro II com alguns brasileiros lá hospedados, quando declarou, gravemente:

- Se eu não fosse Imperador, desejaria ser professor. Não conheço missão maior e mais nobre que a de dirigir as inteligências juvenis e preparar os homens do futuro!

### CONSIDERAÇÃO SENSATA

Após a leitura do seu livro, belo livro, eu tenho agora novos olhares sobre parte do passado de nossa história. O que nos ensinaram e o que assimilamos até esta quadra de nossa existência é que os senhores inconfidentes eram homens nacionalistas, sem riquezas e que apenas lutavam por um ideal patriótico – avesso à irregularidades, posse de bens materiais e aventuras ambiciosas.

Na verdade, esta venturosa obra histórica de autoria do Confrade André Figueiredo nos revela, em narrativa de pesquisas de fôlego, que uma corrupção desenfreada já existia nas Minas Gerais dos conjurados e que aqueles brasileiros lutavam, também, pelos seus próprios interesses, bem como de dependentes e familiares. Ao final da Devassa e Autos de Sequestros, Portugal pouco ou quase nada lucrou com os confiscos aplicados – pois eram tantos a bandalheira, corrupção e o suborno que as famílias dos implicados perderam apenas bens insignificantes, sendo a fortuna dos inconfidentes preservada.

Surge assim uma nova visão sobre este importante capítulo da História do Brasil. Os conjurados, além de terras a perder de vista, eram proprietários das mais diversas fontes de riqueza - mineração, agricultura, engenho de álcool e açúcar, capitalismo – compravam juizes, autoridades, membros de famílias influentes, inclusive, mulheres para resguardar a maior parte dos seus patrimônios.

Provocavam intrigas, penhoravam mancípios, utensílios domésticos, pratarias, terras e de tudo idealizavam para lesar a Coroa Portuguesa.

Tiradentes, cuja bisavó teria nascido em Conceição dos Guarulhos (in *Guarulhos Cidade Símbolo* – A. V. Noronha), Aires Gomes, Alvarenga Peixoto, entre outros conjurados de grande notoriedade, usaram com picardia de velhas práticas para onerar e sonegar da Soberania Monárquica bens de altas somas e que não foram relacionados no confisco decretado. A leitura de *A Fortuna dos Inconfidentes* é um refrigério para a alma da gente, enriquece a literatura nacional, além de formar novo juízo, uma nova ação, do que foi realmente o cenário atuante da aludida conspiração, mostrando-nos, com informações distintas, a vida, usos e costumes daquela gente revolucionária.

Afora essas anotações – a correspondência enviada por Bárbara Eliadora Guilhermina da Silveira ao contratador João Rodrigues de Macedo, expondo suas dificuldades na administração de seus negócios e pedindo que arrematasse a metade de seus bens para formar com ela uma sociedade, porque receava se envolver com pessoa estranha, é uma pequena peça literária de rara beleza, escrita com graça por pessoa que muito bem conhece e domina a grafia da época (1795), causando em nós, passadistas, momentos de grande prazer, notadamente nestes tempos – quando nossos professores são orientados para ensinar a escrever de forma deselegante, incorretamente, fugindo do que pede a ortografia brasileira:

Enfim, meu compadre, é esta a ocasião de mostrar que é todo o meu amparo, nas amarguras que me rodeiam: eu não tenho outro abrigo, e que será de mim e de meus tristes filhos, se nos faltar a sua proteção? É isto que me basta para a nossa total ruína; eu, por mim só, nada, nada me afligiria porque, depois de perder o meu marido (e que marido) e por modo tão lastimoso, não quero senão chorar toda a vida. (Eliadora)

E Alvarenga Peixoto, ouvidor da Comarca de Rio das Mortes, célebre inconfidente, dono de várias sesmarias, passa para a história com a fama obscura de mau pagador...

Querem mais? Leiam o livro.

Parabéns ao historiador André Figueiredo Rodrigues.

Vida e saúde para nos trazer outras produções convincentes, tão interessantes como esta.

(Guarulhos, 8 de junho de 2011)



**MARA SUELI DE LARA MARTINS  
CARLETTI LAURI**

**COOPERAÇÃO: OLHAR PARA FORA**

Para viver em sociedade é imprescindível que haja cooperação. A palavra cooperação vem do latim *cooperare* e quer dizer operar ou obrar simultaneamente, trabalhar em comum; colaborar; cooperar para o bem público; cooperar em trabalhos de equipe, ajudar auxiliar...

Mesmo que saibamos a importância da cooperação, talvez tenhamos dificuldades em trabalhar com os outros. Segundo o Mestre Tibetano, Tharthang Tulki, “A incapacidade de cooperar é, com frequência, o resultado de padrões de comportamento formados na infância, de esforços autocentrados para termos as coisas do nosso modo e evitarmos o que não queremos.”

Assim, como seres “humanos”, repletos de sentimentos, não conseguimos, muitas vezes, entender o nosso “eu”, e assim fica ainda mais difícil entender o “outro”.

Ainda, segundo o Mestre Tharthang Tulki, “se quisermos ser capazes de cooperar verdadeiramente com as pessoas à nossa volta, precisamos também nos abrir para nós mesmos, para nosso corpo, mente, sentidos e sentimentos. Quando reconhecemos as mensagens que recebemos dessas fontes, nosso conhecimento interior forma uma ponte entre nós e os outros.”

Daniel Goleman diz que “A capacidade de pôr de lado nosso foco e impulsos autocêntricos tem vantagens sociais: abre caminho para a empatia, leva ao envolvimento, ao altruísmo e à piedade. Ver

as coisas da perspectiva dos outros quebra estereótipos tendenciosos e, assim, gera a tolerância e a aceitação das diferenças.”.

A meu ver, o fio da meada está em aceitar as diferenças. Quando ainda somos pequenos, não fazemos distinção de muitas coisas pelo simples fato de ainda não termos definidos os nossos “conceitos”.

A partir daí, passamos a formar os nossos “pré-conceitos”, e então surgem as diferenças de todas as espécies: sociais, morais, raciais, sexuais, religiosas, políticas e assim vai...

E com certeza, quando aprendermos ou pelo menos exercitarmos o “olhar para fora”, tudo se modifique, porque à medida que desenvolvermos percepções mais claras e nos tornamos mais sensíveis aos outros, nossa comunicação também se torna mais aberta e honesta, e assim nos tornamos mais sensíveis aos outros, nossa comunicação também se torna mais aberta e honesta, e assim nos abrimos para o mundo e, por consequência, para os elementos essenciais da cooperação: olhar para fora, nos abrir e especialmente, nos importar com os outros.

### **PERFECCIONISMO, PARADIGMA E O TEMPO**

“São muitas as pessoas que, por alguma razão, planejam por anos e nunca partem. Com as mais curiosas explicações: ou procurando aperfeiçoar cada vez mais um plano, uma viagem, ou aguardando o momento apropriado. Certamente, as âncoras imaginárias acabam prendendo muita gente, e isso faz com que seus projetos nunca sejam realizados”. Este texto do navegador solitário Amyr Klink me fez refletir sobre as “âncoras imaginárias” que criamos ao longo de nossas vidas. Descobri pelo menos três âncoras:

- O perfeccionismo
- O paradigma
- O tempo

O perfeccionismo em si é uma doença ligada ao medo de errar. Para o perfeccionista, tudo deve ser perfeito, certo e não se admite a mudança, na verdade, é uma preocupação com a opinião dos outros.

E por que será que sempre somos tão relutantes às mudanças? Dói menos.

Talvez na realidade, precisaríamos mudar o nosso paradigma. O paradigma seria uma forma de ver ou entender algo, um modelo de interpretação. Um padrão de referência.

Assim, quando precisamos resolver alguma coisa, tomar uma decisão, tomar uma decisão, nos recorremos aos nossos paradigmas. Que são mapas que construímos para interpretar e nos guiar pela vida. Só que esses mapas podem não demonstrar a realidade e sim aquilo que nós durante anos fomos desenhando de acordo com nossos interesses, e assim esses mapas podem estar desatualizados.

E isto vale para todos os mapas de nossas vidas: o mapa da família, da profissão, dos amigos, do conhecimento, dos sentimentos e assim vai...

Às vezes, deixamos de realizar nossos planos não por sermos perfeccionistas, nem porque não queremos mudar nossos paradigmas, mas colocamos a culpa no tempo. “Agora não temos tempo”, e como bem coloca Mario Persona, “... é uma desculpa famosa, para um agora que dura o mesmo tempo para todos. Culpamos o excesso de in- formação, mas quem assalta o nosso tempo é a variedade de escolha. Administrar o tempo não é apenas fazer mais rápido o que o que você já faz, mas simplificar. Reduzir suas opções de escolha.”.

Assim, precisamos de coragem para aceitar os nossos erros, nos abrimos para as mudanças e fazer do tempo o nosso aliado, mesmo sabendo que o segundo que passou não volta mais. É preciso levantar a âncora, deixar o barco navegar, porque tenho certeza

que existe alguém lá em cima que ajusta as nossas velas e direciona o nosso leme.

### COMO UMA ONDA

Nelson Motta escreveu: “Nada do que foi será, de novo, do jeito que já foi um dia. Tudo passa tudo sempre passará. A vida vem em ondas, como um mar, num indo e vindo infinito. Tudo que se vê não é igual ao que a gente viu há um segundo. Tudo muda o tempo todo, no mundo. Não adianta fugir, nem mentir pra si mesmo, agora. Há tanta vida lá fora, Aqui dentro, sempre. Como uma onda no mar. Como uma onda no mar...”

Esta letra de música, cantada por Lulu Santos, me fez refletir sobre a impermanência humana. Seria tão bom que às vezes alguém nos lembrasse disto...

Nós seres humanos temos a tendência de achar que somos eternos.

A prova disto são as famosas frases: Vou realizar esse sonho depois que eu me casar... E assim vem: depois que eu tiver filhos, depois que eles crescerem, depois que eles se formarem, depois que eu me aposentar, depois do nascimento dos meus netos...

Então, quando você passa a ter consciência da impermanência humana, você só precisa entender que “nada do que foi será do jeito que já foi um dia.” O momento tem que ser o agora, amanhã poderemos nos sentir cansados demais para realizar as mesmas coisas.

A oportunidade surge, “a vida vem em ondas, como o mar, num indo e vindo infinito”, não podemos simplesmente fingir que não as sentimos.

Precisamos estar abertos às mudanças, às transformações, porque “tudo muda o tempo todo no mundo”. E o mais importante: “não adianta fugir, nem mentir pra si mesmo”.

Não adianta nos fecharmos para a vida (em todos os sentidos: carreira, relacionamentos, amizades...) porque a “vida vem em ondas, num indo e vindo infinito”. Lembrando sempre da nossa impermanência, não nos preocuparemos com coisas mesquinhas, afinal de contas, devemos ser felizes, hoje.

Nunca é tarde. Afinal de contas “Há tanta vida lá fora...”

### “NÃO HÁ VENTO FAVORÁVEL PARA QUEM NÃO SABE EM QUE PORTO QUER CHEGAR”(SÊNECA)

A vantagem quando se tem um projeto de vida é que se evita o desperdício de tempo executando planos inúteis, que muitas vezes ocupam a maior parte de nosso tempo, e o que é pior, nossa energia.

É difícil, mas precisamos ter em mente um alvo. Qual a motivação que você dedicaria a algo que você não sabe aonde vai chegar? Muitas pessoas esperam o vento mais favorável para tudo na vida, para mudar de emprego, para mudar de cidade, pra casar, pra descasar, pra perdoar, para pedir perdão, para amar, para crescer...

Esse alvo é a chave da motivação pois nos dirá só os “porquês”, mas nos mostrará os “como”. Há uma frase de Willian Hazlit de que gosto muito: “Uma forte paixão, por qualquer objetivo que seja, garantirá o sucesso, pois o desejo pelo fim apontará os meios.”

Na verdade, quando a pessoa está desmotivada, ela fica sem forças para enfrentar os obstáculos e desafios, pois não compreende os porquês em sua vida. Assim, vai exterminando sua capacidade de sonhar, de realizar, vai matando aos poucos seu potencial criativo. Sempre é mais fácil arrumarmos um montão de desculpas, e nos mantermos na inércia, pois a necessidade de mudança é geralmente associada ao medo de fracassar.

Assim, creio que o que importa é termos um projeto pessoal, um sonho, ainda que, para os olhos dos outros, pareça ser loucura, impossível. E finalizo a minha reflexão com um trecho do eterno mestre PAULO FREIRE, que foi um incansável sonhador:

“Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo”.

Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza. Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuida do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa, mas não desiste”.

### **PERSUASÃO OU “UM, SETE, UM”**

Persuadir vem do latim *persuadere*, que significa levar alguém a acreditar ou a aceitar uma ideia, uma proposta, um parecer. Fiquei pensando nas pessoas que têm esse poder.

Encontramos, ou melhor, convivemos, com certeza, com muitas. Delas. Quando era pequena, achava que só meus pais tinham esse chamado “poder de persuasão”, pois sempre conseguiam me convencer a fazer o que eles queriam. (Ainda bem!!).

Na adolescência, descobri que esse poder me era nato (coitado dos meus pais...). Na vida adulta, pude entender que para persuadir, tão ou mais importante do que os argumentos é a capacidade de interagir com as pessoas e saber envolvê-las de maneira honesta e aberta.

Aprendi que se conseguirmos penetrar no coração das pessoas, elas não conseguem colocar resistências, se desarmam por completo. E aí mora o perigo. Quantas pessoas se deixam levar pela boa conversa, pela boa aparência, pela falsa propaganda de pessoas inescrupulosas.

Há algum tempo, um jornal noticiou a prisão de um homem, “um aproveitador de mulheres carentes”. O sem-vergonha primeiro tentava descobrir tudo sobre a sua vítima, sua profissão, seu estilo de vida, seus gostos e, principalmente, sua conta bancária.

Era o tipo de homem com quem toda a mulher sonha: romântico, sensível, educado, prestativo, elegante, bom ouvinte e inteligente (bota inteligente nisto), falava tudo que a vítima queria e precisava ouvir.

E o comportamento? Queres um ciumento? Um caseiro? Um extrovertido? Um tímido? Tem para todos os gostos...

E assim, ele fez muitas vítimas por esse Brasil afora, e não eram mulheres simples, de pouca cultura. As vítimas eram bancárias, empresárias, advogadas, psicólogas... todas à procura de um homem que soubesse ouvi-las. (coisa rara, diga-se de passagem).

Depois de abrirem seus corações, acabaram abrindo também suas contas bancárias, e depois de fazer a festa, ele simplesmente desaparecia, do mesmo jeito que apareceu - do nada.

Mas, felizmente, uma das vítimas desconfiou daquele ser humano tão perfeito, tão maravilhoso, que só falava coisas que ela queria ouvir e tinha a paciência de ouvir as coisas que ela queria falar.

Já na Delegacia, um repórter perguntou ao “perfect man” como ele se definia, e ele respondeu tranquilamente e com a maior cara de pau:

- Eu me defino como “171”.

### **FLEXIBILIDADE**

“O desespero mais comum é o de não se ter escolhido ou de não se querer ser quem é; porém... a forma mais profunda de desespero é escolher ser outra pessoa que não a si mesmo”.

Essa frase de Kierkegaard me fez questionar uma aula dada no meu curso de pós-graduação sobre a escolha da profissão. Realmente fiquei confusa no que diz respeito a “querer fazer o que se gosta” ou “aprender a gostar do que se faz”.

Sabemos o quanto é importante colocar toda a nossa energia naquilo que estamos realizando. O difícil é colocarmos nossa energia, sentirmos prazer, naquilo que na verdade nunca foi o que sonhamos. Seja o que for.

Durante a aula, foi nos colocado o quanto é importante termos um objetivo, fazermos metas. É preciso lembrar que muitas pessoas que não conseguem alcançar seus objetivos se afogam na decepção.

Isto acontece, segundo David Niven, “porque elas se fixam num objetivo determinado em um momento específico. Mas tanto a vida quanto nós mesmos vamos mudando, e o que era fundamental numa época pode deixar de ser mais adiante. Por isso, é preciso deixar que seus objetivos evoluam juntamente com as circunstâncias de sua vida. Embora os objetivos sejam importantes, podem também causar sofrimento e frustração, se não formos flexíveis”.

E aí, o que me vem à cabeça e que acredito é que “se não pudermos fazer o que gostamos, devemos aprender a gostar do que fazemos”.

Dou como exemplo aquele gari que um dia saiu nos noticiários, estava sempre cantando e espalhando alegria enquanto recolhia o lixo das ruas. Será que ficou famoso por ser tão feliz e realizado na profissão ou será por fazer o seu trabalho com amor e dedicação?

Eu fiquei imaginando aquele gari dizendo: hoje estou realizado, ser gari sempre foi meu sonho de criança, desde pequeno eu não podia ver nada jogado no chão, que eu corria pra pegar a vassoura. E os caminhões de lixo que passavam na rua... Eu ficava ali sonhando em um dia ficar pendurado no meio daquele lixo todo...  
EU DUVIDO.

Com certeza, esse homem, quando criança, sonhou com outra profissão, outra vida, mas como as oportunidades não surgem para todos, talvez esse gari tivesse resolvido ser o melhor.

Quem sabe tivesse tido outra oportunidade, escolhido ser um sapateiro, bombeiro, professor... seria o melhor. Acredito que podemos ser o melhor naquilo que fazemos, ainda que não seja exatamente aquilo que tenhamos idealizado um dia. Sempre encontraremos um modo de aplicar nossos conhecimentos, nossos dons, naquilo que estamos realizando, pois nada é único, estático, tudo interage.

O povo oriental diz que a flexibilidade é o segredo da felicidade. As pessoas que são rígidas com os outros ou consigo mesmas são como árvores que se quebram com a primeira tempestade; só ficam de pé, aqueles que se envergam conforme a ventania.

É nisso que acredito.

### **AUTOCONHECIMENTO**

Sempre quando vai chegando o final de ano, parece que as pessoas necessitam fazer novos planos para o ano que se aproxima.

Nunca foi tão difícil saber fazer boas escolhas e ser feliz. É muito angustiante a situação de estar diante de uma escolha e não saber o que se quer fazer.

Antes, achava que a culpa era de se ter um leque muito grande de opções para escolher. Mas, na verdade, os nossos problemas começam muito antes do momento de decidir.

Afinal, para fazermos uma escolha, precisamos saber o que queremos. E talvez, aí, esteja o nosso problema. Não sabemos ao certo o que realmente queremos. Estamos o tempo todo tendo que escolher entre isto ou aquilo: filhos e profissão, direito ou filosofia, cidade ou campo, alopatia ou homeopatia, solteiro ou casado.

No lugar de facilitar as escolhas, essa diversidade de possibilidades, caminhos, acaba dificultando e imobilizando as pessoas.

Afinal, como atingir a tão sonhada felicidade?

O economista chileno Manfred Max Neef acredita que para atingir a felicidade é preciso suprir nove necessidades básicas:

- AFETO E AMOR: amigos e familiares para compartilhar a própria vida;

- LIBERDADE: igualdade de direitos, respeitar e ser respeitado;

- SUBSISTÊNCIA: ter onde morar, o que comer e um trabalho digno;

- COMPREENSÃO: compreender e ser compreendido;

PARTICIPAÇÃO: solidariedade, entrega e disposição;

CRIAÇÃO: fazer o que dar prazer;

IDENTIDADE: saber quem você é e ser reconhecido por isso;

PROTEÇÃO: não se sentir ameaçado;

ÓCIO: ter tempo livre para fazer o que quer.

Ainda assim, acredito que o conceito de felicidade é diferente para cada um de nós. É preciso conhecer a si mesmo. Nunca tive tanta certeza de que o caminho para se chegar à felicidade é o AUTOCONHECIMENTO. Afinal, se não nos conhecermos, como poderemos saber o que é mais importante para nós mesmos?



MARIA AURORA JOSÉ ROMÃO

**MAKTUBE EST..**

Acredito no destino, na vida.

Cada um com sua cruz!

Tudo já está escrito

Cada um com seu pão nosso de cada dia!

Todas as noites, a lua vem iluminar nossos sonhos...

O sol nasce e se põe todos os dias...

Meio meus passos a cada sonho quebrado.

Passo a passo a grassar, às vezes, cruzados!

Esta cruz é só minha; vida minha!

A grassar entre gretas, meio...

Nada me importa sua língua!

Com os meus dois pés, recomeço minha outra sina...

Dia e noite; dia e noite; dia e noite...

Noite e dia; noite e dia; noite e dia...

Não me importam os seus açoites!

Que me importam suas línguas?

Dessas bocas, o amargo finda vidas.

Palavras meiam os passos; passo a passo!

Cobrem nossas retinas; desfaz nossas vidas...

Qu' importam? Qual a lichia, o amor adocica noites e dias!

Mesmo que sua boca jorre todo o seu fel, ainda!  
 Mesmo que seus sete pecados apontem o maior: sua ira!  
 Todos os dias o sol nasce e se põe, luz da vida...  
 E a lua vem iluminar meus passos noite e dia, noite e dia...

Vivo a cada segundo do dia e da noite, vivo!  
 Seguindo em frente, sempre, passo a passo...  
 No cair das noites; no levantar dos dias; ainda!  
 O que somos, senão, o Sopro de Deus, que nos deu a vida!

E suas línguas? E suas palavras? Todo o seu amargo fel?  
 Que importam seus sete pecados capitais? Nada me importa  
 sua tamanha ira!

“O peixe morre pela boca”. Os seus pecados, sua enorme gula,  
 os engula!

Qual a lichia, noites e dias, a jorrar, o amor, com seu mel, adocica!

Mesmo que sua boca jorre todo seu fel, ainda!  
 Mesmo que seus sete pecados apontem sua tamanha ira!  
 Todos os dias, o sol nasce e se põe: luz da vida...  
 E a lua vem iluminar meus passos noite e dia, noites e dias...  
 (Majr, 24 de novembro de 2009)

### **NOSSA!... – BOM-DIA!**

Aos sete dias do mês dois de dois mil e sete, às sete horas da  
 manhã do corrente dia e ano... manhãzinha de verão! Feliz dia por  
 ser abençoado por Deus! Fui fazer a média de todos os dias. Que  
 dia feliz! Amanhecer, assim, pro dia a me acordar! ...

Acordar pra vida! A cantar... Feliz, mesmo, foi a cantada de  
 um moreno gostoso e sensual de voz aveludada e quente...

Sabe aquela coisa gostosa que a gente ouve do acaso, sem  
 esperar, vinda bem de dentro com espontaneidade solta a toda prova!  
 Aquela que a pega de surpresa e você olha de todos os lados achando  
 que aquelas palavras não são pra você, e você busca a dona delas?  
 De repente... É você!

Este moreno e mais três amigos estavam saindo da Padaria  
 Galles; eu estava dando um tempinho pro tempo... Vieram alegres,  
 brincando. O moreno contando uma estória pra eles. Parêcia gostosa  
 a conversa e animada. Ouviam-se mais as gargalhadas do que a  
 própria estória.

Eu ali dando tempo ao tempo! Ele em câmara lenta me mirava  
 como se houvesse só nós dois... À primeira vista, o seu visgo nos  
 meus; seu olhar a me buscar!

Distraída, ouvi uma voz dizendo assim...

- Nossa! Bom-dia!...

Hesitei. Num olhar 43, meio de lado, já saindo, disfarcei...

- Bom-dia!...

Olhei. Que moreno gostoso!

- Que morena! Nossa! Bom-dia!

Que cantada gostosa em pleno início do dia! Se ele estivesse  
 sozinho, teria coragem de chegar mais, mas... com seus amigos ali,  
 olhei, apenas.

Entraram no carro e ele foi o último a entrar, mirando-me  
 lentamente!

Olhei-o, mirei, também; ligou o carro, deu a ré e seguiu em  
 frente... Mas, não sem antes buzinar pra mim.

Buzinei em seguida na espera de algo mais... Mais uma vez,  
 esperei ainda mais!

Durante sete dias do corrente mês de 2007, encantei-me... Daria  
 um agá, já!

Quando o seu carro deu a ré e seguiu em frente... buzinando  
 pra mim, vi-os pelo retrovisor do meu ele ir embora e sumir no  
 horizonte de nossa estrada... Eu? À espera de algo mais...

Desci do carro e entrei na padaria; pedi uma média para o novo dia...

Sem média alguma, ganhei o dia!

- Nossa! Bom-dia!, em meus ouvidos qual uma música.

- Nossa! Que dia!

(Majr, 7 de fevereiro de 2007)

### *PIERRÔS E COLOMBINAS*

Tire essa cara de espanto do rosto.

Não vê o meu sorriso estampado com gosto?

E, o meu caminhar festoso gingando seboso!

Com jeito de quem vem... vem sambar na avenida!

Com sua folia de foliões, alegrias desses beberrões!

Entre sambas enredos e marchinhas de outros carnavais...

Sabe o que é, minha princesa? O seu rei vem coroar sua menina!

De tanta beleza, tino, esperteza sina... Candeias!

Beleza e cultura se misturam num gingado gostoso.

De todas as raças miscigenam vida, incendeiam a sina...

Num doce bailado de suas cadeiras, exala amor!

No perfume do pecado me embriago com você...

Entrelaçados, mesclando a cor e miscigenando a alma.

Eu, minha princesa, eternamente, o amor! O amor da gente!

Prato que se come quente! Desejos ardentes!

Salta de banda, entre nessa onda! Nesta festa tem samba!

Folias, colombinas, foliões, não deixem a tristeza entrar...

Deem asas aos seus corações! Pierrôs!

O seu sorriso estampado no rosto com gosto...

A tristeza como nunca a brilhar com jeito de quero mais!

Com gosto sem a negra máscara, ensejo...

Veja, que beleza, princesa! Prato quente que se come al dente!

Esbanjando charme e pureza; gosto que nos apetece!

Açóites, desejos, amores quentes, quentes, incendeiam a gente!

Doce vinho que embriaga a alma, o coração aquece...

Eu, minha princesa, queimo todo no amor da gente!

Do nosso sorriso estampado brilho irradia a luz!

Prato que se come, vinho que se bebe quente, quente!

Abram alas foliões pra minhas meninas! Encantos colorindo rumos.

Alegrias e tristezas a foliar com gosto na avenida, sim!

Saltam seus foliões, pierrôs nesta encantadora folia!

O brilho dessa alegria nos contagia, irradia vida: luz do mundo...

Pierrôs! Venham, venham brincar com suas colombinas!

Venham coroar suas meninas! De amor e Luz, assim...

(Majr, 23 de janeiro de 2007)

### *SE...*

Se, pudesse, a conquistaria por toda a minha vida.

Se, quisesse, daria muitas luas por todos os seus dias.

Em meio às tristezas e alegrias de nossos dias, adocicaria!

Lhe encheria de risos e suas lágrimas as enxugariam!

De tanto querê-lo sonho com você, em minha vida!

Imaginando-o comigo passo a passo, dia a dia!

Com olhos de criança, brinco com minha dor sentida.

Você não sabe ainda: te amo muito, mais do que imaginas!

Ah! Se, deixasse, entrar um bocadinho, só um tiquinho!

Seria a estrela a brilhar por demais, vida! A mais vistosa menina...

Se, de você um beijo roubasse! Se, beijo a beijo, me amasse...

Sem que o dia soubesse, esticaria um bocado mais à noite!

Em luas e luas, lua e lua, lua e lua, assim por diante...  
 Seria amante, como a lichia em sua vida! Adocicaria.  
 E, você, não seria o mesmo dantes! Nem tampouco de hoje.  
 Amaríamos: noites e noites, tantas, seguidas de muitas outras!

Ainda que falem bastante; que importam as línguas?  
 Nem só elas não têm osso! Não te prendas ao desgosto...  
 Poupe o seu tempo, tenha fé na vida, assim, a adocica!  
 No mais, gosto é gosto! Gosto do seu jeito gostoso!

Se, pudesse o conquistaria por toda minha vida!  
 Se, quisesse, lhe daria muitas luas, seguidas de tantas, mais...  
 Se, de você um beijo lhe roubasse todos os dias! Noites e  
 dias!

Em giras e giras a grassar... Gretas e gretas, ainda...

Como a lichia em sua vida, mais doce a fazia, ainda!  
 Entre beijos, meio; pejo, quando o vejo, assim...  
 Quero passo a passo com você o que a vida nos dá!  
 Minha vida perderia e perde a cor, se não puder lhe ter amor!  
 (Majr, 17 de março de 2008)

### ***SEM ARROZ, NEM FEIJÃO...***

Se você quiser saber?  
 O que faço pra comer...  
 De o trabalho um vencer.  
 E a minha vida por viver...  
 Sei que, ainda, não sonhei!  
 Não tenho tempo pra brincar  
 Se meus irmãos estão aqui...  
 Juntos somos um acordar!

De sua conta não é!  
 O que faço é meu viver...  
 Estudar, escola pra quê?  
 Diplomas não servem pra comer  
 Sou pequeno, uma criança.  
 Sem direitos, sem escolhas.  
 Somos cinco, mais um por vir.  
 Sem essa, você tem que me ouvir.

Com toda essa recessão...  
 Tecnologias, desemprego, globalização...  
 Firmas fechando, muita gente na mão?  
 É isso aí, meu irmão!  
 Cai na real, o real atrasadão!  
 Se você me ouvir.  
 Se assim quiser, aí?

Tudo o que tenho no falar  
 Todas as palavras, minhas emoções.  
 Há muito que aqui estão cheias de arranhões!  
 O meu pai, meu viver.  
 Dia a dia no seu caminhar  
 Muito trabalho por fazer, muitas vidas pra criar...

O pão nosso de cada dia.  
 Sempre traz em suas mãos.  
 Pra nós ainda é pouco.  
 Sem arroz nem carne sem feijão...  
 Sei que isso pro seu ouvir é árduo.  
 Mas preciso de um telhado!  
 Sem janelas, piso, ou portas, o que dizer?  
 O frio entra e nem se importa, se...  
 Tenho minha casa por fazer!

Escuta aqui, meu irmão.  
 Café, almoço e jantar? É esse pão...  
 Ainda com mais sete o divido.  
 Tem jeito não! Somos cinco, mais um por vir.  
 Daqui eu tiro o meu comer.  
 Se você quiser saber.

Tenho dez anos: ler, escrever, eu não sei não.  
 Homem da casa, contas a pagar nas mãos!  
 E minha família pra sustentar.  
 A cada dia um acordar!  
 Não tenho tempo pra sonhar...  
 Escola aqui não tem vez.  
 Isso eu deixo pra vocês...

Deixo a noite pra dormir.  
 Logo cedo meu lutar...  
 Um presente dos Céus vai chegar!  
 Mamãe o está a gerar!  
 Mais um pra nos ajudar...  
 O meu pai se foi tão cedo!  
 Não tenho tempo pra chorar, aí?  
 Dos seis sou o primeiro.  
 E uma família pra eu assumir!

Sei que o estudo é tudo!  
 Abre as portas do saber...  
 O mundo se abre pra mim.  
 Nele posso ser o que quiser ser.  
 Mas aqui, meu irmão!  
 Quem cuidará dos meus?  
 Não tenho tempo pra sonhar  
 Os meus irmãos a me esperar

Alguma coisa nas mãos, eu vou levar!  
 Nem que fique sem almoço!  
 Pois o café ficou pra trás...

Deixo a noite pra dormir.  
 Logo cedo o meu lutar!  
 Passos a passos, faço o meu caminhar...  
 Do meu trabalho, um brincar...  
 Café, almoço, janta? É esse pão.  
 Sem almoço, sem café...  
 Ah... Vou ter que dividir o meu jantar,  
 Outra vez sem arroz, nem feijão.  
 Vou defendendo o nosso pão!  
 (Majr, 26 de junho de 1998)

### VIREIA PÁGINA

Pejo, quando, assim me vejo!  
 Frente a frente com o leão  
 Tocando os dias de sempre...  
 Mudando a história com as mãos!

Sou estrategista de mão cheia.  
 Construo os dias e as noites de pronto.  
 O mistério de cada um de nós, doce, atroz!  
 Batalhas em batalhas quebro as cercas, derrubo muralhas...  
 As minhas e as suas, uma a uma, assim...

Passo a passo, volúpias iludidas!  
 Presas de suas iras, luxúrias de suas cismas...  
 Nas batalhas de Dantes, giras e giras e giras!  
 Já não sou mais como antes?

Vencer, perder, vencer, me vejo quando assim me vejo!  
Tocando os dias e as noites com açoites!  
Mesmo com minhas mãos e as suas...  
Por entre gretas as arestas champanham nuas!

Nas giras de todos os dias, nas noites tão dormidas...  
Passo a passo de garras e honras!  
Com as mãos sedentas de desejos e glórias...  
Virando as páginas de nossas histórias!  
Virando as páginas da minha vida!

(Majr, 30 de junho de 2006)



**SILVIO RIBEIRO**

## **HISTÓRIAS DE GOPOÚVA**

Gopoúva é um bairro de Guarulhos que teve seu nome grafado a partir de uma árvore muito abundante no local em tempos passados conhecida por “Copaíba”, nome de origem Tupi, Kupa-iwa, que produzia um óleo balsâmico medicinal muito empregado em medicamentos, o óleo de copaíba.

Com o decorrer dos tempos, o nome do bairro, por corruptela de Copaíba, passou a chamar-se Gopoúva. Antes bairro da copaíba, atualmente bairro de Gopoúva.

No transcorrer de sua história, o bairro ficou muito conhecido não só no município de Guarulhos, como em todo o estado de São Paulo e mesmo de grande parte do Brasil, por conter em seus limites o Sanatório Padre Bento, devido à sua função precípua, a cura da doença denominada Lepra, atualmente mais conhecida por hanseníase, o qual era mantido num sistema de isolamento até final da década de mil novecentos e cinquenta, e também pela estação do trem da Cantareira, ramal de Guarulhos e que tinha o mesmo nome do bairro “Estação de Gopoúva”, a qual era o marco central do bairro.

Até 1949, Gopoúva, que era um bairro isolado, passou a contar com novos vizinhos, o bairro do Jardim Tranquilidade, seguido pelo Jardim Vila Galvão.

A comunicação de Gopoúva com o centro da cidade ocorria por uma singela estrada, atual Avenida Emílio Ribas e ou pelo trem, que por sua vez também conduzia os poucos moradores do bairro

para o trabalho na Capital, cujo ponto final era a Estação do Tamanduateí que se localizava na esquina das Ruas João Teodoro e da Cantareira lá em São Paulo, viagem que durava em média uma hora e quinze minutos.

O caminho que partia do centro de Guarulhos até o bairro de Gopoúva, atual Av. Emilio Ribas, não ultrapassava os portões do Sanatório Padre Bento, além, era somente matagal até as proximidades de Vila Galvão.

Nesses tempos, as necessidades do pequeno bairro eram conseguidas através de um grupo de mulheres abnegadas, intituladas “Liga Feminina de Gopoúva”, cuja ação era de praticamente conseguir “à força” junto às autoridades municipais da época, as benfeitorias que se faziam necessárias ao bairro, uma vez que a maioria dos homens, chefes de famílias, passava a maior parte do tempo ausente do bairro, trabalhando na capital devido à escassez de trabalho no município, e o meio utilizado para se deslocarem para o trabalho era o “trenzinho”.

Numa de suas reuniões, a Liga resolveu que deveria trabalhar para conseguir junto ao prefeito, a abertura de uma rua que, partindo da continuação do caminho que alcançava o Sanatório Padre Bento, chegasse ao bairro de Vila Galvão.

E lá se foram elas uma tarde à Câmara Municipal, num dia de reunião dos poucos vereadores existentes, exatamente quando se encontrava em visita àquela casa de Leis, o senhor prefeito municipal, Fioravante Iervolino. Sem que os vereadores reunidos contassem com a surpresa, as representantes da Liga, em número de dez senhoras decididas, tomaram o plenário. Assustados com aquela invasão, o presidente senhor Reinaldo Poli indagou qual seria o motivo daquelas presenças naquele local. Houve um momento de incertezas, uma pedia a outra para expor o real motivo. Após rápida decisão, a senhora Antônia Silveira Ribeiro, dona Antônia, uma das líderes da Liga, passou a expor os motivos:

“Estamos aqui para pedir aos senhores vereadores e aproveitando ao senhor prefeito diretamente, que seja aberta uma rua a partir do Sanatório Padre Bento até o bairro de Vila Galvão, acreditamos não passar de dois mil metros de extensão, aproveitar também para pedir que os senhores, autoridades municipais, providenciem carne e leite para os pobres do bairro, pois temos crianças que não têm nem o que comer, passam dias e dias sem ter um leite nem um pouco de carne em suas refeições, daí serem crianças doentes e desnutridas.

Após terem sido expostas todas as suas necessidades, se desculpavam pela invasão daquela repartição pública, retirando-se a seguir.

No dia seguinte, às sete horas da manhã, dona Antônia ainda estava dormindo, quando parou em seu portão uma motoniveladora da prefeitura de Guarulhos, a única existente no município, com o condutor procurando pela senhora Antônia, pois o prefeito dera ordens diretas para que ele fosse procurá-la para indicar onde seria aberta a rua solicitada. Um tanto assustada por toda aquela agitação, atendeu o motorista do trator e após se inteirar do acontecimento, subiu juntamente com o tratorista na cabine e lá se foram para o local da abertura da rua. Sem descer da máquina, acompanhou o tratorista em sua primeira investida no terreno, rasgando o solo e iniciando a abertura da rua almejada.

O trabalho durou dois dias seguidos e lá estava pronta a estrada de terra que ligava Gopoúva à Vila Galvão.

Para inaugurar a estrada, as representantes da Liga conseguiram um dos poucos caminhos existentes no município, que as conduziu até o centro da cidade, praticamente obrigando o prefeito, vereadores e outras autoridades a percorrer todo o percurso entre o centro de Guarulhos até Vila Galvão, passando pela nova estrada, e por todo itinerário os moradores acenando para a comitiva, também havendo queima de fogos para marcar a conquista.

Um dia depois de inaugurada a nova rua, lá estavam novamente representantes da Liga, encabeçada por dona Antônia, junto ao prefeito senhor Fioravante Iervolino, que, além de prefeito era o proprietário da única empresa de ônibus do município, Empresa de Ônibus Guarulhos, para lhe pedir que colocasse um ônibus que passasse por Gopoúva e chegasse a Vila Galvão.

O prefeito um tanto preocupado alegou que não teria condições de atender aquele pedido, pois não dispunha de ônibus necessários e os que existiam estavam sendo utilizados na linha Guarulhos – Penha.

Frustradas pela negação, disseram ao prefeito: “O senhor vai ter que resolver esse problema, nós precisamos de condução”.

O prefeito, que sabia do potencial da Liga, após ligeiro estudo do problema, resolveu deslocar duas jardineiras, os ônibus da época, para a nova linha até Vila Galvão, mandando anunciar para as representantes da Liga sua decisão.

Foi um momento de grande euforia para todos os moradores a passagem pela primeira vez de uma linha de ônibus por Gopoúva. Estava inaugurada a nova linha com muita festa, tendo uma jardineira partindo do centro de Vila Galvão e ao mesmo tempo outra partindo do centro de Guarulhos, que se cruzavam exatamente em frente ao portão do Sanatório Padre Bento.

No que se refere às demais solicitações, dois dias depois de inaugurada a linha de ônibus, o prefeito mandou entregar para a Liga um saco de aproximadamente sessenta quilos de carne fresca, várias caixas de leite um cesto de pães para serem distribuídos à população carente.

Ao receber importantes alimentos, a Liga, com a ajuda de voluntários, conseguiu reabrir as portas de um armazém abandonado, rapidamente limpo e higienizado. Ali foi colocado todo o material, a carne toda picada também por um voluntário especialista e dedicado, em seguida, passou-se a distribuir os gêneros alimentícios aos necessitados, e assim foi por muito tempo.

Por suas ações beneméritas, dona Antônia, que era casada com um sargento da Força Pública, senhor Jaime Ribeiro, ficou muito querida por todos os moradores do bairro.

Atualmente com seus noventa e dois anos de vida, vive das lembranças de tudo que fez por Gopoúva e sua gente, com muita dedicação, carinho e amor, sem nunca usufruir de benesses por seu desempenho.

### **A PAINEIRA**

Existe na Praça de Gopoúva, como é conhecida a Praça Antonio Nader, homenagem a um dos primeiros moradores do bairro de Gopoúva, que residia no imóvel que atualmente é utilizado pela Casa dos Cordéis, porém ainda propriedade da família Nader, uma grande árvore, uma paineira, que ao tempo da Estrada de Ferro, ficava ao lado da Estação Gopoúva e que ajudava a emoldurar a paisagem principalmente na primavera quando suas flores desabrochavam colorindo o local. Esta árvore era muito apreciada por todos que por ali passavam.

Num determinado dia do ano de 1951, compareceu junto à paineira um grupo de funcionários da Prefeitura Municipal de Guarulhos com incumbência de derrubar a árvore, pois ali deveria haver um remanejamento de ruas e a árvore estava bem no centro da questão.

Moradores das proximidades, ao verem tal atitude, correram a avisar dona Antônia para saber qual atitude poderiam tomar para impedir tal atrocidade.

Dona Antônia, após reunir todas as pessoas possíveis do bairro, foi até o local da paineira, dizendo aos executores da ordem que ninguém iria cortar a árvore e que ela fazia parte do bairro.

Os funcionários alegaram que estavam cumprindo uma ordem do prefeito e que a árvore seria derrubada a qualquer custo.

Revoltados, armados de enxadas, facões, paus e outros utensílios, os moradores, encabeçados por dona Antônia, fizeram um círculo em volta da árvore e disseram: “O primeiro que se aproximar da árvore vai ter o que merece”.

Assustados com aquelas promessas de agressão, os funcionários recolheram os materiais e se retiraram do local.

Ao chegarem à prefeitura foram direto ao prefeito expondo o caso e que havia uma mulher que parecia ser a líder da revolta a qual comandou todo aquele movimento.

Após ouvir atentamente os funcionários, o prefeito indagou como era essa mulher, querendo saber de suas características, tendo o encarregado lhe explicado todos os detalhes, e reconhecendo a figura de quem se tratava, retirou a ordem, mandando que ficasse tudo como se encontrava originalmente.

Nunca mais se tocou no assunto e a paineira continua no mesmo local onde se encontra lá na Praça Antônia Nader, tornando-se praticamente um patrimônio de Guarulhos pela sua história e antiguidade, existindo inclusive disposição para seu tombamento.

## *CINE REPÚBLICA*

*Localizado na Praça Conselheiro Crispiniano*

Estava o velho cinema,  
Seu nome Cine República,  
Cuja fama era estupenda.

O único cinema no centro,  
Dos poucos que havia em Guarulhos,  
Era o mais querido de todos,  
Tido com muito carinho e orgulho.

Suas sessões eram concorridas,  
Ninguém queria ficar de fora,  
Todos aguardavam na fila,  
Até que chegasse a hora.

Raramente estava vazio,  
Em qualquer sessão ele lotava,  
Principalmente nos sábados à noite,  
Nas matinês de domingo, a coisa se agravava.

Os filmes mais assistidos,  
Eram os de farowest americano,  
Os seriados e as aventuras,  
Também os filmes mexicanos.

Quem mais valorizava o cinema  
Eram os casais de namorados,  
Que utilizavam suas sessões,  
Para os encontros marcados.

Cinema de porte médio,  
 Havia seiscentos lugares sentados,  
 Nos filmes mais famosos,  
 Até os corredores eram lotados.

Os seriados eram acompanhados,  
 Todos os domingos na matinê,  
 Ninguém faltava em um só capítulo,  
 Para a sequência não perder.

Era o lazer principal,  
 Onde as pessoas se divertiam,  
 Todos aguardavam na fila,  
 Quando para lá se dirigiam.

Sempre havia o intervalo  
 Entre o filme e o seriado,  
 As pessoas se dirigiam à lanchonete  
 Para tomar o refresco de groselha bem gelado.

Enquanto durasse o intervalo,  
 Eram trocados revistas, gibis e tudo mais,  
 Os quais sempre levados ao cinema,  
 Como parte dos costumes gerais.

Aquele que fosse ao cinema,  
 E que estivesse acompanhado,  
 O que entrasse primeiro,  
 Guardava o lugar ao lado.

O Cine República foi extinto,  
 Mas seus momentos foram de glória,  
 Diferente dos cines atuais,  
 Que nem sequer têm história.

Nada se compara a seu romantismo,  
 Cuja história só nos traz saudade  
 Dos bons tempos vividos aqui  
 No centro desta cidade

#### *COLÉGIO CAPISTRANO DE ABREU*

Embora um tanto esquecido,  
 É patrimônio de nossa história,  
 Como casa de ensino guarulhense,  
 Ainda fornece instrução e muita glória.

Pioneiro no ensino guarulhense  
 No nível ginásial,  
 Quem não lograsse uma vaga,  
 Tinha que estudar na Capital.

Sendo único ginásio existente,  
 A concorrência era volumosa.  
 Nos exames de admissão,  
 A situação dos retidos era dolorosa.

Suas provas eliminatórias  
De português, ciências, matemática e conhecimentos gerais,  
Iam aos poucos excluindo os candidatos,  
Os critérios para todos eram iguais.

Na aprovação ascendia os da elite,  
Pois eram mais confiantes e preparados,  
Sempre os primeiros da lista,  
Que se tornaram vultos inteligentes e educados.

Velha escola que nos traz saudades  
Do tempo de nossa mocidade,  
E estudar em suas dependências,  
Para muitos, era uma vaidade.

Como acontece com tudo,  
Quando o progresso aparece,  
Ficastes um tanto apagada,  
Mas, seu brilho nunca se esquece.

Colégio querido e pioneiro,  
Seus ensinamentos, sempre serão lembrados,  
Você revelou importantes guarulhenses,  
Muitos conhecidos e respeitados.

### A BELA PRAÇA

Nascida no aflar do progresso,  
Pelos reclamos das necessidades de então,  
Com fulgor, ampla e bela,  
No meio da imensidão.

A Praça Getúlio Vargas,  
Com sua fonte invulgar,  
Transformou-se em grande atrativo  
Para os jovens casais ao namorar.

Toda florida, arborizada,  
Diversos bancos que a todos sempre servia,  
Para apreciar as águas da fonte,  
E o colorido do jogo de luzes que ali existia.

Transformou-se no ponto certo  
Para os encontros do fim de semana,  
Também tranquilo passear,  
E apreciar as belezas que dela emana.

Muitos anos se passaram,  
E seus belos jardins sempre se via,  
Mas o progresso marcante a deteriorava,  
Por todos cantos o sinal aparecia.

Lembranças da fonte luminosa,  
Das águas e dos jatos coloridos  
Desativados e retirados sem tolerância,  
Com o tempo, se tornaram esquecidos.

Recordamos tristes e saudosos,  
Do seu belo nascimento,  
Que a todos trouxe alegrias,  
Hoje se encontra no esquecimento.

Não vemos mais casais amantes,  
Nem famílias com seus rebentos,  
Apenas desocupados,  
Que nos trazem muitos tormentos.

### **RECRUTA GUARULHENSE**

O progresso quando chega  
Traz muita felicidade,  
Tanto pra quem mora no campo,  
Como os que vivem na cidade.

Assim aconteceu em Guarulhos  
Aos recrutas militares,  
Para servir o governo,  
Partiam pra outros lugares.

Havia três opções,  
Exército, marinha e aeronáutica,  
O exército e a marinha ficavam fora,  
E aqui somente a aeronáutica.

Porém, não era tão fácil  
Ingressar na aeronáutica,  
Pois havia um teste de aptidão  
Feito por escrito e na prática.

Além da prova escrita,  
Também pesava a altura,  
O candidato devia ter um metro e setenta,  
E mostrar certa desenvoltura.

No exército era mais fácil,  
Até com um metro e cinquenta aceitava,  
Bastava ser aprovado no exame médico,  
E logo se incorporava.

Na marinha, tudo bem difícil,  
Pois havia somente em Santos

O simples alistamento,  
Para o candidato era um desencanto.

O problema era a distância,  
Aos que para lá se aventuravam,  
Além de ser muito longe,  
A viagem os atormentava.

Para quem lograsse a aeronáutica,  
No quartel de Cumbica é que servia,  
Cujo acesso era feito pelo trem de Guarulhos,  
O único meio de transporte que existia.

Com uniforme caqui-amarelado,  
 Lotavam o trem especial,  
 Onde viajavam somente militares  
 Dos arredores e da capital.

Já os do exército,  
 Que da aeronáutica escapavam,  
 Eram mandados pra ser recruta,  
 Na cidade de Caçapava.

Sempre uma viagem dramática,  
 Não havia condução adequada,  
 Era necessário ir de carona,  
 Esticando o dedão na estrada.

O regresso demorado  
 Durava quinze dias e até um mês,  
 Era sempre comemorado,  
 Pelos familiares todos de uma só vez.

Mas o tempo trouxe o progresso,  
 Que a todos facilitou,  
 Para o recruta de vida difícil,  
 De certa forma, tudo melhorou.

Foi criado o Tiro de Guerra,  
 Unidade derivada do exército  
 Para formar os militares de Guarulhos,  
 Tudo aqui e bem mais perto.

Segundo o regulamento  
 Que rege o Tiro de Guerra,  
 Obriga servir menor tempo,  
 Que os serviços de outra esfera.

O jovem pode servir a pátria,  
 E a outros afazeres se dedicar,  
 Além dos serviços particulares,  
 Também pode estudar.

Diferente dos mais antigos,  
 Que ficavam muitos dias fora,  
 Hoje ele está sempre em casa,  
 Devendo apenas cumprir sua hora.

De qualquer forma, tudo é válido,  
 Servindo o exército, marinha ou aeronáutica,  
 Olavo Bilac, nosso poeta já dizia:  
 “O importante é servir e ser útil na vida e na pratica”.

que me diriam que o provimento de 'cultura' nas escolas seria uma tarefa para os professores. Sim, até concordo. Mas, também, acho que os acadêmicos têm igual responsabilidade, de nosso país em curto prazo. Pois são detentores de 'saber', 'conhecimento', que podem ser partilhados com as Instituições de ensino. Podem ir às escolas e falar dos grandes poetas e escritores brasileiros. Podem trazer de volta aos alunos, o prazer de fazer poesia, sem falar de outros 'valores culturais' que também podem ser partilhados. Os acadêmicos são poetas, escritores, historiadores, autores de livros, que extasiam qualquer leitor. Deles podemos ouvir desde um discurso de profundo teor técnico, uma poesia dolente, até uma história infantil carregada de cores, sabores e fantasia. Sim, a AGL é muito importante para Guarulhos. E também para o Brasil, principalmente neste momento em que vivemos uma transição, quando já nos tratam de 'país emergente'. Entretanto, se não cuidarmos adequadamente da formação de nosso povo, seguiremos convivendo com o atraso. Mas tenho certeza de que daremos um salto rumo ao futuro, deixando de ser um 'país Brasil' para sermos um 'Brasil nação'. E a AGL tem um papel importante neste processo.

*Bosco Maciel*